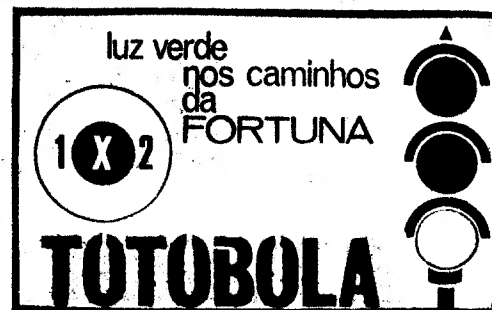


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 901 ANO 49.º PREÇO 1\$50



Violento terramoto no Sul da China

confirma Rádio Pequim

HONG-KONG, 9 — (R.) — A China confirmou hoje ter-se registado um violento terramoto na província de Yunnan, no Sul do país, no princípio desta semana.

Transmitindo a primeira notícia oficial chinesa sobre o abalo sísmico, a Rádio Pequim anunciou, numa emissão captada em Hong-Kong, que os habitantes da província de Yunnan uniram os seus esforços para «lutarem contra o desastre».

O MAR VAI «COMENDO» A CAPARICA

O mar não desiste de «comer» o que resta da Praia de Caparica. Na madrugada de hoje, lá foi mais uma fatia com cerca de 40 metros de profundidade... (Ler na pág. 4).

O observatório real de Hong-Kong anunciou que o sismo, verificado na segunda-feira, foi «potencialmente destruidor» e que o seu epicentro se localizou perto de Kunming, cidade de um milhão de habitantes, a curta distância da fronteira entre a China e a Birmânia.

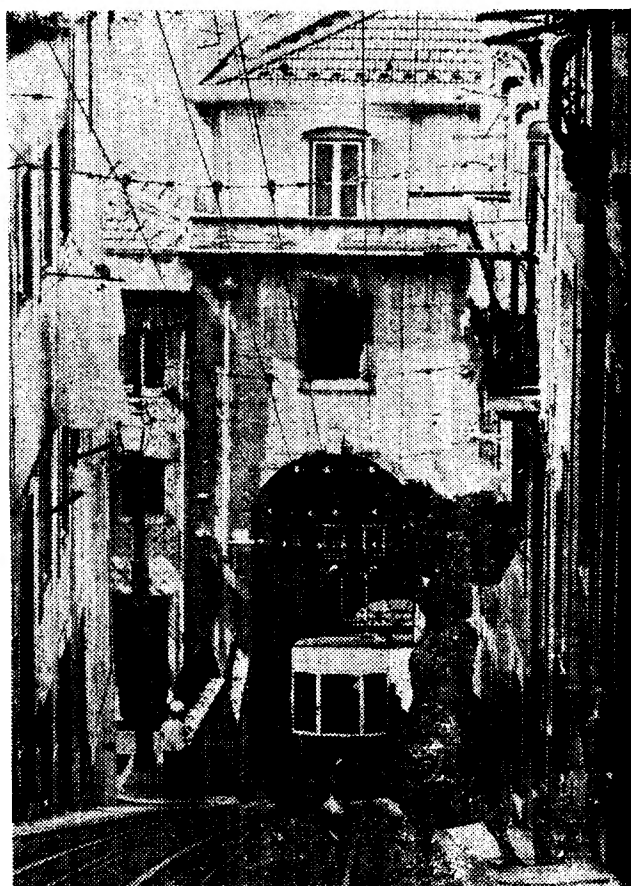
Segundo o observatório de Hong-Kong, o abalo atingiu uma intensidade entre os graus 7,5 e 8 da escala Richter. Os mais violentos terremotos desde sempre registados alcançaram um máximo de 8,9 pontos da mesma escala.

A Rádio de Pequim comunicou que o sismo abalou a parte sul de Yunnan à 1 hora local de 5 de Janeiro, atingindo uma magnitude de 7 na escala de Richter.

Kunming, uma importante ligação ferroviária com o Vietnã do Norte, está situada a cerca de 400 km da fronteira da Birmânia.

A China tinha permanecido silenciosa até agora acerca do terramoto, registado pela primeira vez em Hong-Kong à 1 e 3 locais

(Continua na última página)



Na Bica, o ritmo da vida é, ainda hoje, marcado pelas viragens do elevador. Para cima, para baixo. Para cima, para baixo. Mas a Bica oferece características inconfundíveis, pela paisagem humana que a ambienta (Reportagem na 2.ª página)



HELDER CÂMARA PARA O NOBEL

CARACAS, 9 — (A. N. I.) — O secretário-geral da Conferência Latino-Americana dos Sindicatos Cristãos anunciou que apresentará a candidatura de mons. Helder Câmara ao Prémio Nobel da Paz 1970.

Durarão três anos os cursos dos futuros Institutos Politécnicos

Ler na página central

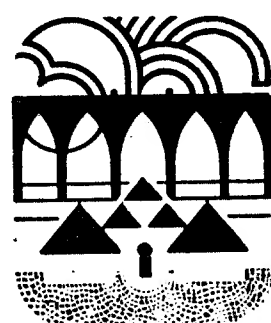
COM A REPETIÇÃO DAS GRAVURAS mais concorrentes vão participar na nossa iniciativa

LISBOA, nem pelo seu aspecto novo, que dia a dia se radica, deixa de conservar as características de paisagem humana profundamente portuguesa, à maneira de sempre, ao velho gosto, mesmo em face dos problemas da mais grave actualidade. Lisboa, ciosa das tradições, apaixonada pelo tempo antigo, mas vivendo no bulício do seu milhão de habitantes, está cosmopolita e envolve uma cidade nova, onde se rasgam artérias esplêndidas e a construção se desenvolve, num crescendo magnífico.

Os aspectos tradicionais e algumas das suas expressões como capital expersa estão documentados no

«Album de Lisboa», a iniciativa que o nosso Jornal promoveu e tem sido acompanhada com o maior entusiasmo por muitos milhares de leitores, de Norte

(Continua na página seguinte)



PUBLICAMOS NA 2.ª PÁGINA A GRAVURA N.º

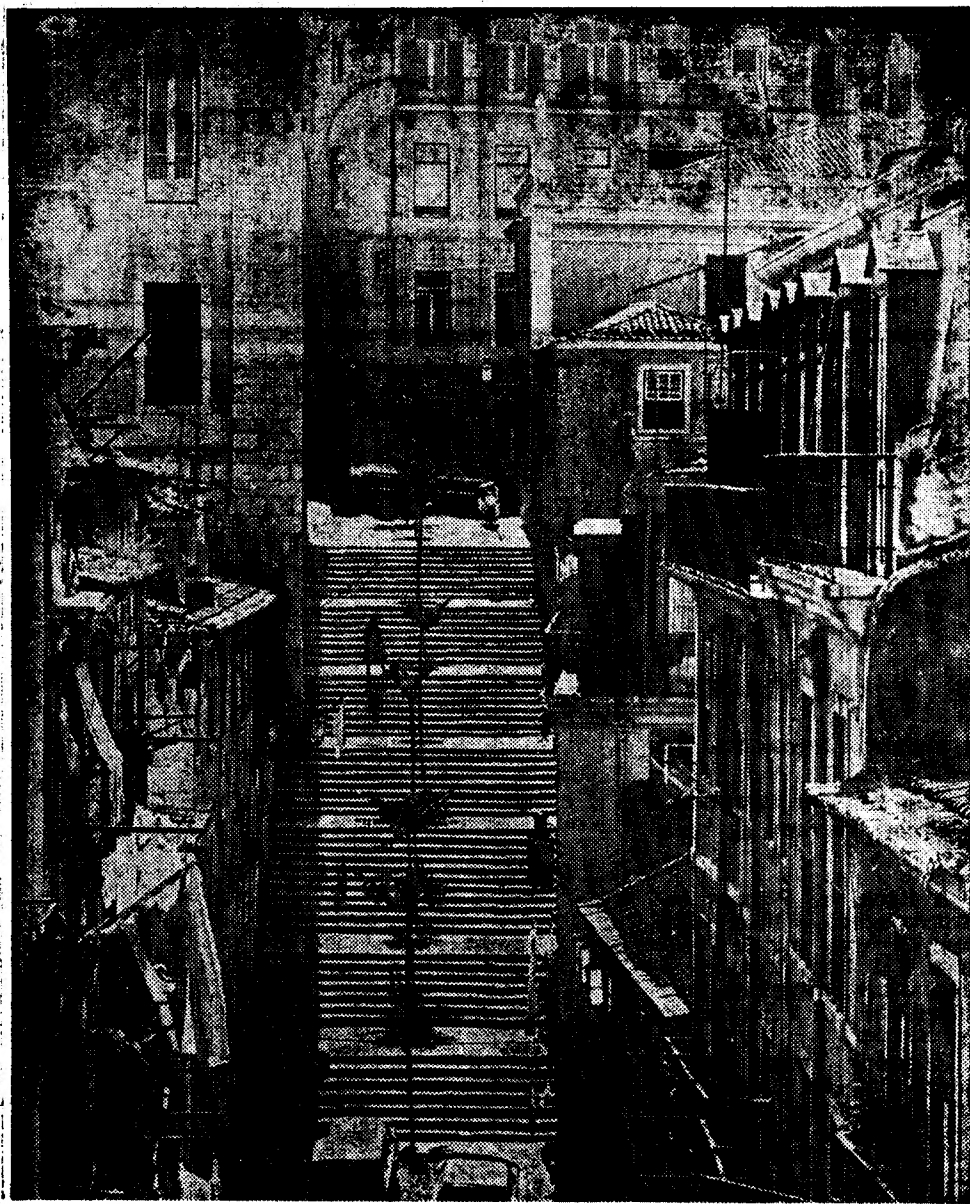
29

DO NOSSO CONCURSO

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Edição da noite

«ÁLBUM DE LISBOA»



As escadinhas da Bica são como um grande e natural carroussel, onde a petizada inventa as suas aventuras. Ali brinca á vontade. Local para ter crianças só a Bica. Por cima das cabeças, roupa branca estendida pelas janelas, que, impudicamente, seca e denuncia intimidades



Recorte e cole a gravura n.º 29 no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telex.: 65 45 33/65 45 34

OS «STANDS» GAZCIDLA DE LISBOA

Os «stands» da Cidla, integrados na campanha «Gazcidla no seu bairro», e as zonas que servem:

- | | |
|----------------|--|
| ALCANTARA | — Largo do Calvário, 12-C |
| ALECRIM | — Rua do Alecrim, 77 |
| ALFAMA | — Rua de S. Miguel, 5 |
| ALVALADE | — Rua José Duro, 27-C |
| ARROIOS | — L. Mendonça e Costa, 9-C |
| AVENIDAS NOVAS | — Av. Miguel Bombarda, 56-A |
| BAIRRO ALTO | — Rua da Atalaia, 131 |
| BENFICA | — Rua Emilia das Neves, 4-B |
| BOA HORA | — Trav. da Boa Hora, 30-D-E |
| CAMPO | |
| DE OURIQUE | — Rua Infantaria, 16-57-A |
| CAMPOLIDE | — Rua de Campolide, 94-C |
| GRAÇA | — Largo da Graça, 63-D |
| LUMIAR | — Pr.º Alexandre Ferreira, 32 |
| MADRAGOA | — Rua da Esperança, 134 |
| OLIVAIS | — Rua Cidade de João Belo, lote 86-Lj. B |
| REGO | — Rua da Beneficência, 61 (a inaugurar brevemente) |
| 24 DE JULHO | — Avenida 24 de Julho, 94-A |

Em todos estes «stands» encontrará pessoal especializado para prestar assistência técnica, exposição permanente dos mais modernos modelos de material de queima e pronto fornecimento de gás — com rapidez, eficiência e simpatia.

A REPETIÇÃO DAS GRAVURAS

(Continuação da pág. anterior)

a Sul do País, que ficando possuidores de textos e gravuras da cidade, e a conhecer pormenores históricos que ignoravam, estão, também, habilitados a óptimos prémios, de grande valor e utilidade, entre os quais se salientam um confortável apartamento mobilado, num dos blocos já construídos em Miratejo, a cidade-panorama, pela Realidade, S. A. R. L.; e um magnífico automóvel «Toyota», modelo «Corolla 1100», de que são representantes Salvador Caetano, S. A. R. L. e distribuidores, em Lisboa e no Porto, Transmotors, S. A. R. L.

ALBUNS A VENDA EM LISBOA

Independente de todas as localidades onde pode encontrar-se, o «Album de Lisboa» está, também, à venda em todas as tabacarias revendedoras do nosso Jornal e, igualmente, nos nossos vendedores de rua. Cada exemplar do «Album de Lisboa» importa em 2\$50 e ficará sempre propriedade do concorrente, que poderá participar na nossa iniciativa com quantos exemplares quiser. Ampliam-se, pois, as possibilidades de concorrer. Evidentemente, os concorrentes que assim quiserem, podem solicitar o envio de Alburns directamente aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º

A REPETIÇÃO DAS GRAVURAS COMEÇA NO DOMINGO

Atendendo inúmeras solicitações que nos foram dirigidas de todos os pontos do País, e por se encontrarem esgotados vários números do Jornal, o que obrigaria a novas tiragens, decidimos fazer a repetição de todas as gravuras do nosso concurso, à razão de duas por dia. Permittimos, assim, a muitos concorrentes a possibilidade de participarem na nossa iniciativa com mais do que um «Album de Lisboa», aumentando as possibilidades de possuírem um dos óptimos prémios. A repetição das gravuras começa já no próximo domingo. Os pedidos para a remessa de Alburns para qualquer ponto do País devem ser dirigidos aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, em Lisboa, que prontamente os atenderão.

BICA: GAIOLA ONDE O POVO CANTA

ORA POIS: A BICA — a Bica que não é um bairro, nem um lugar, nem uma rua. A Bica é um sítio.

A Bica é uma nesga de casario que teve de abrir risco ao meio para deixar passar o elevador.

Mas, bem, começemos pelo princípio: os limites.

A Bica fica metida, a todo o comprimento e largura, num rectângulo inclinado — vá lá: descaído — entre a «alta» do Calhariz e a «baixa» de São Paulo. De lado, as cumhas, que não deixam a Bica estender os braços para fora das suas dimensões, são a Rua das Chagas, que a encosta ao Loreto, e a Rua Marechal Saldanha, que a une a Santa Catarina.

A Bica é, pois (em imagem, é evidente) uma fatia cortada no bolo da colina do Bairro Alto, que nem chega ao topo da elevação, nem se insinua até ao Tejo, que, lá em baixo, é Ribeira, cais de pesca, lote de pescada. A Bica é o primeiro degrau

da cidade que sobe do rio, o último de quem a desce a caminho da margem velha.

PRIMEIRO: AS CRIANÇAS

Ora pois: a BICA! Dum lado, o Chiado, que sempre foi burguês, lojeiro, vendedor de ilusões; doutro lado, o alto de Santa Catarina, fidalgo, cartoleiro, novo-rico. E, no meio, a Bica: popular, desamaneirada, rufia, brigona, arregaçada, trabalhadora.

A Bica é uma gaiola onde o povo canta, sem se deixar contaminar pelo ar convencional da vizinhança.

A Bica é sítio de gente pobre. E lugar de gente pobre é local de roupa branca estendida pelas janelas, que impudicamente seca e denuncia intimidades, mas também é colto de criança pelas ruas. E local para ter crianças só a Bica!

Com as casas pequenas e as ruas estreitas, a petizada tem um grande e natural carroussel á sua espera: as escadinhas. Lá saltam e riem e brincam. Lá, invertem as suas aventuras. Lá são da rua, que é de quem mais é o Povo.

É verdade. As escadinhas da Bica, com degraus de pedra e sem balaustradas incómodas são os grandes parques de diversão da gente-miuda. Lá, descobriam um jogo de pericla e de perigo para os não-iniciados. As crianças ricas doutros bairros não têm esse gosto; têm só brinquedos comprados.

É assim. Mal chega o tempo seco, com um cheirinho a Primavera que lá nem se sente, começa a brincadeira. A miudagem ripa tábuas, de caixote ou velhas gavetas desmanteladas, e apara-as. Pule-as. Ensebeia-as. Depois, abre-lhe dois buracos numa ponta, passa-lhe uma corda, como se fosse uma rédea, e leva os seus cavalos-lisos de madeira até ao alto das escadinhas — seja do lado das Chagas, seja do de Santa Catarina. Em seguida, senta-se. Endireita-se. Ampara-se. E começa a escorregar.

Fazem corridas. Assustam os passantes. Dão trambolhões. Rasgam os fundilhos. Respondem, em casa e á bofetada, pelos estragos. Mas que tem isso? A brincar fazem-se fortes, possantes, destemidos. Homens para um outro amanhã, que é de trabalho duro.

EM TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO

Ora, pois: a BICA! Em tempos que já lá vão, os meninos, lançados nas sortes do escorregar das escadinhas, tornavam-se homens valentes. A rufagem sempre cultivou a valentia. A Bica sempre teve os seus heróis populares. Isto, quando o Rufia era uma instituição e a ética era o ponto de honra do malandro.

Nesse tempo, que não vai muito longe, Lisboa procurava «o mais valente» e, nesse particular, a Bica sempre deu cantas. Era um baralho de rufagem.

Por essa altura, os mais pobres tinham uma safra: os trabalhos pesados; a vida-madrasta; quase sempre o mar.

A Bica deu muitos marinheiros e, no seu correlativo, os marítimos de água-doce: catraeiros e calafates.

Ora foi um destes, o homem de maior fama, na Lisboa rufia do começo do século: o Marujinho da Bica.

Vá lá uma história desse tempo.

Dizem que o Marujinho da Bica não passava dum catraeiro da Ribeira que petingava peixe na lota e safava umas pastas á marinagem estrangeira que batia o porto e as «docas secas» do Bairro Alto. Consta que, muito novo,

deu o salto para a América, num cargueiro lento. Escondeu-se numa baleeira. Desembarcou de «golfa». Lá, fez tudo o que faz um homem valente que não se deixa vencer pelas leis que só protegem os outros. Diz-se que viveu com uma ladra, destas que os americanos inventaram para uso de Hollywood, com «unha na palma da mão». Mas, bem, seja como for, o Marujinho da Bica regressou e foi desaguar no seu bairro — no seu sítio.

E, aí, começou a sua história. Valente, ágil, hábil na pancada, o Marujinho da Bica começou a andar, de bairro em bairro, a desafiar os que tinham fama de valentes e a demonstrar-lhe que, na Bica, o eram mais.

Saiu sempre vencedor deste torneio popular, até que se retirou, sem derrotas, como hoje se diz em termos de desporto. Mas o Marujinho deixou sucessor. Agarrou um rapaz do sítio, desses do escorrega-escorrega das escadinhas, e treinou-o para ser valente.

Esta segunda história é a do célebre Patuleia. O homem que só caiu á ponta de uma navalha. A tradição — que é só assim que alguém pode vencer a BICA.

Por 20\$00 leia
A Brasileira
TINTIM
POR TINTIM
Um humor diferente!

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Possíveis dificuldades nas conversações sobre o desarmamento

WASHINGTON — O chefe da delegação americana às conversações «Salt» mostrou-se optimista quanto às perspectivas de chegar a acordo com os soviéticos sobre o «contrôle» dos armamentos. Depois de se ter aviado, na Casa Branca, com o presidente Nixon, Gerald Smith declarou aos jornalistas que «as perspectivas eram melhores que no passado».

Mas dois factos novos surgidos no Pentágono e no Congresso levaram muitos dos que são favoráveis ao «contrôle» dos armamentos a fazer pouco caso do optimismo de Smith.

O senador John Stennis, presidente da Comissão Senatorial das Forças Armadas, não deu um dos seus colegas conservadores o senador Henry Jackson, para presidente de uma subcomissão especial encarregada de estudar as implicações de todo o acordo negociado.

No Pentágono soube-se, entretanto, que Richard Latter, de Rand Corp. fora escolhido como conselheiro do grupo de trabalhos «Salt». Latter seria, segundo um funcionário da Agência para o Contrôle dos Armamentos, um «cultura conservador» quando se trata de avaliar as capacidades militares da U.

R. S. S. e da maneira como os E. U. A. deviam reagir.

Simultaneamente, os E. U. A. continuam a estudar propostas pormenorizadas que irão apresentar aos

Smith recusou-se a indicar se tinha discutido com os soviéticos uma moratória comum sobre os «Mirs» antes da conclusão formal de um acordo sobre o «contrôle» dos armamentos. Indicou que daqui até Abril seria estudada uma moratória nesse sentido.

Os E. U. A. foram às negociações preliminares de Helsínquia sem terem propostas acabadas para exporem aos soviéticos — não se sabe se já as terão

nosso país e no equilíbrio das forças estratégicas. Stennis anunciou que a Comissão se reuniria a intervalos regulares, mas ainda não se fixou nenhuma data.

Um dos principais temas dos trabalhos desta Comissão será a «importância» da questão das garantias e da verificação de todo o acordo», indicou Stennis.

A influência que Richard Latter exercerá sobre as posições que os dirigentes da Secretaria de Estado da Defesa tomarão quanto às conversações «Salt» é ainda ignorada. Latter será o único conselheiro «full time» do grupo especial do Pentágono, a trabalhar para John Foster, director do Departamento de Investigação da Secretaria da Defesa. O próprio Foster é um especialista em armamentos nucleares que em 1963, se pronunciou sobre os riscos militares e técnicos do tratado proibindo as experiências nucleares.

Espera-se que Foster tome posições conservadoras a propósito das propostas de «contrôle» dos armamentos. Latter ficará em posição de apoiar os seus argumentos.

Por GEORGE WILSON

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

soviéticos, quando as conversações forem retomadas em Viena, a 16 de Abril.

Sobre as discussões preliminares de Helsínquia, Smith recusou-se a indicar qual ponto particular parecia suficientemente amadurecido para um acordo, mas disse que os E. U. A. e a U. R. S. S. poderiam elaborar um «primeiro acordo» e passar depois a outro, mais complexo.

para as negociações de Viena ou se decidiram agir ao sabor das circunstâncias.

Stennis, ao anunciar a criação da sua nova subcomissão sobre as conversações «Salt», declarou que era «essencial» que a sua Comissão seguisse de muito perto as negociações para que, «no caso de se chegar a um acordo» ele estivesse à altura de «apreciar as implicações desse acordo na defesa do

UMA SOLUÇÃO EFICAZ

Foi há dias, depois de ver «A Louca de Chailot». Pensava eu, filólogo caseiro, que são sempre simples as soluções para os grandes problemas (e que aquela, da peça do Giraudoux, embora não lembre ao diabo, é mesmo, mesmo eficaz), quando o Brynner (Yul, claro) se sentou ao meu lado, no café.

Mandou vir um «escote» de esquisita marca, enquanto eu saboreava a minha «bica». Insultou o criado, porque o gelo era pouco (e depois porque era muito); correu o engraxador a pontapé («Só calço os sapatos uma vez, não preciso de graxa»); mandou calar várias vezes quem se encontrava nas mesas ao lado; lamentou, irri-

tadamente, o cheiro daquela gente que não se lava e se permite existir; puxou várias vezes ao nariz o lenço perfumado e, quando eu esperava, espantado, que me fosse propor sociedade na sua 13.ª organização (a fundar), disparou, á queima-roupa:

— E, você, como se atreve a estar à minha mesa, sem gravata e de fato cocado?

Atrapalhado, articulei:

— Eu... eu...

— Eu, o quê? Como se permite?

— Eu... já estava aqui sentado antes do senhor...

— Como se atreve? Ninguém está em qualquer coisa antes de mim. E saia, a correr. Esperava-o, á

porta, o motorista, de carro aberto. Entrou. O automóvel perdeu-se nas ruas da cidade. Fixei-lhe a matrícula — podia servir à minha vingança.

Mas, depois, lembrei-me do motorista, que deve, penso, ser casado, ter filhos, etc., e apaguei essa ideia. O melhor ainda é o método de «A Louca de Chailot». Prático e eficaz. Até porque, certamente, o Brynner só usa um carro uma vez.

Sabem, por acaso, de um palacete, por aliugar, que tenha uma porta... para a eternidade? É que tenho cá uns clientes!...

TORQUATO DA LUZ

COMPRE A MELHOR VISTA DE MAR!

comprando propriedades J. PIMENTA, S. A. R. L.

Em Paço d'Arcos (Espargal), a 100 metros da praia e dos caminhos-de-ferro, com Centro Comercial e Pavilhão Gimnodesportivo previstos, encontra magníficos andares e apartamentos mobilados.

RENDIMENTO DE 6 A 10% GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE.

190 contos rendem-lhe 1187\$50 mensais

Visite o apartamento em exposição em Paço d'Arcos — Espargal

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º — Telefones 4 58 43 4 78 43

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 - 95 20 22

REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

TRANSPORTE DE TRABALHADORES PELO CAMINHO DE FERRO, COM DESTINO A FRANÇA E ALÉM

Comunica-nos a C. P. que para transporte, em 2.ª classe, de trabalhadores portugueses, destinados a França e além, põe em circulação carruagens directas com destino a Hendai, às terças e sextas-feiras, no período de 2 de Janeiro a 10 de Abril, com partida de Viana do Castelo às 8 h.; Braga às 8-55 e às quintas-feiras, no período de 8 de Janeiro a 9 de Abril, com partida de Faro, às 23-04 h.

O pormenor deste serviço consta dos avisos horários afixados nas estações e nas Secções de Informações ao Público.

Nota do dia

MEDITAÇÕES A PARTIR DA GRIPE

PARECE QUE A GRIPE e seus derivados, adjacências, semelhanças, proximidades e sequelas continuam de momento a ser das forças que mais dão para mexer e dos assuntos que mais dão para falar por esse mundo fora. Basta abrir qualquer folha de informações, em língua que seja de entender, para se haver uma pronta e variada panorâmica, desde a Aldeia Nova de Trancoso, onde a neve imobilizou os médicos, até à Venezuela, onde numa das províncias foi decretada a greve geral do beijo como medida profiláctica contra a expansão da doença — acto de renúncia certamente discutível mas seguramente salutar.

Tirando isso sabe-se pouco. Sabe-se que há um vírus ou, melhor, uma colecção deles, mais ou menos parecidos, parece que uns melhor outros pior identificados e que anualmente estão a fazer esta volta ao mundo, a que cada um (cada país) vai respondendo com os recursos mais à mão. Quais são esses recursos, como é que eles são utilizados na luta e com que resultados? Para sermos justos e francos parece que se sabe pouco, mesmo onde é costume saber-se alguma coisa. Os vírus continuam a ser uma força muito segura de si, que dão muito que fazer aos laboratórios, mas não se deixam conhecer mais que por uma ponta de cada vez.

E aqui reparte-se o domínio das meditações. Perante um fenómeno como este que nos oferece a gripe actual temos, por um lado, a consciência da capacidade maior ou menor dos remédios para lhe fazer frente e, por outro lado, a capacidade de meios para utilizar as armas que se conhecem. O mercado está mais ou menos inundado de um vasto e variado arsenal antigripal, poderão faltar, porém, e em muitos casos faltam, é as condições para aplicar esse arsenal. E nisto adianta pouco o falar-se da gripe, que vem apenas como protesto e ponto de partida. A situação, «mutatis mutandis», é a do problema geral da saúde.

Eis um problema, esse sim, que é preciso ter a coragem de atacar. O que se sabe, o que cada um de nós sabe por já ter sofrido, por ter visto ou por lhe terem contado sobre a situação nos e dos nossos hospitais pinta-se, cada vez que o quisermos fazer, com tintas dantescas. Mas não vale a pena. É a vergonha das vergonhas a que se torna necessário e urgente acudir. O que é que falta para isso? Falta dinheiro? Falta saber como é? Ou faltará simplesmente coragem para meter mãos à obra e resolver uma aflicção que alastra a todo o País e verdadeiramente nos enche de miséria e de vergonha?

Dinheiro não falta, pelo menos julgamos que não há-de faltar. Toda a gente paga todas as semanas ou todos os meses para estar doente. Toda a gente paga para as «caixas», que é uma palavra onde vai já alguma coisa de intenção crítica, a previdência dispõe hoje de meios substanciais recolhidos dessas contribuições obrigatórias, «eles têm muito dinheiro», que é como dizem as pessoas da rua e aqui vão com alguma razão? E então o que é que fazem? Fazem barragens? Compram acções? Qualquer dia são capazes de «por dinheiro» nas novas sociedades que hão-de vir a constituir-se para fazer estradas. E quem trata dos hospitais? E quem acode aos doentes e sinistrados?

Não sabemos se alguém aqui das nossas «Corporações» tem ideia do que é hoje a rede de hospitais de urgência que a organização paralela e similar instalou em meia dúzia de anos na vizinha Espanha. Nós temos os médicos das Corporações, mais os da Saúde, mais ainda os da Educação por causa da complicação dos hospitais-escolares pagos a meias por dois ministérios. Temos uma data de coisas que talvez devessem complementar-se e que parece que apenas se complicam. Temos várias redes de burocracias que mutuamente se tratam quando não se hostilizam. Temos isso tudo e temos também, é a triste verdade, uns serviços de saúde que todos os dias se degradam e cada vez menos podem dar satisfação àquilo que se espera deles.



Crédito Universitário

BANCO DO ALENTEJO

MATOU A SOGRA QUE A OFENDEU NA SUA HONRA

FRONTEIRA, 9 — A tragédia e a emoção surpreenderam a pessoas desta vila numa destas invernosas manhãs de começo de ano.

A infeliz Ludovina da Conceição Rocha, viúva, de 77 anos, jazia no leito, desde Outubro passado, vítima de nefasta doença. E sempre e desveladamente a norra sr.ª Maria Vitória, Coimbra Pinheiro, que com ela vivia, a tratou. Em vez de merecida gratidão, dado, porém, o tempe-

ramento rude e irascível, agravado, talvez, ultimamente, pela doença, correspondia-lhe a Ludovina com berros, intrigas e insinuações. Assim, na véspera chegou ao extremo de lhe atribuir relações adultéricas com determinado indivíduo. Tal facto feriu o seu prestígio de mulher e mãe cuja seriedade todos lhe reconhecem.

Na manhã, seguinte, procurou a sogra, pedindo-lhe que retirasse tão afrontosa ofensa feita na véspera. Como aquela o não fizesse, a Maria Vitória matou-a, vibrando-lhe golpes de faca no pescoço. Em seguida entregou-se às autoridades.

Necrologia

FALECIMENTOS

Eng.º agrónomo Carlos Duro Contreiras

Faleceu o sr. eng.º agrónomo Carlos Duro Contreiras, de 53 anos, natural de Lisboa, filha da sr.ª D. Maria Isabel Duro Contreiras. O extinto prestava serviço na Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e era presidente da União das Cooperativas Abastecedoras de Leite de Lisboa (U. C. A. L.), presidente da Cooperativa Agrícola de Loures, presidente do Grémio da Lavoura de Loures e vereador da Câmara Municipal de Loures. O funeral realizou-se amanhã, às 11 horas, da residência, Avenida S. João de Brito, 5, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres. Os serviços funebres estão a cargo da Agência Salgado, da Rua da Rosa.

D. Margarida da Conceição Ferreira Matafome Coelho

Faleceu a sr.ª D. Margarida da Conceição Ferreira Matafome Coelho, de 78 anos, natural de Salvador (Torrões Novas), casada com o sr. capitão, aposentado, Francisco de Oliveira Coelho. O funeral, a cargo da Agência Ricardo Henriques, sai amanhã, às 10 horas, da Igreja dos Anjos, para o cemitério dos Olivais.

FUNERAIS

Condessa de Vizela

Efectuou-se esta tarde, para jazigo de família no cemitério de Matosinhos, o funeral da condessa de Vizela, figura de destaque da alta finança portuguesa, e que ontem faleceu na sua casa da Foz, no Porto. Na igreja de Leovigildo Paroquial foi celebrada missa de corpo presente.

A condessa (viúva do conde) de Vizela, de seu nome Blanche Jeanne Marie de Daubin Cabral, tinha 85 anos e era cunhada do sr. Diogo Eugénio Cabral e tia do coronel de automóveis Mário de Araújo Cabral e dos srs. Eurico Diogo Velloso de Araújo Cabral e Diogo José Velloso de Araújo Cabral.

O mar avança na Caparica e ameaça agora habitações e os estabelecimentos de banhos



Um grupo de homens retira as placas de cimento da passadeira que levava ao mar e este destruiu parcialmente

Quem entra, pelo Norte, na Costa da Caparica, é recebido com gentilezas que

raiam o excesso, através de uma dúzia de letreiros monumentais que o vento mais

forte não faz estremecer: «Bienvenidos», «Welcome», «Bienveniu», «Welkom», «Velkommen», «Bem-vindos»...

No entanto, tamanha gentileza teórica, cada vez menos encontra correspondência de ordem prática. O mar intensificou a sua fúria destruidora contra a praia da Caparica. E o que foi uma grande esperança de estância de veraneio e repouso, o que foi o grande areal do povo de Lisboa e da margem sul: está hoje resumido a um palmo de chão escalavrado e sujo. Nem se diga que tudo começou com as últimas marés. Tudo começou há anos, quando o mar experimentou forças e não encontrou pela frente a resistência que seria para deslejar.

Com as marés dos últimos dias, porém, o oceano principi-

ou o que poderá ser o toque de finados da belíssima praia. Ontem, as ondas atingiram os carris do «Transparia», comboio de brinquedo, que levava sempre à vista do mar, a Caparica com a Fonte da Telha. O facto não era inédito. Já há dois anos aconteceu o mesmo, mas desta vez o mar não se limitou a pôr mão nos carris: arrastou-os numa grande extensão, torceu-os como se fossem dois fios esquecidos das redes dos pescadores parados junto dos saveiros cada vez mais longe do mar.

Na preia-mar da madrugada, de hoje, o mar começou mais uma extensa fúria com cerca de 40 metros de profundidade. Ameaça agora directamente os estabelecimentos de banhos «Bexiga» e o bar «Praia Nova» que se encontravam do lado de cá do caminho-de-ferro. Os estabelecimentos de banhos «Evandro» e «Tarquinio», cercados de água lembram habitações lacustres. A «muralla» (que nome pomposo...) constituída por pedras e pedrinhas não representou qualquer obstáculo à progressão das águas. As casilhas de madeira viram o mar a seus pés às 5 horas da manhã de hoje. Ali, como em outros pontos, teme-se pela praia mar desta tarde.

No entanto, para o sul, e embora o mar tivesse avançado numa enorme extensão, ainda há muita praia. Até quando?

Desolação é a palavra certa diante deste areal que é mais do que uma praia desfeita: é um antigo sonho (um dos primeiros entre tantos) destruído. Sonho da maior estância da Europa, alguma coisa que recordava as «mills» e uma noites de um turismo maravilhoso que podia ser. E hoje é um palmo de chão escalavrado e sujo diante de um mar á solta para as maiores tropeçadas.

Estado-Maior do Iberlant

Uma portaria publicada hoje no «Diário do Governo» nomeia o comodoro Décio Braga da Silva para o cargo de chefe do Estado-Maior do Comando da Área Ibero-Atlântica da Organização do Tratado do Atlântico Norte, em substituição do comodoro Alberto Alves Lopes, que desempenhará outras funções no Estado-Maior da Armada.

SUBIU EM SANTARÉM O NÍVEL DAS ÁGUAS

SANTARÉM, 9 — A leitura da escala hidrométrica confirma que subiu o nível das águas no Tejo, junto a esta cidade. Assim, às 3 horas registavam-se 6 metros e 16; às 6 horas passava para 6 metros e 26 e, às 9 da manhã, o nível era de 6 metros e 30. Por seu lado, em Vila Velha de Ródão, os registos colhidos às 3, 6 e 9 horas, indicaram, respectivamente, 5 metros e 10, 5 metros e 5 e, novamente, 5 metros e 5 centímetros, a revelar melhoria ou, no pior dos casos, estabilidade.

Na Barquinha o nível das águas sofreu uma progressiva descida: 5 e 70 (3 horas), 5 e 56 (6 horas) e 5 e 39 (9 horas). Sexto dia consecutivo de isolamento da pequena aldeia de Reguengo do Alviela, que as águas cercam por todos os lados, alagando já a estrada que liga esta localidade ao Pombalinho. Também o troço rodoviário que une a Ribeira de Santarém a Alcanhões está completamente alagado e interdito ao trânsito.

A uma hora da madrugada as águas galgavam o Di-

que das Omnia, colocando em perigo as localidades mais próximas.

O Douro sobe na Régua

O caudal do rio Douro engrossado pelas chuvas que nos últimos dias têm caído com abundância voltou a subir na Régua, onde às 9 horas de hoje se encontrava 5,68 acima do seu nível normal, com tendência a subir ainda mais. Se tal acontecer registar-se-á nova cheia que afectará como sempre as zonas marginais daquele rio, causando prejuízos sem conta.

Chuva de pedras perto de Nelas

UISEU, 9 — Na aldeia de Casa Sancho, concelho de Nelas, os habitantes foram surpreendidos com um facto pouco habitual, que constituiu o motivo de todas as conversas nos últimos dias: uma chuva de pedras de alto lá com o chamado! Houve pedras de todas as cores e dimensões: vermelhas e grandes, negras, brancas de nácar, outras com aspecto de pedra-pomes, etc. Porque toda a população estava, à hora do insólito festival de

pedrada, recolhida em suas casas, não há feridos a lamentar.

Muitos gripes na Murtosa

MURTOSA, 9 — O mau tempo tem-se feito sentir com intensidade na Murtosa, com muita chuva e uma grande vaga de frio. Devido ao rigor do inverno — um dos mais agrestes dos últimos anos — há a registar muitos casos de gripe e constipação.

Já diga-nos.

— Já tem calendário para 1970?

Por outras palavras: sabe a quantas anda?

● Não. Não. Nunca usei.

E D. Maria Luís Machado Cachopo (16 anos de idade, empregada de balcão numa pastelaria, já casada e mãe de uma menina nascida a 4 de Outubro de 1968) acrescenta:

— Sabe? Tenho um relógio-calendário. Já me chega.



● Um empregado da Casa Olatto, o sr. António Severino Barão, diz-nos:

— Comigo não trago nenhum calendário. Mas ontem, ali na «União», deram-me um de parede. Levei-o para casa e ainda nem vi a que dia calhava o meu aniversário.

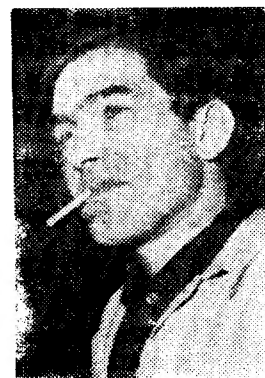
● Também o sr. Manuel Campos de Sousa, servente, não traz calendário consigo:

— Não tenho nada na algibeira. Nadinha. Nem um calendário, veja bem...

— Mas lá em casa...

Atalhou rapidamente:

— Sim. Ai sei às quantas ando...



ABRIGADA

COMPANHIA NACIONAL DE REFRACTÁRIOS, S. A. R. L.

NOVAS INSTALAÇÕES:

AVENIDA 24 DE JULHO, 78-2.º e 3.º

LISBOA-2 — TELEFS.: 678061 e 678066

A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 13 DO CORRENTE



O prémio «João Ortigão Ramos» e o cinema português em 1968/69

Foi anunciado nos jornais diários dos últimos dias que o prémio «João Ortigão Ramos», destinado a galardão «o melhor filme português, estreado durante a temporada de 1968-69», foi atribuído à película de Quirino Simões «A Caçada do Malhadeiro».

O prémio, proclamado pela direcção da União de Grémios dos Espectáculos, depois desta ter procedido à verificação contagem dos votos conferidos pelos diferentes críticos dos jornais diários da capital, teve o seguinte resultado final:

1.º — «A Caçada do Malhadeiro», de Quirino Simões (34 votos);
2.º — «A Estrada da Vida», de Henrique Campos (29 votos);
3.º — «Bonança & C.», de Pedro Martins (19 votos);
4.º — «O Ladrão de Quem se Fala», de Henrique Campos (12 votos).

Estes resultados obrigam a algumas considerações e uma declaração de princípios. Em consequência de não ter sido simultaneamente facultada ao público a votação detalhada dos diversos críticos consultados, cumpre-me (pela minha parte) declarar que, no boletim de voto por mim enviado à direcção da U. G. E. (e fazendo

uso de uma cláusula prevista no regulamento), afirmava não atribuir nenhuma qualificação qualquer dos filmes propostos para o prémio, em virtude de não encontrar em qualquer deles o mínimo de qualidades requeridas, propondo até a não atribuição do mesmo na temporada em causa.

Por outro lado, e sabendo-se que existe (segundo creio) nove (9) jornais diários em Lisboa, com possibilidade de cada um deles pontuar até 10 valores cada filme, facilmente se conclui que uma obra que concitasse a unanimidade da crítica poderia atingir um máximo de 90 pontos. O filme premiado em 1968-69 conseguiu unicamente 34 votos (cerca de 36% de um total hipotético), que se revelam perfeitamente irrelevantes. Posto isto, não teria sido preferível não atribuir o prémio nessa temporada? Não será mesmo de rever a organica da sua atribuição? Ou será que, no ano em que se estreou unicamente um filme (que poderia ser, por exemplo, «O Ladrão de Quem se Fala»), este é considerado o melhor filme português (mesmo que só um crítico o pontue com um voto)?

LAURO ANTÓNIO

NO AMBIENTE LUXUOSO E REQUINTADO DA ALTA SOCIEDADE DE LONDRES, UMA INVESTIGAÇÃO TUMULTUOSA DE UM ROUBO FABULOSO!

com

CLAUDIO BROOK • DANIELA BIANCHI



**Muito para viver...
pouco para morrer!**

com **SIDNEY CHAPLIN**
techniscope • technicolor

TALMA FILMES

UM POLICIAL DE GRANDE NÍVEL!

ESTREIA HOJE
AS 21.45

AVIS



Henrique Campos e Francisco Saalfeld (na gravura) assinam o contrato de «Lisboa é sempre Lisboa», documentário colorido que o segundo daqueles cineastas vai realizar, fotografar e montar. «Lisboa é sempre Lisboa» será apresentado ao público na estreia de «A Maluquinha de Arroios», película de grande megalomania produzida pela General Filmes, prevista para o próximo mês de Março

VIDA MUSICAL

«Música barroca para órgão»

A Fundação Gulbenkian promove, como em anos anteriores, um ciclo de recitais de órgão, prosseguindo assim a obra que se insere no seu plano de ressurgimento da cultura organística em Portugal.

Esta nova série de recitais de órgão, que será integrada por dez, realizar-se-á no auditório da Fundação Gulbenkian e na Sé Catedral de Lisboa, iniciando-se no próximo dia 24, data em que será inaugurado o grande órgão daquele auditório.

O ciclo de música de órgão programado para 1970 — Janeiro a Março — será subordinado ao tema «Música barroca para órgão», o qual permite oferecer ao público uma panorâmica geral, quer sob o ponto de vista formal quer sob o aspecto estético, do espírito que enformou toda a escola barroca no campo organístico.

O concerto inaugural do ciclo de música de órgão e do grande órgão do auditório da Fundação Gulbenkian será realizado pelo organista Pierre Cochereau e pelo trompetista Roger Desmottes, dois artistas de grande reputação internacional.

Além dos dois artistas mencionados, foram convidados os seguintes organistas: Jean Costa, titular do grande órgão de Saint Vincent de Paul, em Paris, e professor do Conservatório Nacional de Música de Nantes; Gertrud Mensiovisky, professora de órgão no Real Conservatório de Música da Dinamarca, e Antoine Siberlin Blanc, titular do órgão da Sé Catedral e professor de órgão no Centro de Estudos Gregorianos.

As manifestações artísticas que integram este ciclo de música para órgão efectuar-se-ão aos sábados, às 16 e 30, no auditório da Fundação Gulbenkian — dias 24 e 31 de Janeiro, 7 e 21 de Fevereiro e 7 de Março — e aos domingos, às 16 e 30, na Sé Catedral — dias 25 de Janeiro, 1, 8 e 22 de Fevereiro e 8 de Março.

Concerto em Matosinhos
MATOSINHOS, 9. — Incluído na 6.ª temporada da Delegação Pró-Arte, há hoje, às 21 e 45, nas instalações do Turismo, um concerto, que terá a colaboração da pianista Teresa Vieira.

Concerto pela Banda de Música da G. N. R.
No domingo, às 11 horas, a banda de música da G. N. R. realiza mais um concerto no Teatro da Trindade, dirigido pelo capitão Silva Dionísio.

Para que a sua primeira actuação em 1970, ano em

que se comemora o 2.º centenário do nascimento de Beethoven, coincida com uma primeira homenagem ao genial compositor, é antecipada a execução do programa anunciado para o dia 25, em virtude de nele estarem incluídas a sua 1.ª Sinfonia e a abertura «Rei Estêvão».

ATRÁS DO REPOSTEIRO

• A companhia do actor Henrique Santana também deve apresentar-se no Porto com a peça «Os elefantes não sentem as pulgas».

• O actor Augusto Figueiredo, antes da abertura do Teatro da Estufa Fria, deve interpretar uma peça na Casa da Comédia ao lado da actriz Carmen Dolores.

• Encontra-se presentemente a actuar em Guimarães a companhia do Teatro Rafael de Oliveira.

• A estreia da companhia do ABC no Porto deve verificar-se no próximo dia 15.

• A estreia em Lisboa da revista «Pega de caras» deve efectuar-se em Março.

• A actriz Madga Viterbo continua a pertencer ao elenco da companhia do Teatro Infantil «Teatrinho Tico-Tico», dirigida por Rosa Mateus.

«PEÇO A PALAVRA» — ÉXITO

NO VARIEDADES

De dia para dia confirma-se, no Variedades, o êxito obtido, logo na primeira noite, pela esplêndida revista «Peço a Palavra!», um original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, todas as noites, às 20 e 5 e às 23 horas.

Um óptimo elenco interpreta a popular revista: Aida Baptista, Carlos Coelho, Eliana, Spina, Max, Anita Guerreiro, Helena Cardinalli e Vítor Espadinha, com a atracção nacional António Calvário e um grande «ballet» internacional.

Teatro Capitólio

HOJE, AS 21.45 HORAS
O GRANDIOSO ÉXITO DE
BERNARDO SANTARENO
O PECADO
DE JOÃO AGONIA
(ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES)
Tel. 320379 M/ 17 anos
AMANHÃ — ÚLTIMA TARDE
A PREÇOS REDUZIDOS

**O ESTRONDOSO SUCESSO DOS PALCOS DE TODO
O MUNDO AGORA COM TODO O SEU ESPÍRITO
E TODA A SUA FRESCURA NA MAIS DELICIOSA
COMÉDIA CINEMATOGRAFICA DO ANO!**

O regresso de **INGRID BERGMAN** que com
WALTER MATTHAU formam o par mais
sensacional do momento!



Vá ao seu dentista ao menos 2 vezes por ano...
mas vá ver «A Flor do Cacto» já!

ADULTOS

uma produção FRANKOVICH

Ingrid Bergman

Walter Matthau

A FLOR DO CACTO
(CACTUS FLOWER)

com **GOLDIE HAWK** em TONI

JACK WESTON ARGUMENTO HISTÓRIA DE BASEADO NA PEÇA DE PROD. EM NEW YORK
MÓNICA QUINN JONES PRODUÇÃO M. J. FRANKOVICH REALIZ. GENE SAKS TECHNICOLOR 35mm

AS 21.30

AS 21.45

SÃO LUIZ

HOJE-ESTREIA

ALVALADE

RECINTOS DE DIVERSÕES

- Partiu para o Canadá o Duo Ouro Negro.
- Amália Rodrigues deve voltar a Moçambique no próximo mês de Outubro.
- A cantadeira Julieta Santos e o violista Miguel Silva «transferiram-se» para o elenco artístico da cervejaria Jansen.
- O fadista Julio Peres está presentemente a actuar no «Forcado».
- Natércia da Conceição tem programada para breve uma deslocação à América do Norte.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

Annie Bright

VEDETA INGLESA DA CANÇÃO

The Kims

ORIGINAIS FANTASISTAS

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA

PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

CONJUNTO JUAN DE AIZA
com TITICA

FILARMÔNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

NO CINEMA, às 17 e 21.30

O PROFETA

M/ 17 anos

DISCOS Estab. **MELODIA**

LISBOA - R. DO OARMO, 88
PORTO - R. DE S. CATARINA, 86
R. DE S. TO ANTONIO, 86



Na próxima semana, Luisa Neves gravará mais um disco comercial, desta vez com acompanhamento de uma orquestra dirigida por Shegundo Galarza. Neste novo 5 r. p. m. é incluído o «Vira dos malmequeres», composição popular com instrumentação inédita

O Grupo Cénico da Philips em Algés

Foi transferida para os dias 16, 17 e 18 do corrente a apresentação que estava marcada para hoje, amanhã e depois, do Grupo Cénico da Philips, no Primeiro Acto, Clube de Teatro em Algés.

Este agrupamento representará as peças «O Norvado do Da-fundo», de Garrett, e «O Ilustre Conferencista», de H. Lyra, sendo a encenação de Armando Caldas.

Arrabal no Villaret

Nos dias 12, 13 e 1, às 18 e 30, no Teatro Villaret, em realização de Norberto Barroca, representar-se-á a peça de choque de Arrabal «Fando e Lis». São intérpretes Manuela de Freitas, Norberto Barroca, Jorge Valle, José Raímond e Fernando Saraiva.

Trata-se do espectáculo na Casa da Comédia, elogiado pela crítica. Os estudantes beneficiam de 50 por cento de desconto.

Teatro Maria Matos

AV. FREI MIGUEL CONTRAIREAS (à av. ROMA) TELEF 717017 (ADULTOS)

SEMANA DEDICADA AO POVO DE LISBOA

Balcão: 10\$, e 25\$
Plateia: 30\$, 40\$ e 50\$

HOJE, às 21.45 horas

89.ª representação de

TOMBO NO INFERNO

SÁBADO E DOMINGO às 16 h. e às 21.45 h.

BREVEMENTE

Em teatralização de Sttau Montelro e Artur Ramos

«A RELÍQUIA»

de Eça de Queiroz (ADULTOS)

Bilhetes à venda

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO VOX E MUNDIAL

TÍTULO — «Que importa morrer!» («A Lovely way to Die»)

REALIZAÇÃO — David Lowelly Rich, 1969 (E. U. A.).

INTERPRETES — Kirk Douglas, Sylva Koscina, Eli Wallach, Sharon Farrell, Kenneth Haigh, etc.

Marlowe, detective privado, fez o êxito de Bogart e desenhou-lhe o rosto de desenhante e impotência. Isto pelos anos 40 e depois, como prolongamento ainda, no início da década de 50. O mito do polícia honesto (que é obrigado a demitir-se para prosseguir os inquéritos em que se vê envolvido) foi depois abafado pelas circunstâncias. O processo tinha o seu quê de escandaloso e não

era impunemente que se esgravatava nos meandros melindrosos das altas esferas americanas. Donde o silêncio imposto. Em meados dos anos 60, porém, operou-se a reviravolta e o polícia-a-caminho-da-demissão ou o detective-privado voltaram aos «écrans» de Hollywood, transfigurados pelos anos, moldados a novos condicionamentos sociais. E os exemplos proliferaram: *Harper, Tone Rome, Peter Gunn, P. J., Bullit, Madigan, The Detective, A Lovely way to Die...* Exemplos de nível diverso, mas de importância sociológica indimentável. A sociedade americana volta a ser posta em causa no seu interior, mercê das investidas impertinentes de meia dúzia de elementos catalizadores.

Que Importa Morrer! é mais uma investigação policial sobre um caso de assassinato que serve de pretexto para meia dúzia de críticas superficiais e ingenuas, mas mesmo assim curiosas. Quer dizer que, não se tratando de um grande filme, é uma obra que se vê com agrado narrada num estilo fluente, tecnicamente bem acabada, cinematograficamente correcta. Kirk Douglas, ex-polícia, é encarregado de vigiar os passos de uma Sylva Koscina suspeita de assassinato e deste ponto de partida tudo pode acontecer. O que nos leva a câmaras frigoríficas com cadáveres enregelados, a perseguições de helicóptero, e também ao lado menos espectacular (mas seguramente mais afilhante) do desvendamento das teias que o império tece, teias tênues, mas teias de uma meada a prosseguir.

David Lowelly Rich não é homem de grandes brilhantismos (assimila uma *Madame X* em jeito de melodrama de Douglas Kirk com bastante interesse, apesar de tudo...). Prefere contar uma história, a enredar-se em formalismos gratuitos e por isso tudo segue certo e escoreto, com um ou outro encaideado mais imprevisível (diga-se que a montagem de *A Lovely way to Die* tem algumas soluções muito curiosas).

Entre os intérpretes Kirk Douglas passa a sua enorme presença e Eli Wallach impõe-se com um advogado extremamente bem caracterizado. Sylva Koscina é simplesmente a suspeita e chega.

LAURO ANTÓNIO

teatro VARIEDADES

HOJE E TODAS AS NOITES AS 20.45 E AS 23 HORAS

DOMINGOS MATINÉE AS 16 HORAS

O ÊXITO DA ALEGRIA E DO BOM-GOSTO!

RIA COM:

AIDA • C. COELHO
ELOINA • SPINA
MAX • ANITA
CARDINALI
ESPADINHA
M. FRANCO

e o grande atracção nacional ANTONIO CALVÁRIO a frente de um grande elenco

GRACA! CRITICA! MONTAGEM DESLUMBRANTE LINDAS MULHERES

Um sensacional «BALLET» internacional

ADULTOS

Peco Palavra!

Uma produção de Giuseppe Bastes e Vasco Morgado

HOJE, AS 20.45 E 23 H.

EM 4.º MES! A COLOSSAL REVISTA

MARIA VITÓRIA

ESPERTEZA SALOA

TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM

- SALVADOR • JOSÉ VIANA
- MARIEMA • BARROSO LOPES
- DORA LEAL
- HELENA TAVARES
- «THE MELODIES»

AS ATRACÇÕES

JOSÉ VIANA no hilariante quadro «Palavras Inúteis»

À frente de uma grande companhia!

• DOMINGO, «MATINÉE», AS 16 H.

VENHA RIR!

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortável de Lisboa

VASCO MORGADO APRESENTA

HOJE, 2 SESSÕES

As 21 h. e às 23 h.

com

JO APOLONI • ARTUR SEMEDO • FERNANDA BORSATTI • VASCO DE LIMA COUTO • YOLA • DAVID SILVA • GEORGINA CORDEIRO • ROLANDO ALVES • MARIA • e a colaboração de MARIA PAULA

ESCULTURAIS BELEZAS FEMININAS

NÚ ALEGRE ESPETÁCULO DE GARGALHADAS

RAUL SOLANO

VISON VOZ DO

UMA COMÉDIA SEXACIONAL!

DIAS 12, 13 e 14 DE JANEIRO, AS 6.30 HORAS (M. 17 anos)

APRESENTADO E REALIZADO POR NORBERTO BARROCA

Teatro de choque de ARRABAL

«FANDO E LIS»

A peça que a crítica assinalou como um dos melhores espectáculos do passado ano, quando da sua estreia na Casa da Comédia ■ 50% de desconto para estudantes

A TV DEVIA «DEITAR-SE» MAIS CEDO? — 2

ESTÃO A SURGIR MAIS CEDO CASOS DE ANSIEDADE E SONAMBULISMO ESPECIALMENTE ENTRE AS CRIANÇAS

— VERIFICAÇÃO FEITA PELOS MÉDICOS, QUE SALIENTAM A NECESSIDADE DE O SONO TER UM HORÁRIO

Se mais de 70 por cento da população activa portuguesa trabalha na agricultura, na indústria e na pesca, tendo, portanto, que levantar-se cedo para conduzir a charrua, manobrar o tractor, accionar o torno, ou sair para o mar, pergunta-se: estão os horários da TV portuguesa adequados às condições do país real ou, ao contrário, dirigem-se apenas a uma minoria de expressão muito relativa? Será que, deste modo, a TV cumpre a sua triplíce missão de informar, formar e divertir? Ou será que, nos casos em que efectivamente atinge essa larga faixa da população, o faz com manifesto prejuízo do sono de milhares de pessoas?

— Acho que haveria vantagem em não prender as pessoas até tão tarde — disse-nos o psiquiatra dr. Pompeu Oliveira e Silva, acres-

seus maiores. E isto, hoje, é particularmente importante, desde que os professores, asobrados por uma plétora de ensino, quase não podem conversar, de mãos nos ombros, com os seus alunos.

O dr. Abílio Mendes fez-nos notar, também, que «muitos dos problemas do dia-a-dia são resolvidos durante o sono» e que, quando as crianças se deitam e levantam a pensar e a falar da TV é natural que algumas consequências sobrevenham.

Assim, verifica-se que estão a surgir, mais cedo do que era costume, casos de ansiedade e sonambulismo nas crianças e também se registam muitos casos de menor rendimento nas aulas.

«ELE PODE VER TELEVISÃO?»

Claro que o aparecimento destas perturbações depende do ambiente doméstico. Depende, naturalmente, da educação que os pais souberam dar aos filhos, mas não é de esquecer que os horários da TV podem desempenhar um importante papel nessa educação.

Outros médicos têm verificado que os pais, hoje, nas consultas que fazem acerca da saúde dos filhos, mesmo no caso de uma simples gripe, perguntam, frequentemente:

«Ele pode ver televisão?»

MARAVILHOSO INTRUSO DA VIDA FAMILIAR

Falando ao «Diário de Lisboa», o dr. Abílio Mendes, um dos mais conhecidos pediatras da cidade, referia «esse maravilhoso intruso da vida familiar» que é a Televisão.

Maravilhoso intruso:

— Ao regressar da escola, sob a tensão das novidades aprendidas, a criança encontra o pai e a mãe de boca aberta diante da TV. E, depois, por mais que se lhe diga: «vai estudar» ou «vai deitar-te», a criança não é capaz de o fazer de boa vontade. Hoje, que tudo se discute, uma coisa há que é indiscutível: a criança vive, essencialmente, em grande parte, do exemplo vivo dos



Dr. Pompeu Oliveira e Silva: «Acho que haveria vantagem em não prender as pessoas até tão tarde».

contando — o ambiente deve favorecer a vontade das pessoas e não favorecer o que as pode perturbar.

Embora salientassem como fundamental a regularidade do horário do sono, os médicos que interrogámos, num breve inquérito acerca desta questão, afirmaram que nada se perderia se a TV se «deitasse» mais cedo.

A experiência da TV em Portugal é ainda muito curta para ter despertado a atenção dos médicos sobre eventuais problemas provocados pela assistência aos seus programas até demasiado tarde.

No entanto, alguns há (especialmente pediatras) que têm experiência de casos concretos de perturbações causadas pela TV, provocadas pela demasiada per-

Sabe, sr. dr., é que ele pediu-me tanto!»

Por outro lado, o dr. João dos Santos, psiquiatra director do Instituto de Saúde Mental Infantil, declarou-nos que tem verificado que a atracção da TV é tão grande que se torna difícil aos pais não serem contemporizados, mas também nos afirmou que o mais importante é deitar e levantar à mesma hora, todos os dias.

A R. T. P. NÃO PODE (NÃO DEVE) ESQUECER...

Nas aldeias, como nas cidades e vilas a TV passou a ser um hábito. Único divertimento ao alcance da grande maioria da população portuguesa, o espectáculo do vídeo não pode (não deve) esquecer os que todos os dias saem, ao alvorecer, para as inadiáveis tarefas da agricultura, da indústria, da pesca ou do estudo nas escolas: o ambiente deve favorecer a vontade das pessoas e não favorecer o que as pode perturbar.

O problema que se põe é este: pode (deve) a R. T. P. continuar a prolongar até à meia-noite (quando não até mais tarde) os seus programas, como se ignorasse que uma quarta parte do País que vê TV deve, no dia seguinte, levantar-se cedo, para trabalhar?



Dr. João dos Santos: «O mais importante é deitar e levantar sempre à mesma hora».

APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES DO CICLO PREPARATÓRIO

A direcção de serviços do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário organizou uma série de cursos de aperfeiçoamento e actualização, os quais, iniciados o ano passado, prosseguem agora. Este mês, decorrem os de Ciências da Natureza, Matemática, Desenho, Trabalhos Manuais e Orientação Escolar.

Ontem iniciaram-se os de Orientação Escolar e Ciências da Natureza, o primeiro dos quais, sob a orientação do dr. Joaquim Baisão Ruivo, decorre, até ao dia 24 (com a frequência de 40 professores), na Escola Preparatória de Luís António Verney. Os de Ciências da Natureza prolongam-se até ao dia 10, na Escola Preparatória de Nuno Gonçalves, em Lisboa, e de 14 a 17 na de Ramalho Ortigão, no Porto, orientados pelos drs. D. Fátima Sara Ibeche, Gomes Ferreira, Mário Trigueiros, Francisco Ferreira e Hildio Sardoieira.

AS IMPOSIÇÕES DO FISCO FIZERAM DESAPARECER OS CALENDÁRIOS-BRINDE

PORTO, 8 — Há uns anos atrás, e não vão muitos ainda, qualquer pessoa arranjava um calendário de brinde. A maioria das empresas tinha orgulho em ofertas no género, no fim ou no início de cada ano e algumas primavam até pelos belos motivos que ofereciam nas suas folhas.

Não era difícil arranjar-se um calendário de reclame, a não ser, por vezes os tais muito bonitos, que, por isso mesmo, se tornavam difíceis

de arranjar. Poucos eram os casos industriais ou comerciais que não apresentavam o seu calendário de brinde.

Com isso muito lucravam as tipografias e, tipografias, bem como artistas de várias índoles, especialmente plásticos e fotógrafos. Além disso, acontecia até que várias localidades e regiões aproveitavam a execução de calendários para a sua propaganda turística.

Apareceu, porém, o fisco, que obrigou ao pagamento de uma taxa elevada por cada calendário impresso. E o resultado foi que esse tradicional brinde, ainda que de grande utilidade, acabou por desaparecer, pois pouquíssimas são as empresas que se abalancam agora a mandá-los fazer.

Acontece assim que, nesta altura, são muitas as pessoas que procuram descobrir quem oferece ainda esses brindes e a maioria não os encontra sem saber porquê. Também toda essa gente ficou prejudicada, além dos artistas e das empresas que imprimiam tais calendários.

Entretanto, a Espanha, por exemplo, que assim não procede, fabrica 60 milhões de calendários anualmente, muitos até para empresas estrangeiras, para exportação.

AUMENTO DA TAXA TELEFÓNICA

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 9 — As assinaturas dos telefones nesta área, sem que o serviço melhorasse, passaram de 30 para 40 escudos. Por esta razão, a vila de Santa Cruz do Douro aguarda que, ao menos, se verifique, agora, a prometida automatização da sua rede.



Dr. Abílio Mendes: «Casos de ansiedade e sonambulismo entre as crianças aparecem, agora, mais cedo do que antes».

PRÉDIO QUELUZ

Construção em alvenaria, composto de 9 inv. hab. de 3 div. soalhas, cozinha, casa de banho, marquise e hall. Rend. baixas.

Rendimento — 52.320\$00. Preço — 860.000\$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3-2. — Telefones 369384/5 — 328232/3 — 561756

O NETO DE CHURCHILL CANDIDATO A DEPUTADO

LONDRES, 9 — (R.) — Ao neto de «Sir» Winston Churchill foi concedida a noite passada a possibilidade de fazer regressar o nome de Churchill à Câmara dos Comuns britânica.

Winston S. Churchill, de 29 anos, neto do primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante a guerra, foi aprovado oficialmente como candidato do Partido Conservador em Stretford, no Lancashire, quando se realizarem as próximas eleições gerais.

Churchill, autor de um livro sobre a «Guerra dos Seis Dias» israelo-árabe e correspondente titinante do jornal «Times», já tentou uma vez entrar para o Parlamento.

Há dois anos disputou uma eleição secundária num bairro de Manchester, tendo sido derrotado por uma margem de 577 votos.

A noite passada, Churchill previu que Outubro seria o mês mais provável para as eleições gerais.

Parece assegurada a sobrevivência política de Edward Kennedy

EDGARTOWN, 9 — (R.) — O senador Edward Kennedy parece ter assegurada a sobrevivência política apesar da ameaça do pro-

cesso contra ele por causa do acidente que causou a morte a jovem Mary Jo Moynihan.

Os círculos políticos do Estado de Massachusetts afirmaram hoje que o rescaldo do acidente secreto realizado esta semana tinha poucas probabilidades de afectar a reeleição de Kennedy para o Senado no próximo mês de Novembro.

O próprio senador não entende aos jornalistas, depois de ter prestado declarações no inquérito sobre o acidente, que esperava candidatar-se a segundo mandato de seis anos como senador pelo Massachusetts.

Neste Estado, o último sobrevivente dos irmãos Kennedy é ainda praticamente inatacável, na opinião dos políticos locais. Este Estado continua dominado politicamente pelos Kennedy, desde a segunda guerra mundial.

Apenas uma variação nos acontecimentos relacionados com a morte da secretária poderão por em perigo a vida política do senador no Congresso. Novas acusações do procurador do distrito, Edmund Denis, ou do grande jurado terão grande repercussão nas possibilidades eleitorais de Edward Kennedy.

Os republicanos não têm um candidato a altura de fazer sombra a Kennedy e apenas um, Savio Conter, lhe poderia fazer concorrência, mas recusou a candidatura.

UM PADRE CASA-SE NA ALEMANHA

HAMBURGO, 9 — (F. P.) — Um padre dominicano, o dr. Bertrand Kauffmann, de 42 anos, que dirige desde 1964 a organização católica «Porta Aberta» de auxílio aos pobres, decidiu abandonar a ordem desposar uma jornalista do semanário feminino «Brigitte», Inge Rameken, de 35 anos. A data do casamento ainda não está fixada.

As autoridades religiosas autorizaram-no a abandonar a ordem, mas deverá abandonar também a direcção da organização «Porta aberta».

MANIFESTAÇÃO NA CIDADE-MÁRTIR DE MENDOZA

MENDONZA (Argentina), 9 — (R.) — Multidões silenciosas, empunhando cartazes pedindo auxílio governamental para mais de mil pessoas sem lar, receberam o presidente Juan Carlos Onganía, à sua chegada, ontem, a esta cidade mártir, para inspecionar os estragos das inundações, causadas pelo alagamento de uma barragem.

Durante a noite mais de dezenas de famílias foram evacuadas para aquartelamentos militares e escolas, que estão a receber refugiados, após as águas do rio Mendoza alagarem as margens, inundando uma vasta área do norte da cidade.

NÓS AJUDAMOS A

GANHÁ-
POUPÁ-
AUMENTÁ-
APLICÁ-
MULTIPLICÁ-

L



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Actualidade internacional

THIEU: Necessários «muitos anos» para a retirada norte-americana

SAIGÃO, 9 — O presidente do Vietnã do Sul, Nguyen Van Thieu, declarou hoje que seria impossível retirar todas as tropas norte-americanas do país até ao fim de 1970 e seriam necessários talvez «muitos anos» para a retirada total.

Numa conferência de imprensa o presidente declarou que prosseguiria na política de substituição das tropas americanas durante o ano de 1970 e seguintes mas nunca se convenceria de que as tropas dos E. U. A. pudessem sair do Vietnã do Sul até ao fim do ano. As tropas de combate necessitavam de apoio logístico e para as tropas governamentais o poderem ter o país teria de receber auxílio.

Sessões até agora realizadas.

Sobre o massacre de My Lai, Nguyen Van Thieu afirmou que «nunca tolerou qualquer crime fosse ele praticado por vietnamitas, americanos, australianos, coreanos ou quem quer que fosse», mas acrescentou estar convencido de que muita gente pretendia comprometer o Exército dos Estados Unidos no Vietnã do Sul e se aproveitava do incidente.

FORNECIMENTO BRITÂNICO DE TANQUES A ISRAEL

—SEGUNDO O «DAILY MAIL»

LONDRES, 9 — (F. P.) — O jornal «Daily Mail» afirma esta manhã com grandes títulos que, apesar do embargo britânico ao fornecimento de tanques ultramodernos aos países do Médio Oriente, a Grã-Bretanha está a fornecer secretamente a Israel 200 tanques «Centurion».

O acordo para este fornecimento teria tido a aprovação do Governo britânico, Israel receberia também máquinas-ferramentas que lhe permitirão fabricar munições utilizáveis pelos camhões soviéticos ou pelos tanques capturados durante a guerra dos seis dias, acrescenta o jornal.

O «Daily Mail» indica ainda que outras firmas britânicas fornecerão a Israel peças soltas para os seus veículos militares e máquinas que lhe permitirão fabricar enorme gama de instrumentos para a sua defesa.

GOLDA MEIR NÃO NEGOCIARÁ COM A FATAH

TEL-AVIV, 9 — (R.) — A senhora Golda Meir, primeiro-ministro de Israel, afirmou a noite passada que o seu país não entraria em negociações com a organização de guerrilheiros Al Fatah.

A sua afirmação foi feita após especulação nesta cidade de que Israel poderia estabelecer um acordo com a Fatah para assegurar a libertação de um agricultor, de 54 anos, levado na semana passada através da fronteira libanesa.

Discursando numa sessão pública da convenção do congresso mundial judaico, nesta cidade, a senhora Meir disse: «Al Fatah é uma organização ter-



O GENERAL EZER WEIZMAN, cuja recente entrada para o Governo de Golda Meir foi interpretada como um reforço da posição dos «falcoes» israelitas. Weizman de 45 anos, comandou a Força Aérea de Israel e é partidário de represálias contra os árabes.

rorista que tem apenas um objectivo — matar tantos judeus quanto seja possível — homens, mulheres e crianças em qualquer parte e em qualquer altura.

«Nunca houve nem haverá qualquer contacto com a Al Fatah. Negociaremos apenas com Governos árabes.»

MORDECHAI LIMON DEIXOU PARIS

PARIS, 9 — (R.) — Partiu hoje para o seu país o almirante Mordechai Limon, chefe da compra de armamentos de Israel na Europa e a quem as autoridades francesas tinham mandado sair após o incidente de Cherbourg.

A POLÍTICA ARABE CAUSA CONFUSÃO A KOSYGUINE

CAIRO, 9 — (R.) — O primeiro-ministro soviético Alexei Kosyguine parece estar confuso com a política árabe no Médio Oriente, tendo já apelado para os dirigentes árabes no sentido de se colocarem de acordo, segundo revela Mohammed Heykal, confidente do presidente Nasser e director do influente jornal «Al Ahram».

Escrevendo no seu jornal, Heykal que é um dos jornalistas árabes mais bem informados, revela que o primeiro-ministro soviético teve um desabafo ao conversar com o ministro do Interior iraquiano, general Ammash.

Segundo Heykal, Kosyguine teria dito: «Os nossos amigos árabes fazem-nos confusão. No vosso próprio interesse e no dos vossos amigos pedimos que cheguem a um acordo. Podem concordar sobre um mínimo ou um máximo. Isso, não interessa. Mas, por favor, cheguem a acordo sobre qualquer coisa».

TRANSMISSÕES DIRECTAS DE TV ENTRE MOSCOVO E HAVANA

HAVANA, 9 — (R.) — A U. R. S. S. concordou na construção de uma estação de satélites de comunicações em Cuba. Esta atitude indica um estreitamento das relações entre ambos os países.

A estação proporcionará a transmissão e recepção directa telefónica, de Rádio e TV, entre Havana e Moscovo. Os técnicos soviéticos devem chegar a Havana dentro de alguns meses, a fim de ultimarem os projectos para a estação, que deverá ficar a funcionar dentro de dois ou três anos.

O acordo foi assinado ontem no Ministério dos Negócios Estrangeiros, de Havana.

RECOMEÇO DAS CONVERSÇÕES SINO-AMERICANAS

A China interessada em discutir com os EUA princípios de «coexistência»

WASHINGTON, 9 — (A. N. I.) — Vão recomençar em Varsóvia, no dia 20, as conversações sino-americanas, entre os chefes das missões diplomáticas de Pequim e de Washington na Polónia — anuncia a secre-

taria norte-americana de Estado.

As reuniões realizam-se na Embaixada da China, entre o embaixador Walter Stoessel, dos Estados Unidos, e o encarregado de negócios da China, Lei Yang.

Estas conversações de Varsóvia, iniciadas em 1955, estão suspensas há dois anos.

O acordo para retomar as conversações foi estabelecido ontem por Stoessel e Lei durante uma reunião preparatória em Varsóvia, mas já no dia 11 de Dezembro os dois diplomatas se haviam reunido para tratarem destas reuniões.

A secretaria de Estado não revelou a agenda de trabalhos, mas julga-se que versará sobre um vasto sector de assuntos de interesse para os dois países.

Os Estados Unidos, por exemplo, gostariam de discutir a forma de aumentar os contactos com a China Continental através de um intercâmbio de cientistas,

jornalistas e intelectuais.

A China Continental tinha dado a entender que estava interessada em discutir com os Estados Unidos princípios de «coexistência».

AS NEGOCIAÇÕES ENTRE PEQUIM E MOSCOVO

HONG-KONG, 9 — (R.)

— As conversações sino-soviéticas em Pequim não alcançaram qualquer progresso até ao momento em que foram interrompidas no mês passado, segundo afirma hoje o jornal «Ta Kung Pao», principal órgão comunista de Hong-Kong.

Numa notícia datada de Cantão, o jornal, que é considerado aqui um porta-voz não oficial de Pequim, diz que os russos rejeitaram uma proposta chinesa no sentido de serem retiradas as tropas de ambos os lados da fronteira sino-soviética até se conseguir chegar a um acordo final sobre a questão.

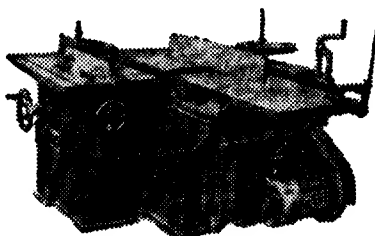
Nova teoria sobre a formação do cancro

WASHINGTON, 9 — (F. P.) — Uma nova teoria sobre a formação do cancro acaba de ser exposta pelo dr. Robert Huebner, eminente especialista de virologia, que trabalha com o dr. George Torado no Instituto Nacional do Cancro em Bethesda (Maryland).

O essencial da teoria é que o organismo humano possui, desde que nasce, um elemento capaz de provocar excepcionalmente o cancro. Esse elemento

compreende componentes ligados a um certo tipo de vírus. Assim, na maior parte dos indivíduos, tais componentes são neutralizados por outros elementos genéticos que formam um mecanismo de autodefesa. O cancro só «surte» quando esse mecanismo automático falhasse em consequência de anomalias de ordem genética ou devido a elementos exteriores, como as radiações de certos produtos químicos.

«MIDA»



MAQUINA UNIVERSAL Mod. GDFT

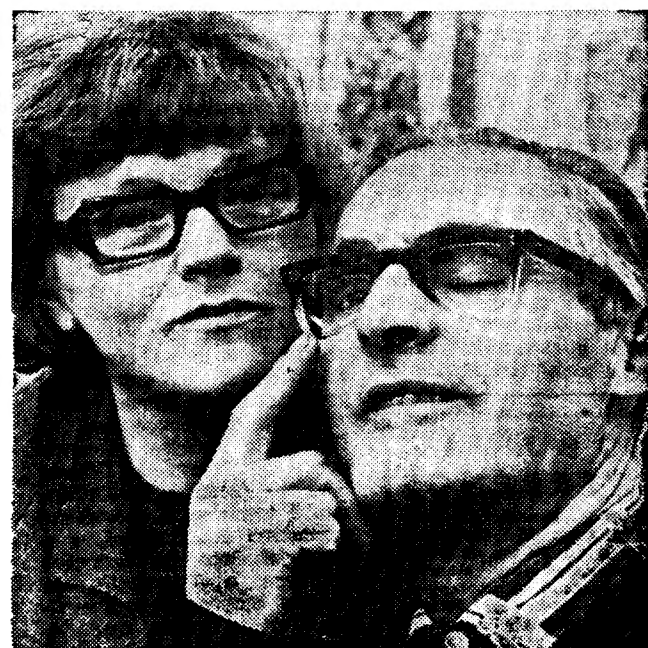
UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDUSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPENTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

Filial em Lisboa:

Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)



PETER JACKSON é o primeiro homem da Grã-Bretanha a possuir uma pálpebra magnética. Há cerca de cinco anos, Jackson começou a experimentar dificuldades em mover as pálpebras, a ponto de deixar de ver do olho direito que, em consequência de um derrame turvoso, se recusava a abrir. Os médicos do Hospital de New End, em Londres, incrustaram então na pálpebra direita de Peter uma pequena peça de metal magnetizada que mantém o olho direito aberto logo que o paciente coloca os óculos que se vêem na gravura. Peter Jackson pode agora, com toda a facilidade, piscar o olho a sua mulher...

ECOS

A idade das artérias pode conhecer-se pela pele. A arteriosclerose é das doenças mais mortíferas do nosso tempo. Nas cidades, sobretudo, a embolia e o enfarto são a causa de aproximadamente uma em cada três mortes que se verificam. A dificuldade de estudar a arteriosclerose deriva essencialmente do facto de ser impossível fazer experiências nas artérias situadas no interior do organismo. Ora diversos trabalhos muito recentes vieram demonstrar que a nossa pele envelhece ao mesmo tempo que a aorta e as coronárias, podendo assim serem observadas através dela a fixação e a decantação do colesterol nas paredes das artérias. Até mesmo olhando, com olhos de ver, para o rosto de uma pessoa, alguma coisa se conhece já dos fenómenos que se dão nos vasos sanguíneos. As pesquisas levadas a efeito, neste sentido, em Toulouse, no laboratório já célebre do dr. Hubert Boissou visam o primeiro dos factores patológicos da arteriosclerose ou, para ser mais preciso, da aterosclerose: o endurecimento. Permite apreciar, graças ao estudo da parte situada sob a epiderme, o estado da parede arterial e, em particular, da aorta, e determinar um envelhecimento precoce em certos indivíduos, ou, pelo contrário, uma prolongada juventude.

SEM o menor propósito de estabelecer polémica com uma folha involuntariamente humorística que, por acaso, no barbeiro, nos caiu sob os olhos, desejamos, sobretudo em atenção às pessoas de mais alto gabarito intelectual que possam não estar ainda familiarizadas com a expressão «sociedade da produção pela produção» (que não é, aliás, da nossa invenção senão que tem sido usada por Vitorinho de Magalhães Godinho e por sociólogos e economistas, quer de democracias socialistas, quer de países capitalistas), explicar o seu significado. Sociedade da produção pela produção é a im-

FILMES PUBLICITÁRIOS PORTUGUESES NUM FESTIVAL INTERNACIONAL NA ARGENTINA

O Primeiro Festival do Filme Publicitário Argentino, que se realizou em Agosto do ano passado em Rosário — a segunda cidade da Argentina — organizado pelo Canal 3, da Televisión Litoral S. A., alcançou tão destacado êxito que os seus promotores deliberaram expandir o seu âmbito e, para o futuro, dar-lhe carácter internacional com a participação dos países americanos de língua espanhola, de Portugal e da Espanha. Com efeito, não apenas o nível das produções exibidas, mas também a categoria profissional e social das entidades

ligadas ao sector que, de todos os pontos do país acorreram a Rosário a tomar parte no Festival — e que se mostraram altamente interessadas em ampliar as possibilidades de troca de conhecimentos e de pontos de vista proporcionadas por tal iniciativa — levaram a Televisión Litoral a organizar, para Junho deste ano, a realização do Festival do Filme Publicitário Hispano-Luso-Americano, ao qual o Governo argentino deu o seu patrocínio.

A fim de interessar no acontecimento as empresas portuguesas e espanholas produtoras de filmes publicitários, deslocaram-se à Península Ibérica o presidente da Televisión Litoral SA, sr. Alberto C. Collón, que é também o presidente executivo do Festival, e o Departamento de Relações Públicas e Promoção da mesma empresa, sr. Oswaldo García Conde, que desempenha igualmente o cargo de coordenador do Festival, os quais estiveram, primeiramente, em Madrid, onde contactaram com as firmas dos países vizinhos, cujos responsáveis manifestaram muito interesse na participação no Festival de Rosário. Deslocaram-se, em seguida, a Lisboa e, aqui, tiveram uma reunião, na Telecine Moro, com os produ-

propriadamente chamada, por vezes, sociedade de consumo, onde, na realidade, não há consumo livre, posto que a obsessão de produzir, mormente nos Estados Unidos, acaba por saturar o mercado de produtos, nem sempre de absoluta ou sequer de mediata necessidade, que redundam numa forma de vínculo alienatório, que prende o consumidor à produção. É óbvio que esta, em última análise, visa o lucro desenfreado.

REGISTA-SE, pela excentricidade, que, no entanto, não deixa de apresentar um sentido de agressão ao statu quo americano, esta frase semipublicitária semiprogramática do célebre conjunto musical estado-unidense «The Doors»: «Não procuramos unicamente divertir as pessoas. Somos artistas. O que mais apreciamos são as reacções fortes à nossa música.»

CONTRA o ataque de Jean Cau aos beatles, no seu breve dicionário da década de 60 publicado no semanário L'Actualité, insurge-se Jean-Michel Royer, que constata a popularidade de John Lennon e sua mulher, a japonesa Yoko, em França, lamentando que eles não tenham ousado mostrar à espírita Gália o seu verdadeiro poster (que apareceu decapitado em toda a França, enquanto na Inglaterra se mostrava integralmente). Diz Jean-Michel Royer: «Fizeram mal. Nem todos os franceses são como esse patife do Jean Cau, que não gosta dos beatles. Nem todos são como o homem do campo da Califórnia que, confundindo todos os hippies com os assassinos de Sharon Tate, que nem hippies eram, agora disparam as caçadeiras, de longe, contra quaisquer jovens de cabelos compridos com flores. Ainda não chegámos ao ponto de farejar nitroglicerina em todos os barbudos de lunetas que passeiam de Roma a Milão a suave timidez de Raskolnikov!»



Os promotores do Festival do Filme Publicitário de Rosário elucidaram os produtores portugueses sobre a sua participação no certame

res portugueses que, igualmente, se mostraram interessados em participar no certame, cujas características e organização os dois delegados argentinos expuseram, depois de terem exibido as películas que foram apresentadas no Festival de Rosário do ano passado.

Nesta reunião, em que se estabeleceu interessado colóquio e se trocaram pontos de vista sobre a possibilidade

A homenagem à escritora Fernanda de Castro

Decorre na segunda-feira, às 21 horas, no restaurante «A Quinta» (ao Largo do Carmo), o anunciado jantar de homenagem à escritora Fernanda de Castro, promovido por uma comissão de amigos da autora de «África Raiz». Falarão algumas individualidades destacadas da literatura e ler-se-ão, depois, poemas da homenageada.

OS NOVOS HORÁRIOS DOS COMBOIOS DO ESTORIL

Inquérito na «linha» por iniciativa dos próprios utentes

Não abranda (antes pelo contrário aumenta dia-a-dia) o movimento de protesto em torno dos novos horários e das novas tarifas estabelecidas pela Sociedade Estoril na linha Lisboa-Cascais-Lisboa.

— Parece que a Sociedade Estoril respondeu ao Ministério das Comunicações dizendo que apenas um restrito número de passageiros estava descontente. Já que as entidades oficiais ainda não resolveram fazer um escrupuloso inquérito, vamos nós fazê-lo.

Quem nos fala é a sr.^a D. Maria Luísa Themudo, residente em Carcavelos, uma das pessoas que tomou a iniciativa das reuniões de protesto na Junta de Freguesia daquela localidade.

— O inquérito vai ser feito na próxima semana. Estamos a estudar a maneira mais eficaz de o realizar. E não desistimos enquanto não provarmos que os protestos pelos novos horários não são de uma minoria de passageiros mas da quase totalidade dos

utentes da «linha» — acrescenta D. Maria Luísa Themudo.

Ainda a propósito da inconveniência dos novos horários postos em vigor pela «Sociedade Estoril», conti-

suscitados pela entrada em vigor tanto das novas tarifas como dos novos horários, suponho que algo haverá ainda a acrescentar.

Tem-se debatido muito o assunto, mormente pelas populações afectadas de Carcavelos e da Parede. Sucede que, tanto no local onde habito — Paço de Arcos — como em Caxias, igualmente graves têm sido os inconvenientes resultantes das novas medidas. Assim, e para o caso dos passageiros com assinatura mensal entre Paço de Arcos e Cais do Sodré, foi estipulado um aumento de cerca de 50 por cento sem se ter atentado na possibilidade material das pessoas que, por não existir qualquer outro meio de transporte público ao seu dispor, se vêem obrigadas a suportar tão elevado encargo.

Ora, dados os motivos «sábiliamente» invocados pela Sociedade Estoril em nota oportunamente vinda a público — e até porque pretendo ser incluído no número daqueles, poucos parece, a quem aquela Companhia se acha no dever de dar explicações — não me oponho ao aumento de tarifas. (Embora não perceba muito bem que culpa tem o público de o capital despendido pela referida Sociedade ter de ser amortizado num espaço de tempo mais curto que o normal para casos desta natureza). Sejam quais forem as razões invocadas, elas terão certamente sempre mais peso do que o meu modesto argumento familiar. É por isso que não me oponho ao presente aumento, assim como não me «opus» em 1967, nem me «oporei» certamente em 71, 73, etc., etc.

Todavia, e aqui o assunto torna-se mais escandaloso ainda, no aspecto de horários propriamente ditos a «coisa» deixa muito a desejar. No meu caso concreto e no de tantas outras pessoas, além de me ter que levantar mais cedo para apanhar um comboio — o das 7 e 58 — que chega normalmente a Lisboa à mesma hora daquela que tomava antes das «inovações», venifico com tristeza que apesar da boa vontade com que se anuncia um acréscimo de cerca de 60 comboios por dia, nós, os de Paço de Arcos, passámos a ter menos.

Verifica-se, no sentido Cascais-Lisboa, enquanto primeiramente tínhamos 65 composições a servir-nos diariamente, com a alteração passámos a ter somente 63, e no sentido inverso, de 66 passámos para 61.

Como transparece, pois, dos factos atrás apontados, as melhorias anunciadas parecem não ter beneficiado a maioria, como se pretende fazer crer.

MAIS ATRASOS E TRÂNSITO EM VIA ÚNICA

Apesar de estar quase completamente reparada a avaria no cabo localizado entre Caxias e Cruz Quebrada, que ontem esteve na origem de inúmeros atrasos na linha explorada pela Sociedade Estoril, tornaram a não se cumprir esta manhã os novos horários impostos aos passageiros da ligação ferroviária Lisboa-Cascais-Lisboa.

Dois casos comprovados pelos repórteres do «Diário de Lisboa»: o comboio n.º 612, que saiu de São Pedro do Estoril às 7 e 56 e deveria chegar ao Cais do Sodré às 8 e 22, só ali entrou (linha 3) às 8 e 41 minutos. Logo, com um atraso de 19 minutos. O atraso, daí a pouco, passaria para 30 minutos, uma vez que o comboio n.º 618, que deixou S. Pedro às 8 e 48, apenas chegou a Lisboa quase uma hora depois. Entrou na gare do Cais do Sodré às 9 e 45, quando o seu horário estabelecia a chegada para as 9 e 15.

Um informador da Sociedade Estoril declarou-nos que a avaria estará totalmente reparada a meio da tarde, devendo ainda hoje regularizar-se o tráfego. «Mas, de qualquer modo, é natural que nas horas de ponta» continuem a registar-se atrasos uma vez que o trânsito entre Cruz Quebrada e Caxias tem estado a fazer-se em via única» — concluiu.

numas a receber numerosas cartas de protesto contra esta deliberação da concessionária da «linha». De entre essas missivas, destacamos um trecho da que nos é remetida pelo sr. António José Sequeira Fêria Setta, residente na Rua Quinta de Coruche, lote 13, rés-do-chão, direito, em Paço de Arcos.

Nomeadamente diz o seguinte:

«É na qualidade de utente «forçado» dos comboios da Sociedade Estoril que me dirijo ao «Diário de Lisboa».

Efectivamente, e embora muito já tenha sido dito relativamente aos problemas

Um si que o poste tinham a suas residem

O enc e c

O Govern ra Corporat do respecti projeto de bre a criação litónico, co instituir um «destinado a ração técnica adequada ac actividades não requere pria natureza minação da universitário preambulo d ploma que técnicos de sitário, desti a sua activid sectores da «vem sendo há muito con tos em que i colar mais relacionam e gerais da eco

«Para uma democratizaç

Lembra-se, dito sobre a nosso ensino me. Tempora edicti os propri nos de estudos há pessoal do pareção espec centagem de mais baixa d mos...) e adi altura, que «o português não as solitações tas. E acresc «Pelo preser

MORADIA E TERRENOS

Vendem-se: Moradia em Carcavelos, preço 850 contos — Andar a 50 metros da praia de Carcavelos, local maravilhoso, preço 420 contos — Quintinha perto do Estoril, preço 420 contos — Lotes de terreno para moradias, com deslumbrantes vistas e nos melhores locais da Costa de Cascais, vendemos os terrenos ou construímos por encomenda ao gosto do comprador. Os preços são sujeitos a oferta e aceita-se pagamento em tudo e dão-se rigorosas referências. Trata a firma proprietária e construtora Tecnimento, Av. 5 de Outubro, 81-r/c. — Lisboa-1 — Telef. 539773 e 539774 — escritório e 771664 residência.

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU. UMA JOIA É SEMPRE UM VALOR. GRANDE OURIVESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 237

Conta Inf BANCO DO ALENTEJO



Um sinal de «Stop» localizado na Estrada Marginal, junto à Parede, foi mesmo ordem para parar. Às 4 e 10 de hoje, talvez porque o piso estava muito escorregadio, um «Porsche» branco, que se dirigia para Lisboa, despistou-se e depois de embater num poste de iluminação ficou quase desmontado. Dois dos três passageiros receberam tratamento no Hospital de São José (onde tinham sido transportados numa ambulância dos Bombeiros Voluntários da Parede e num carro particular), mas já recolheram a suas casas dada a pouca gravidade dos ferimentos. Trata-se dos srs. Joaquim Nunes Mourão (de 30 anos), ajudante de notário, residente na Avenida Marquês de Pombal, 49, 1.ª, na Amadora) e Joaquim Augusto Carreira (de 27 anos, agente comercial, morador na Estrada Poço do Chão, lote 6, 7.ª, esq., em Benfica), que, decerto, não ganharam para o susto.

O projectado Ensino Politécnico englobará o ensino médio e os seus cursos durarão três anos

O Governo enviou à Câmara Corporativa, para emissão do respectivo parecer, um projecto de proposta de lei sobre a criação do Ensino Politécnico, com o objectivo de instituir um grau de ensino destinado a conferir preparação técnica especializada e adequada ao desempenho de actividades profissionais que não requeiram pela sua própria natureza ou por determinação da lei, habilitação universitária. Diz-se no preâmbulo do projecto do diploma que a formação de técnicos de nível não universitário, destinados a exercer a sua actividade em todos os sectores da vida nacional, «vem sendo apontada desde há muito como um dos aspectos em que a preparação escolar mais directamente se relacionam com os problemas gerais da economia nacional».

«Para uma desejável democratização do ensino»

Lembra-se, ainda, o que foi dito sobre as carências do nosso ensino médio pela Câmara Corporativa (... não há edifícios próprios, não há planos de estudos adequados, não há pessoal docente com preparação específica... «a percentagem de diplomados é a mais baixa de todos os ramos...») e admite-se, a certa altura, que o ensino técnico português não corresponde às solicitações que lhe são feitas. E acrescenta-se:

«Pelo presente diploma es-

tabelecem-se as bases para a organização do ensino médio, em termos de abranger todos os sectores da actividade profissional que não exigem curso universitário. A denominação *ensino politécnico* exprime precisamente a polyvalência que se pretende atribuir a este ramo de ensino, e vem substituir a expressão — *ensino médio* — que não traduzia correctamente o carácter terminal destes estudos, e que talvez por isso não contribuiu para a sua indispensável expansão. Desde já se prevê, no ramo agrícola, o funcionamento dos cursos de agricultura, de silvicultura, de pecuária e de indústrias alimentares agrícolas. No ramo industrial, o dos cursos de metalomecânica, electrotecnia, de construção civil, obras públicas e minas, de química, têxtil e de construção naval. No ramo dos serviços, onde a falta de cursos técnicos era particularmente sensível, os cursos previstos são os de administração pública, gestão de empresas e relações humanas, contabilidade, análise de informática, comércio e publicidade, secretariado e correspondência, relações públicas, informação e comunicações, turismo, serviço social. No ramo artístico deverão funcionar cursos de estética industrial (Design), decoração, artes gráficas, magistério do desenho.

«Estabelece-se ainda que, sempre que as necessidades de formação de pessoal classificado nos vários domínios da economia nacional o justifiquem, venham a ser instituídos quaisquer outros cursos adaptados às necessidades do desenvolvimento do País. A organização dos cursos, e sua duração mais cur-

ta que a dos cursos universitários e a sua índole prática e profissional, e até a localização dos estabelecimentos, que obedecerá a critérios de planeamento regional permitindo ampliar de forma muito sensível as possibilidades de acesso à cultura dos nossos estudantes, em especial dos menos favorecidos, contribuindo, portanto, para uma desejável democratização do ensino».

Vão ser criados Institutos Politécnicos e Institutos Tecnológicos

Na proposta de lei diz-se expressamente: o Ensino Politécnico englobará o actual ensino médio. Os estabelecimentos de Ensino Politécnico denominam-se Institutos Politécnicos se neles se ministrarem o ensino de vários grupos de actividades. Quando se ocupem de um só grupo dar-se-lhe-á a designação de Institutos Tecnológicos, acrescida de termos identificadores da actividade que nele se abrange. Em qualquer dos casos, os estabelecimentos serão individualizados pela indicação da respectiva localidade.

A matrícula nos estabelecimentos de Ensino Politécnico é facultada, sem exame de admissão, aos que hajam obtido aprovação em qualquer curso técnico profissional e numa secção complementar preparatória adequada, ou aos que tenham obtido aprovação em qualquer das alíneas do 3.º ciclo liceal. Os que só possuam o 5.º ano do liceu terão de fazer exame de admissão para frequentarem os cursos do ramo de serviços.

Os diplomados pelos cursos politécnicos terão acesso

ao ensino universitário, sem exame de aptidão, mas só em cursos relacionados e em determinadas condições de aproveitamento.

Os cursos politécnicos não deverão ser superiores a 3 anos. O projecto de estatuto do Ensino Politécnico será elaborado no prazo de 90 dias a partir da aprovação do diploma, pela Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional.

Mais de 100 delegados estrangeiros participam a partir de hoje em Lisboa na 22.ª Conferência Geral da I.A.E.S.T.E.

Com uma sessão às 10 e 30, no Instituto Superior de Medicina Tropical, começa amanhã a 22.ª Conferência Geral do The International Association for the Exchange of Students for Technical Experience (Associação Internacional para a troca de Estudantes para Experiência Técnica), em que participam representantes de 17 países (professores de ensino técnico e industriais).

Os participantes na conferência, cujas reuniões decorrerão no Hotel Tivoli, tive-

«Democracia do Sub»

Celebrou o seu 67.º aniversário o nosso prezado colega «Democracia do Sul», diário eborense, que tem como director o sr. dr. João Leitão da Silva. Apresentamos-lhe e aos seus colaboradores cordiais saudações.

Mais um navio português prestou auxílio a pescadores senegaleses

Num curto período de tempo, dois navios da nossa Marinha Mercante prestam socorro a marinheiros senegaleses.

Há pouco mais de mês e meio o «Príncipe Perfeito», da Companhia Nacional de Navegação, salvou de situação afilitiva alguns pescadores do Senegal, que andavam à deriva, sem combustível e sem alimentos. Agora, foi o cargueiro «Alenquer», da Sociedade Geral, que em viagem de Cabinda para o Havre, encontrou perdidos no mar, com a máquina da sua embarcação partida, nove homens, todos pescadores senegaleses. O acidente ocorreu a 80 milhas ao Sul de Dakar. O capitão do «Alenquer», João Pereira Mano, distribuiu alimentos e deu instruções para

que o barco senegalês fosse rebocado para Dakar, onde o deixaram fundeado à entrada da Baía Pelas.

A «SEMANA DA ITÁLIA» NO PORTO

PORTO, 9 — De amanhã até ao dia 17, decorrerá, aqui, como dissemos, a «Semana da Itália», iniciativa de carácter comercial, promovida pelo Consulado daquele país e pela Câmara do Comércio Italiana em Portugal, através da sua delegação nesta cidade. Inclui a apresentação, nas ruas de Santo António e de Santa Catarina, até à Rua Formosa, de cerca de 50 montras decoradas com motivos apropriados e nas quais serão expostos produtos italianos normalmente importados.

No mesmo período efectuar-se-ão outras iniciativas que constam do seguinte programa: Amanhã, às 16 e 30, inauguração, oficial, da «Semana», pelo presidente da Câmara Municipal; às 18 e 45, «cocktail» nos salões da Casa da Itália; segunda-feira, às 18 e 45, no Cinema Batalha, projecção do filme italiano «Lábios Pintados», em colaboração com o Clube Português de Cinematografia e o Cineclube da Boticaria; quarta-feira, às 18 e 30, projecção de filmes industriais italianos no salão do Consulado da Itália; quinta-feira, às 18 e 15, projecção também no Cinema Batalha, do filme italiano «Os Complexos».

Durante a «Semana» haverá na Casa «Portifólio», em Santa Catarina, um concurso de desenhos reservados a jovens (tema livre sobre a Itália) e projecção, através do sistema de TV, estudo de trabalhos efectuados. Ao vencedor deste concurso será atribuída uma máquina de escrever «Olivetti».

ram hoje, ao fim da tarde, um «cocktail» de boas-vindas, naquela unidade hoteleira.

A I.A.E.S.T.E. surgiu em 1948 e, por iniciativa do prof. Correia de Barros, da Faculdade de Engenharia do Porto, e da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, Portugal começou a prestar-lhe colaboração a partir de 1951. O objectivo da I.A.E.S.T.E. é promover, anualmente, a troca de estudantes de Engenharia entre os diversos países membros para que possam frequentar, noutras terras, grandes organizações industriais, completando, em regime de estágio de férias, os conhecimentos previamente adquiridos. Os fins da Conferência Geral, que conta com a presença de mais de cem delegados estrangeiros, são os seguintes, nomea-

damente: estudar a par e a dos estágios de estudantes engenheiros; admissão de novos membros; balance da actividade do I.A.E.S.T.E. nos anos de 1968 e 1969; apreciação da colaboração ineficiente de alguns países e elaboração de suplementos ao «Manual» daquela organização.

O presidente da comissão portuguesa de honra é o prof. Correia de Barros e o presidente da comissão executiva, o prof. Bernard Jerosch Herold, assistido por vários professores e representantes dos estudantes de engenharia de Lisboa e do Porto e das Associações Industrial Portuguesa e Industrial Portuense.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELHAS

Infantil
ALENTEJO

O almirante Roboredo despediu-se da Armada

Durante uma tocante e íntima cerimónia, no gabinete de trabalho do Ministro da Marinha, o vice-almirante Armando de Roboredo, que até aqui exerceu as funções de chefe do Estado-Maior da Armada, despediu-se hoje com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, das suas funções — que tem de abandonar por a sua idade o atirar para a reserva — e dos camaradas de tantos anos.

«Ao deixar a nossa querida Marinha, levo comigo uma profunda mágoa» disse o almirante, «é não ter ocupado um posto em África desde que a subversão ali começou».

O almirante, que antes de proferir as suas palavras de agradecimento pela cerimónia que lhe foi dedicada, tentara resistir a dois fortes ataques de choro, afirmou ainda que «a Marinha continua a ser uma força que a Nação esti-

ma e acarinha porque está sempre ao serviço de todos os portugueses» e declarou que «estou convencido de que a Armada é um dos mais fortes pilares da Nação no futuro».

A cerimónia foi aberta com o sr. almirante Pereira Crespo a proferir amistosas palavras de elogio do homenageado e com a leitura de um despacho de louvor ao almirante Roboredo, que no final abraçou todos os oficiais superiores que assistiram à simples cerimónia.

O almirante Roboredo, ocupa actualmente uma banca de deputado na Assembleia Nacional.

Os Juniores franceses para o jogo com Portugal

PARIS, 9 — (F. P.) — Vinte e cinco juniores cujos nomes foram enviados à União Europeia de Futebol, foram pré-seleccionados com vista ao jogo França-Portugal, de 23 de Janeiro, preliminar do Torneio Internacional de Juniores.

São os seguintes: Guarda-redes: Bertrand-Demanes (Nantes), Gili (Marselha), Peron (AIX). Defesas: Becker (Pierrots Estrasburgo), Boissier (Nimes), Bracci (O. Marselha), Gardon (Nantes), Bianchini (Lille), Giordano (Cavigali Nice), Greek (AIX), Lecha-

telier (Angers) Roulot (Nantes La Ville).

Médios: Arribas (Nantes), Deutschmann (Estrasburgo), Differding (Sédan), Neubert (Valenciennes).

Avançados: Chouvin (Lille), Dhamane (Mulhouse), Ferrie (RC França), Glachetti (Valenciennes), Lacombe (Lyon), Rostagni (Cavigali Nice), Sarramagna (St. Etienne), Santini (St. Etienne) e Verstraete (E.B.F.N.).

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL

É hoje, às 21 e 30, que se efectua, na sede da Associação Industrial Portuguesa, a reunião dos componentes da direcção e dos presidentes das mesas de secção, para apreciação do plano de reestruturação dos serviços, bem como o programa de trabalhos para 1970.

Entregues os prémios «João Pereira da Rosa»

Em comemoração do 89.º aniversário de «O Século», foram ontem entregues, no salão de festas daquele nosso prezado colega da manhã, os prémios «João Pereira da Rosa», instituídos para galardoar trabalhos de reportagens vindas a público nas diversas publicações da Sociedade Nacional de Tipografia.

A cerimónia da entrega dos prémios foi presidida pelo sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, director de «O Século», ladeado por sua mãe, D. Angélica Pavão Pereira da Rosa, presidente do conselho de administração da Sociedade Nacional de Tipografia e, entre outras destacadas figuras da empresa, os administradores srs. Joaquim Pavão e eng.º Francisco Eugénio Martins.

Sobre o significado da cerimónia falou o sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, que se referiu a problemas inter-

nos da sua empresa, salientando que a política da Sociedade Nacional de Tipografia tem sido a dos investimentos — em compensação ao pessoal e em máquinas — e afirmou:

«Os donos de «O Século» têm abdicado, abdicaram sempre, de remuneração ao capital que aqui está investido, para que a Casa progrida».

Por fim, o director de «O Século» procedeu à entrega dos prémios, que galardoam, na sua maioria elementos do «Século Ilustrado» (Duarte Figueiredo, Conceição Gomes da Silva e Eduardo Gageiro) e de «O Século» (Fernando Baião), além dos srs. Filipe Luís das Neves e Francisco Andrade, dos quadros técnicos da empresa.

Iate irlandês

Depois de ter sofrido as inclemências do tempo, numa viagem que foi difícil, chegou de Vigo o iate irlandês «Arran Lad», com três tripulantes, que são afinal, da mesma família: Standich Roche, sua mulher Evelyn Laura Roche e David Roche.

O barco entrou na doca de Alcântara, donde sairá, em breve, para se abrigar na doca do Bom Sucesso. O proprietário do barco é o próprio Standich Roche, que está disposto a efectuar uma longa viagem.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA

Por imperiosa necessidade de realização de trabalhos da Companhia das Águas de Lisboa no seu sistema abastecedor de Sacavém, Flugo Maduro e Prior Velho, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de água será interrompido das 16 às 17 horas do dia 10 de Janeiro em curso.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 8 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves
Cabaço

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de ampliação e remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 11 (Domingo), das 8 às 12 horas, nas seguintes zonas:

Sacavém de Cima, Prior Velho, Bairro da Fonte Perre, Camarate, Felais, Galvão, Apelação, Catujal, Unhos, Bairro do Grilo e toda a linha de A. T. entre Sacavém Unhos e Bairro do Grilo.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 8 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves
Cabaço

Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal

S. C. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA 1.ª CONVOCAÇÃO

Convoco os Srs. Associados a reunirem-se na Sede Social, Calçada do Duque, 25, pelas 21,30 horas do dia 20 de Janeiro de 1970, sendo a:

ORDEM DOS TRABALHOS

Apreciar, discutir e votar:

- 1.º — Eleições para o triénio 1970/1972.
- 2.º — O relatório de Contas e o parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercício de 1969.
- 3.º — Nomeação duma Comissão Revisora das Contas no triénio 1966/1968, composta de três membros que darão o seu parecer no máximo de 90 dias.

Lisboa, e Sede da C. T. P. aos 6 de Janeiro de 1970.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA

a) — Alfredo Júlio dos Santos

NOTA: Como por certo a Assembleia Geral não poderá realizar-se na data indicada, por falta de numero, é intenção da mesa realizá-la em 2.ª Convocação, isto é, com qualquer numero de associados, em 3 de Fevereiro de 1970, no mesmo local, à mesma hora.



ENG. AGRÓNOMO

CARLOS

DURO CONTREIRAS

A Direcção da UCAL — União das Cooperativas Abastecedoras do Leste de Lisboa, a Mesa da Assembleia Geral, o Conselho Fiscal e as Direcções das Cooperativas suas associadas cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu grande amigo e Presidente da Direcção, realizando-se o funeral no dia 10, pelas 11 horas, da residência na Rua S. João de Brito, n.º 5, para o Cemitério dos Prazeres.



ENG. AGRÓNOMO

CARLOS

DURO CONTREIRAS

O Pessoal da UCAL — União das Cooperativas Abastecedoras do Leste de Lisboa, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu grande amigo e Presidente da Direcção, realizando-se o funeral no dia 10, pelas 11 horas, da residência na Rua São João de Brito, 5, para o cemitério dos Prazeres.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda	Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 3 1/4 %	530\$	—	518\$	Jornalistas Angola	2.400\$	2.395\$	2.410\$
Consolidado 3 %	—	—	530\$	M. E. Revuá	—	640\$	—
Consolidado 3 1/2 %	1.480\$	—	620\$	Linha de Príncipe	—	—	—
Centenários 4 %	—	—	1.490\$	Moçambique	181\$	179\$	181\$
Obriga. Tesouro 5 %	—	1.005\$	1.010\$	Sonete n	—	—	—
Externo Série A	—	600\$	700\$	Sonete 2	445\$	445\$	448\$
Externo Série B	—	820\$	830\$	Lombéza	85\$	—	86\$
Externo Série C	—	720\$	820\$	Angolano	—	—	—
Externo Série D	—	750\$	820\$				
Externo Série E	—	—	160\$				
OBRIGAÇÕES							
Agua. Lisboa 5 %	—	—	—	Diversas	7.890\$	7.850\$	7.900\$
A. P. I. 5 % 56	—	920\$	925\$	Indic	—	4.500\$	5.300\$
A. P. I. 5 % 58	—	920\$	925\$	Cm Leiria	—	—	7.000\$
C. P. 4 1/2 % 65	—	—	—	Cm Tejo	—	1.450\$	1.500\$
C. P. 5 1/2 % 67	1.000\$	990\$	—	Cal. Navegação	—	1.530\$	1.560\$
C. U. F. 6 %	1.000\$	1.000\$	—	C. U. F.	—	—	—
C. U. F. 6 % 68	1.015\$	0.15\$	1.017\$	Ind. Alentejo	—	3.800\$	4.000\$
Gás Elect. 4 % 48	—	780\$	—	Nac. Navegação	2.100\$	2.095\$	2.100\$
Gás Elect. 4 1/2 % 51	—	815\$	—	Port. Colónias	1.430\$	1.430\$	—
Gás Elect. 5 % 52	—	890\$	—	Port. Celulose	4.350\$	4.300\$	4.400\$
Gás Elect. 5 % 58	—	890\$	—	Port. Pesca	785\$	784\$	787\$
Gás Elect. 5 % 59	—	890\$	—	Port. Tabacos	—	4.700\$	4.780\$
Gás Elect. 5 % 62	—	910\$	—	Siderurg. Nac.	1.820\$	1.800\$	1.830\$
Gás Elect. 5 % 63	—	910\$	—	Soc. de	3.410\$	3.400\$	3.450\$
Gás Elect. 5 % 65	—	910\$	—	Tabacos de Portugal	—	1.810\$	1.870\$
Gás Elect. 5 % 67	—	900\$	—	Tabacoza	—	1.810\$	1.870\$
H. E. A. Alentejo 5 %	—	—	—	U. F. Azoto	882\$	880\$	882\$
H. E. Cávado 5 %	—	—	—				
H. E. Cávado 6 %	—	—	—	Agua. Elect. e Gás			
H. E. Doura 5 %	—	1.000\$	835\$	Agua. Lisboa p	—	400\$	—
H. E. Doura 6 %	—	—	998\$	Agua. Lisboa 34	—	420\$	—
H. E. Norte Port 5 %	—	—	—	Agua. Lisboa 36	—	400\$	—
H. E. S. Estrela 6 %	—	—	—	Elect. Beiras	—	1.600\$	—
H. E. Zêzere 5 % 55	825\$	—	995\$	Gás Electr	430\$	430\$	431\$
H. E. Zêzere 5 % 57	—	—	830\$	H. E. Alto Alentejo	157\$	157\$	158\$
Lisnave 6 %	—	995\$	1.000\$	H. E. Cávado	1.275\$	1.275\$	1.280\$
Metropolitano 4 %	—	—	—	H. E. Doura	1.275\$	1.275\$	1.279\$
Metropolitano 3 3/4 %	—	—	1.000\$	H. E. Norte Portugal	—	—	—
Moçambique 5 %	—	—	—	H. E. S. Estrela	—	—	—
Nac. Electr. 5 %	—	—	—	H. E. Zêzere	1.275\$	1.275\$	1.280\$
Nitratos 5 %	—	—	—	Nac. Electricidade	1.275\$	1.275\$	—
Petroquímica 5 %	—	865\$	820\$	Termoelectr. Port	1.280\$	1.275\$	1.280\$
Port. Celul. 5 %	—	950\$	—	U. E. P.	190\$	—	190\$
Sacar 5 % 54	—	—	—				
Sacar 5 % 60	—	890\$	—	FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Siderurgia 5 % 2*	—	—	—	F. Atlântico	—	204\$9	211\$
Siderurgia 5 % 3*	—	—	—	F. D. E.	—	106\$2	130\$
Siderurgia 5 % 4*	—	—	—				
Sonete 5 %	840\$	840\$	850\$				
T. A. E. P. 4 %	—	—	—				
Termoelectr. Port 5 %	813\$	810\$	815\$				
U. E. P. 3 3/4 %	—	84\$	86\$				
U. E. P. 4 %	—	84\$	—				
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—				
U. E. P. 5 %	815\$	81\$	83\$				
U. E. P. 5 % 60	—	—	—				
U. E. P. 5 % 63	—	—	—				
A C C I O E S							
Bancos							
Agricultura	2.300\$	2.295\$	2.310\$				
Alentejo	1.100\$	1.100\$	1.100\$				
Angia	3.690\$	3.650\$	3.690\$				
Burnay	—	—	—				
Créd. Predial	5.700\$	5.650\$	5.730\$				
E. Santo	—	18.500\$	19.500\$				
E. Santo n	—	—	—				
Fonseca S. p	—	20.000\$	25.000\$				
Fomento Nacional	2.420\$	2.400\$	2.450\$				
L. & Agores p	7.100\$	7.120\$	—				
L. & Agores n	—	—	—				
P. Atlântico p	5.850\$	5.820\$	5.900\$				
Portugal n	—	3.200\$	3.300\$				
Portugal p	—	4.200\$	4.400\$				
Totta Aliança	6.450\$	6.400\$	6.500\$				
Ultramarino n	3.580\$	3.570\$	3.580\$				
Ultramarino p	3.870\$	3.870\$	3.880\$				
Seguros							
Alentejo	815\$	81\$	82\$				
Douro	—	885\$	900\$				
Mundia	890\$	1.050\$	2.600\$				
Sagres	—	60.000\$	65.000\$				
Tranquilidade	—	18.000\$	30.000\$				
Ultramarino	—	—	—				
Ultramarinas							
Agúcar de Angola	895\$	885\$	900\$				
Ag. Cosmeque	800\$	785\$	805\$				
Ag. Incomat	—	—	—				
Ag. Neves	—	470\$	500\$				
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	395\$	370\$				
Boror	—	180\$	—				
Buzi	—	80\$	—				
Cabinda	—	242\$	245\$				

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCOES (Base Dez. 65-100)	1-1-1970	8-1-1970	9-1-1970
GERAL	150,7	151,6	152,1
METROPOL	142,8	143,5	143,9
ULTRAM.	208,5	211,2	212,6

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36550	38550
América:		
— Dollars de 2...	28500	28550
— Dollars de 5 000	28530	28570
Canadá — Dollar	26520	26570
Argentina — Marco	7555	7585
Austria — Schilling	505	508
Argentina — Peso	1508	1515
Brasil — Cruzeiro Novo	5500	7500
Espanha — Peseta	39.2	40.7
Holanda — Florim	7565	7595
Inglaterra — Libra	67550	69550
Itália — Lira	504.4	504.65
Bélgica — Franco	555	558
Frância — Franco	4570	5810
Suiza — Franco	6550	6570
Marracos — Dirham	4580	5530
Dinamarca — Coroa	3560	3590
Noruega — Coroa	3585	4515
Suécia — Coroa	5535	5565
Duro:		
Inglaterra — Libra Isabe	290500	310500
Inglaterra — 1/2 Libra	260500	280500
Ouro fino — Barro	34570	36570

J. BURNAY. L. DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



Joana (Eunice Muñoz) procura em «O Jogo da Verdade» o «seu» jogo da felicidade

O Jogo da Verdade «A LAREIRA ESTÁ ACESA»

Prossegue a série dramática, original de Costa Ferreira, «O Jogo da Verdade», com o terceiro episódio intitulado «A lareira está acesa».

Neste episódio, a transmitir pelas 22 e 15, intervêm os seguintes actores: Eunice Muñoz, Síndia Filipe, Josefina Silva, Helena Félix e António Couto-Viana.

Cenários de António Botelho e realização de Oliveira e Costa.

CASA DA COMÉDIA

Hoje, às 22 horas, no teatro das Janelas Verdes, na Rua de São Francisco de Borja, 22, o conhecido teatrólogo beiga Tone Brulin fará a sua segunda e última palestra subordinada ao tema «Teorias de Jerzy Grotowski — O Teatro pobre». Tone Brulin, a convite da Casa da Comédia, com o patrocínio do Fundo do Teatro e da Fundação Calouste Gulbenkian, estará em Lisboa, até ao próximo dia 10, a ministrar um curso sobre o teatro pobre de Grotowski, destinado exclusivamente a jovens actores portugueses ou aspirantes a actor.

A marcação dos lugares poderá ser feita, depois das 18 e 30, pelo telef. 677299 ou directamente na sede.

«JAM-SESSION» NO HOT CLUB

Três conjuntos, um deles americano, participam na «jam-session» que o Hot Club de Portugal realiza, de amanhã, a partir das 22 horas, na sua sede da Praça da Alegria.

A sessão de «jazz» primeira de uma série que o Hot Club programou para este ano, inclui o Bossa Jazz 3 e o conjunto de António Pinto Barbosa, ambos de Lisboa, e ainda os americanos (convidados) de Kevin Hovhaye.

MENSAGENS DE MILITARES

EM SERVIÇO EM MOÇAMBIQUE

Continuam a ser transmitidas as mensagens de Natal dos soldados, em serviço nas províncias ultramarinas, integradas no programa das Forças Armadas «Ao Serviço da Nação».

Hoje, pelas 20 e 30, é exibido um filme, realizado por Adriano Nazareth em Moçambique, com as saudações dos militares ali em serviço. Imagem de António Silva e som de João Lourenço.

Cesário Verde

em «Os homens, os livros e as coisas»

Pelas 19 e 45, Joaquim Magalhães apresenta o seu programa «Os homens, os livros e as coisas...», versando, fundamentalmente, Ce-

sário Verde, o seu amor por Lisboa e a sua poesia.

Cesário era filho de um comerciante lisboeta que lhe deu uma aprendizagem da vida logo desde muito cedo e que lhe exigia uma atenção contínua aos objectos que o rodeavam.

Helena Domingos colabora no programa dizendo alguns dos poemas de Cesário Verde.



Carmen Sevilla revive, no 2.º Programa o seu grande êxito no filme «A Irmã de San Sulpício»

II PROGRAMA

«Noite de Cinema:» A irmã San Sulpício

A emissão do 2.º Programa é totalmente dedicada à «Noite de Cinema» e ao filme «A Irmã San Sulpício» com a actriz espanhola de grande popularidade Carmen Sevilla.



Com a sua actuação na série «Brigada Especial», Clarence Williams conquistou enorme popularidade e granjeou uma «pequena» fortuna

A Brigada Especial LUZ NA ESCURIDÃO

Pelas 22 e 50 exibe-se o filme «Luz na escuridão», da série policial «A brigada especial», que conta com o concurso dos actores Michael Cole, Clarence Williams e Peggy Lipton, acompanhados pelo veterano Tigge Andrews.

Earl Bellany é o realizador do episódio e a história situa-se numa praia deserta, onde uma jovem negra, cega, é atacada. Quem seria o agressor, e qual o motivo? É esse o problema que a «Brigada especial» vai tentar resolver.

CARTAZ TV

OLA AMIGOS!... é a saudação inicial e logo Jorge Alves apresenta pelas 20 e 10 o programa «Cartaz TV» com um resumo ilustrado dos programas que ao longo da próxima semana poderão ser vistos pelos telespectadores. Evidentemente, que os pequenos amigos de Jorge Alves terão os seus «desenhos animados».

Casei com uma feiticeira

«Ao ano andar, aos dois falará, senão burro ficará...», pois Endora, por cartas mágicas, consegue que a netinha, um bebé recém-nascido, fale... Os espectadores apreciadores da série «Casei com uma feiticeira» têm, cerca das 21 horas, no episódio intitulado «O bebé falou», a «conversa» da filha da «Samantha» e «Darrin». Estes, os papás, são os actores Elizabeth Montgomery e Dick York. Endora, a incrível «sogra», é Agnes Moorehead.



PROGRAMA DE HOJE
I Programa — As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 30: Cartaz TV; 20 e 30: «Ao Serviço da Nação»; 20 e 50: Casei com uma feiticeira; 21 e 30: Telejornal; 22: Dia Nacional do Emigrante; 22 e 15: «O Jogo da Verdade»; 22 e 50: A Brigada Especial; 23 e 50: Marcha do Mundo; e Fecho.
II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «A Irmã San Sulpício»; 23 e 30: Fecho.



Rádio

PROGRAMAS DE HOJE
MISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: O grupo cal da Cerâmica de Valadares; Separador; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa pelo dr. Marques Pereira — Roteiro musical português; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos trópicos — por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 45: Rádio rural — Música, só música; 20: Junção: Diário Sonoro; 20 e 20: Desdobramento — Melodias por orquestras; 20 e 40: 8.º episódio do folhetim «Roca»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Novidades em discos: texto e selecção de Paul Medeiros; 22 e 05: O homem e a sociedade, por António João Bispo — Separador; 22 e 30: Fados, por Ana Horta e Natalino Duarte; 22 e 50: Música ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.
2.º Programa — 397 m — 155 kc/s — As 15: Música sinfónica — Bailado da 3.ª acta da ópera «Vésperas Sicilianas» (Verdi); 6: Folclore do Mundo — Cantos Judeus Espanhóis originários do século XVI — Música da Grécia — Cantos de Egin — Danças da Roménia; 16 e 25: Curiosidades musicais — Alvorada — Trecho da ópera «O Escorvado» (Carlos Gomes) — Trio em ré maior, op. 22 (Sergei Taneyev).
RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 16 e 05: O seu mundo; 18 e 15: Momento hexentel; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 5: No mundo acontece; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco; 21 e 03: Oitava fala consigo; 21 e 5: Música tradicional e palestra religiosa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: «Diário rural»; e 03: Talismã.
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da G6-G8; 0 e 02: Em órbita-dois; e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.
Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: E a o seu mundo; 18 e 45: Matinal teatral; 9 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Norte da dia; 21 e 02: Orquestras; 2 e 30: Rádio; 21 e 45: Mensagem da evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 5: Novas de alegria; 22 e 30: Corrosel-3; 23 e 04: Cube da Juventude.
RÁDIO RENASCENÇA — 33,2 m — 1286 kc/s — As 6: Radiograma; 18 e 05: Programa Sumal; 18 e 30: Terço e bênção da Basilica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que se foram; 9 e 30: Página 1; 20 e 5: Montando; 21: Música e canções para o seu fim de semana; 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.
EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 88 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 10 às 14 e 30 — Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22 — Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2 — Rádio Graça Das 14 e 30 às 19 e 30.

canal da crítica

TERCEIRA ESCOLHA OU ESCOLHA DE TERCEIRA?

1 — Alenn Howard tem um camarada fotógrafo preso num país africano e em poder de Kubani, que lutava contra Wamumba, o presidente. Kubani pede 100 mil dólares pela entrega do fotógrafo.

2 — Wamumba, o presidente, vive entre dois fogos: por um lado, os «culturas», os «ultras», que o presidente ainda não pode dominar e que, a coberto de uma certa impiedade, praticam actos violentos. E ilegais: os «culturas» vão ao ponto de vasculharem na vida privada dos adversários, utilizando microfones e espões, métodos que os «culturas» só abandonarão, com certeza, quando deixarem de estar certos da impunidade, ou quando a opinião pública puder ser informada com respeito absoluto pela verdade, donde poderá resultar que o feitiço se volte contra o feiticeiro.

3 — Entretanto, Wamumba congela a conta do Alenn, o que o impede de pagar o resgate. Sem dinheiro, sem desajar pactuar com os «culturas» e sem desistir de libertar o colega, Glenn opta por uma terceira escolha: contrata

mercenários, serve-se de Kubani (que, com os seus, se refugia num barco encostado ao cais...) como escudo, mas impede que a gente de Wamumba se apodere dele.

4 — Tudo na série se encontrava a postos para expor a gracinha da anedota da terceira escolha. O resto, já não interessava. Tanto podia passar-se na África, como na América Latina, como na Ásia. A escolha da África, na óptica americana, deve justificar-se por uma questão de exotismo e por ser tema geográfico menos candente nas preocupações lanques.

5 — Está bem Mas será lícito, a quem quer que seja, brincar com coisas sérias? «Convergência» acabou a sua emissão de ontem, como

habitualmente, com a «Crónica», de Fernando Botelho, um caso verdadeiramente extraordinário de literatura oral, uma literatura onde as próprias vírgulas, as exclamações, as reticências, têm uma presença visual. Pasma-se do virtuosismo que, só por si, é motivo bastante para aguardar a última página de «Convergência». Por singular, espantamo-nos que Fernando Botelho haja recorrido à leitura dos títulos de obras que recomendou aos telespectadores.

A parte mais significativa da rubrica é a responsabilidade de Bruno de Jesus foi aquela em que se prestou homenagem a José Régio. Imagens muito pobres do enterro e dois poemas muito bem ditos por Alvaro Bena-mor (estava nos seus dias) e por Manuela de Freitas.

Para falar do poeta veio João Gaspar Simões. Nos antípodas de Fernando Bote-

lho, eu as folhas conscientemente, como se manifestasse uma prenda. Nenhum mal nisso, cada qual tem os seus métodos e João Gaspar Simões procedeu bem. Quando não se goza do dom da palavra, torna-se aventura perigosa falar à volta de matéria tão grave como a poesia dos poetas.

A escolha de João Gaspar Simões justificava-se a todos os títulos. A competência do crítico advinha do conhecimento do homem e da presença do amigo. Ele estava, pois, indicado para comentar de José Régio o público telespectador, para o levar à convivência com o poeta.

Na realidade, não veio a acontecer, salvo guardem-se embora, as boas intenções. Palavras que se ouviram foram distantes, frias, quase indiferentes. E algumas muito desorientadoras do público

(Continua na página seguinte)

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

menos dado às letras. Custa a orer que um homem de bom-senso generalize ao ponto de escrever que «os grandes poetas são cada vez mais raros neste mundo» que «se perdeu, na poesia contemporânea, o sentido da grandeza» que «os tempos de hoje (são) mais dados ao fingimento do que à grandeza propriamente dita», que «os poetas que mais se preocupam com a maneira de dizer são geralmente os que menos têm a dizer».

Recordemos a sua afirmação, segundo a qual «com Camões, com Bocage, com Antero, com Junqueiro, com Gomes Leal, com Teixeira de Pascoais, com Fernando Pessoa, (...) José Régio é, com eles, um dos últimos grandes poetas da literatura portuguesa».

Afinal, escrever não impede a levandade. Mesmo sem termos das coordenadas que limitam a «autêntica poesia» na perspectiva de João Gas-

par Simões, será imperdoável esquecer Sá-Carneiro, Camilo Pessanha, António Nobre, João de Deus, que sei eu, que sei eu! É certamente João Gaspar Simões não recusará alvará a Cesário, a Tolentino a Garrett, a Filinto, etc. etc. Queiramos nós tornar a poesia contemporânea, a tal dama de maus costumes poéticas que João Gaspar Simões olha com tamanha desconfiança — e não nos será lícito esquecer (para citarmos apenas alguns exemplos) António Botto, José Gomes Ferreira, Carlos Queirós, Mário Cesariny, António Gedeão, Sophia de Mello Breyner, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, Herberto Helder, António Reis, Manuel de F. S. e...

João Gaspar Simões não foi feliz. Deve ter escrito o seu apontamento sobre os joelhos — e a velocidade traiu-o. José Régio não lhe agradeceria o facto de estar ali, nas mãos do crítico preconceituoso, como um mero pretexto.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Câmara Municipal de Lisboa

EDITAL N.º 261/69

Eu, António Vitorino França Borges, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço público que em reunião de 18 de Dezembro de 1969, continuada em 29 deste mês e ano, foi aprovada a seguinte proposta e a respectiva tabela de taxas, licenças e outras receitas municipais, de harmonia com o Decreto-Lei n.º 49 438, de 11 de Dezembro de 1969:

Artigo 1.º — É aprovada a tabela anexa, de taxas, licenças e outras receitas municipais, a cobrar a partir de 1 de Janeiro de 1970.

Art.º 2.º — 1. Continua a haver lugar ao pagamento de custas, a liquidar, nos termos do Código das Custas Judiciais, nos processos administrativos de exclusivo interesse particular.

2. Haverá igualmente lugar ao pagamento de custas, nos termos do mesmo Código, nos processos do Tribunal de Reclamações e Transgressões.

3. Os encargos que não constituem compensação de despesas dos funcionários, nem se destinem às partes ou a particulares que intervenham nos processos, reverterem para a câmara municipal.

Art.º 3.º — 1. O pessoal da Câmara e os familiares a seu cargo ficam isentos do pagamento das taxas de utilização das instalações subordinadas à administração municipal, designadamente das desportivas, recreativas e de campismo, sempre que tal utilização seja enquadrável nos objectivos de acção social e cultural previstos no art.º 8.º do Decreto-Lei n.º 45 362, de 21 de Novembro de 1963.

2. Esta utilização gratuita só será concedida quando não prejudique o uso normal das mesmas instalações por parte do público.

Art.º 4.º — As isenções de taxas de licenças para obras, pedidas pelo artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 49 438, de 11 de Dezembro de 1969, serão estabelecidas caso por caso, por decisão do presidente da câmara.

Art.º 5.º — Os pedidos de renovação das licenças serão feitos verbalmente.

Art.º 6.º — 1. Sempre que o pedido de renovação de licenças se efectue para além dos prazos legais a regulamentares, será a taxa acrescida de 30% para a Câmara, não havendo lugar ao pagamento de multa, salvo se, entretanto, tiver sido autuada a transgressão.

2. O disposto no número anterior não se aplica às licenças de obras.

3. No documento de cobrança de multa liquidar-se-ão ainda as taxas de licença que forem devidas.

Art.º 7.º — As taxas diárias, semanais, mensais ou anuais são devidas por cada dia, semana, mês, ano civil ou fracção, e a sua validade, com excepção das respeitantes às de licenças de obras, caduca, em qualquer caso, no final do ano em que forem liquidadas.

Art.º 8.º — As administrações dos bairros de Lisboa utilizarão, na parte aplicável, as disposições constantes desta deliberação e da respectiva tabela, revertendo a receita para a câmara nos termos do § 2.º do artigo 10.º do Decreto n.º 26 159 de 27/12/65 e do Decreto-Lei n.º 41 830, de 31/12/62.

Art.º 9.º — Ficam revogadas as disposições que a presente deliberação se destina a substituir.

A tabela de taxas e licenças e outras receitas encontra-se afixada nos lugares do estilo.

Paços do Concelho de Lisboa, em 29 de Dezembro de 1969.

O PRESIDENTE,

António Vitorino França Borges

AMIAIS DE BAIXO



JOSÉ FRANCISCO LUCAS VARANDA

FALECEU

O PESSOAL DA FABRICA DE TAPETES VITÓRIA — MIRA DE AIRE, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Paião e grande Amigo, e que o funeral se realiza hoje, pelas 17 horas, da Igreja de Amiais de Baixo, para o cemitério local.

AMIAIS DE BAIXO



JOSÉ FRANCISCO LUCAS VARANDA

FALECEU

A GERÊNCIA DA FABRICA DE TAPETES VITÓRIA, cumpre o doloroso dever de participar aos seus clientes e amigos o falecimento do sócio-gerente, Ex.º Senhor José Francisco Lucas Varanda, e que o funeral se realiza hoje, pelas 17 horas, da igreja de Amiais de Baixo, para o cemitério local.

AMIAIS DE BAIXO



JOSÉ FRANCISCO LUCAS VARANDA

FALECEU

O PESSOAL DO DEPÓSITO DA FABRICA DE TAPETES VITÓRIA — LISBOA, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Paião e grande Amigo, e que o funeral se realiza hoje, pelas 17 horas, da Igreja de Amiais de Baixo para o cemitério local.

AMIAIS DE BAIXO



JOSÉ FRANCISCO LUCAS VARANDA

FALECEU

A GERÊNCIA DAS GALÉRIAS VITÓRIA cumpre o doloroso dever de participar aos seus clientes e amigos, o falecimento do sócio-gerente, Ex.º Senhor José Francisco Lucas Varanda, e que o funeral se realiza hoje, pelas 17 horas, da igreja de Amiais de Baixo para o cemitério local.

AMIAIS DE BAIXO



JOSÉ FRANCISCO LUCAS VARANDA

FALECEU

Maria Emília Batista, Varanda Duarte, Leocádia Batista Varanda Marques, Lurdes Batista Varanda Carvalho de Melo, José Duarte da Antónia, Joaquim José Marques Dr. José Alves Carvalho de Melo, Nuno Varanda Marques, António José Varanda Marques, Marta Maria Varanda Duarte, Luís Manuel Varanda Duarte, Maria Isabel Varanda Carvalho de Melo e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza hoje, pelas 17 horas, da igreja de Amiais de Baixo para o cemitério local.



Margarida

da Conceição Ferreira

Mataforme Coelho

FALECEU

Francisco de Oliveira Coelho, suas filhas, nora, genros, netos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua extremosa esposa, tia e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 10, pelas 10 horas, da igreja dos Anjos para o cemitério dos Olivais.

Agência Ricardo Henriques

Telef. 86 91 84



D. JULIETA GRAÇA ALEXANDRINO

EUGÉNIO

FALECEU

Eduardo José Alexandrino Eugénio, mulher, filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida mãe, sogra, avó e parente e que o funeral se realizará amanhã, dia 10, pelas 10.30 horas, da Capelinha do Asilo de Santo António (na Rua Luís Pinto Moitinho, junto à Igreja dos Anjos), para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA MEGA



CARLOS DURO CONTREIRAS

ENG. AGRÓNOMO

FALECEU

Maria Isabel Duro Contreiras, Mafalda Maria Duro Contreiras e filha; Maria Isabel Contreiras de Matos, seu marido e filhos; Eng.º Raul Duro Contreiras, sua mulher e filhos; Dr. Francisco Duro Contreiras, sua mulher e filhos e restante família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido filho, irmão tio, cunhado e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã dia 10, pelas 11 horas da sua residência, Avenida São João de Brito, n.º 5, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

AGENCIA SALGADO DA RUA DA ROSA (T. 324257)



CARLOS DURO CONTREIRAS

ENG. AGRÓNOMO

FALECEU

RELOJOARIA SUISSA, DE NEVES E CARVALHO, LDA, cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus clientes e amigos, o falecimento do irmão e cunhado dos seus sócios, e que o funeral se realiza amanhã, dia 10, pelas 11 horas da sua residência Avenida São João de Brito, n.º 5, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.



CARLOS DURO CONTREIRAS

ENG. AGRÓNOMO

FALECEU

CONTREIRAS, LDA, cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus clientes e amigos, o falecimento do seu sócio-gerente, e que o funeral se realiza amanhã, dia 10, pelas 11 horas da sua residência Avenida São João de Brito, n.º 5 para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.



CARLOS DURO CONTREIRAS

ENG. AGRÓNOMO

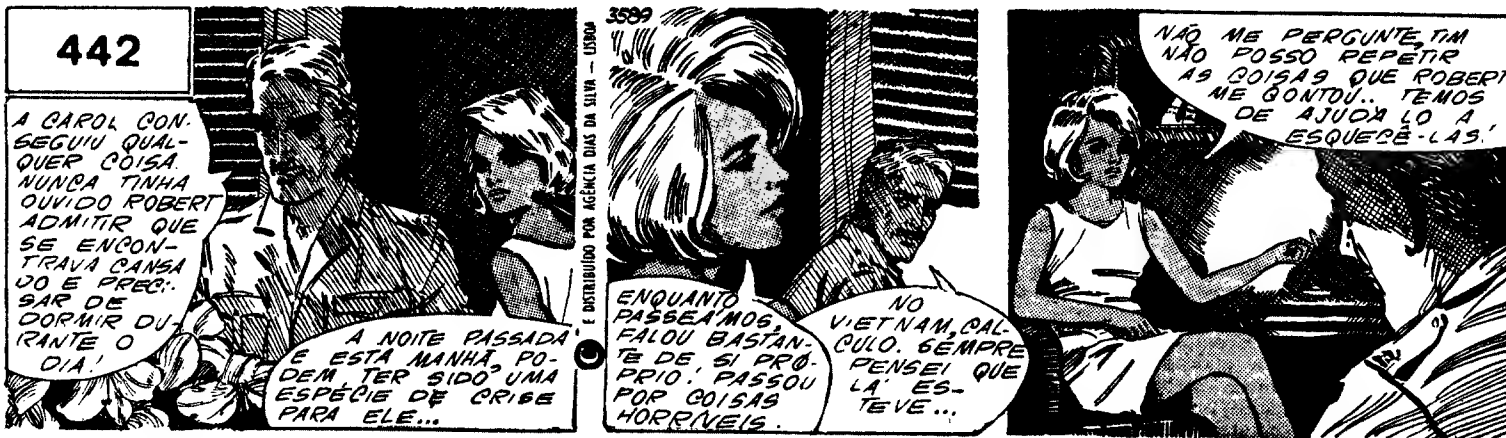
FALECEU

R. D. CONTREIRAS, cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus clientes e amigos, o falecimento de seu irmão, e que o funeral se realiza amanhã, dia 10, pelas 11 horas da sua residência, Avenida São João de Brito, n.º 5, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

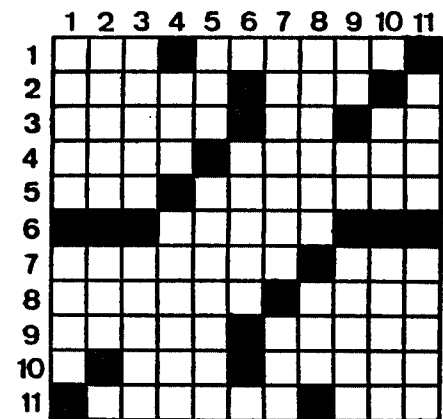
PROBLEMA N.º 5411

PROBLEMA N.º 9254

HORIZONTAIS: 1 — Cabelos brancos. Superior em qualidade. 2 — Limpai metais. Aqui, está. Tempo do verbo ser. 3 — Circuito. Basta. Antigo definido (ant.). 4 — Grande cão de fila. Desbar- tara. 5 — Oceano. Moluscos gastrópodes que vi- vem nos mares quentes e temperados. 6 — Ma- gois. 7 — Cidade de Espanha. Pronome relativo. 8 — Índios que se votam a morte e se oferecem a todo o risco para vingar alguma injúria própria ou alheia. Palat. 9 — Relativo ao nariz. Engaste. 10 — Mitologia (abrev.). Prejuízo. 11 — Jogo de cartas. Aqui está.

VERTICAIS: 1 — Procuram Remediação. 2 — Armadilha. Ave peraltita. 3 — Carimbar. Doença que ataca a língua das aves. 4 — Prendo. Pon- des em foco. 5 — Dá miros. Desordem. 6 — Ci- dade de França. 7 — República socialista sovié- tica, no mar Báltico. Partido. 8 — Ninfas, filhas de Atlas. O vencimento diário de um soldado. 9 — Artigo definido. O mais. Penho. 10 — Es- trava. (Pl.). 11 — Pronome pessoal (Pl.). De bronze. (Pl.).

Resolva completamente este problema? Procure agora em segunda passatempo o PRO- VERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5410

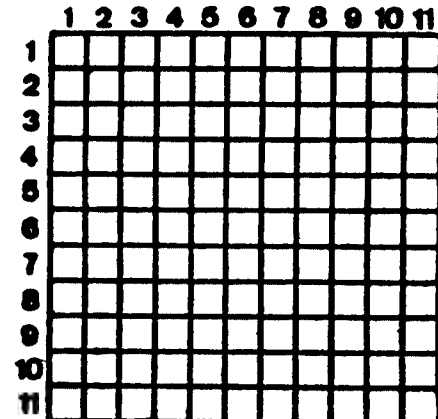
HORIZONTAIS: 1 — Calva. Unram. 2 — Airo- sos. 3 — IV. Lerda. 4 — Nos. Mor. 5 — Alar. O. Caco. 6 — Ecos. Anã. 7 — Ala. QUE 8 — Om. Lau. Cu. 9 — MUITO. Elais. 10 — Aderit. Marat. 11 — Sônia. Erara.

VERTICAIS: 1 — Crina. Somas. 2 — VALE. Muda. 3 — Lã. Saca. 4 — Vil. Rol. 5 — Aram. Salvia. 6 — Ordo. 7 — Usan. Aque- me. 8 — Raa. Cru. Lar. 9 — Re. Lané. Ara. 10 — Toca. Clar. 11 — MUITO. CUSTA.

Proverbio: O QUE MUITO VALE, MUITO CUSTA.

HORIZONTAIS: 1 — Andara de camaradagem. 2 — Classes. 3 — Gólio (s. q.). O lado do vento. 4 — Saliente de Júpiter. Nota musical. 4 — Suspiros. Fecha as asas para descer mais depressa. Um cen- to. 5 — Fronteira. Regapa. 6 — Requestrar. 7 — Lavram. Curo. 8 — Nome dum astro. Preposição. Pronome possessivo. 9 — Plural. Medida japonesa igual a dois decilitros. Artigo definido (ant.). Átomo (Abrev.). 10 — Municípios. 11 — Polvi- tharios.

VERTICAIS: 1 — Região montanhosa do Sara, habitada pelos Tuaregues. Virgulas dobradas. 2 — Camareira. Lista. 3 — Antes de Cristo. Ros- to. Claro (s. q.). 4 — Doença. Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suíça. Cidade de França. 5 — Patrões. Logreir. 6 — Batráquia. Sa- anífico. Aquí (inv.); 7 — Transfere para outro dia. Simples. 8 — Rio de Portugal. Cabelos bran- cos. Pátria. 9 — Campeão. Tinges. Nota musical. 10 — Bilis. Mãe de Romulo e Remo. 11 — Dis- ponho em comida. Freguesia do concelho de Fa- maticão. (Briga).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9253

HORIZONTAIS: 1 — Feira. Fiana. 2 — Arre. Arrem. 3 — Rel. Por. Apa. 4 — Doava. Andor. 5 — Assan. Seara. 7 — Paris. Aduba. 8 — Anuati. Rara. 9 — Rum. Mui. Rís. 10 — Coas. Fana. 11 — Anroz. Gnam.

VERTICAIS: 1 — Fanda. Parca. 2 — Breca. Amuar. 3 — Irías. Rumor. 4 — Ré. Valla. 56. 5 — Par. Sim. 6 — Ca. Um. 7 — Raa. Art. 8 — la. Renda. 9 — Amada. Urrar. 10 — Repor. Balna. 11 — Amara. Assan.

GEFO — Gabinete de Estudos de Economia
Finanças e Organização, Lda.Rua do Rosário, 104-3.º, Dt.º — PORTO
Tel. 37676SERVIÇOS DE RECRUTAMENTO
E SELEÇÃO DE PESSOAL

DIRECTOR FABRIL

PRETENDE-SE: Para chefiar Fábrica de Tu-
bos de Aço Galvanizado, actualmente
em montagem, em Lourenço Marques;
Curso de Engenharia Electrotécnica ou
Mecânica, ou agente técnico de electri-
cidade e máquinas; Elevada capacidade
de Direcção, Julgamento e Decisão; Co-
nhecimentos de Marketing; Completa
fluência em Inglês falado e escrito; Ele-
vado sentido das responsabilidades; Ser-
viço Militar cumprido.

OFERECE-SE: Estágio de três meses no es-
trangeiro a iniciar em 1 de Março de
1970; Remuneração compatível com ca-
pacidade e experiência demonstradas;
vantagens sociais extensivas a familiares.

Enviar resposta manuscrita ao Gefo, sob a ref.º
n.º 45/54/05, com «curriculum vitae» deta-
lhado, do qual deve obrigatoriamente constar:
idade, estado, habilitações e classificações
académicas, anos de prática com indicação do
ramo de actividade e vencimento pretendido.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, S.A.

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREZA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELÉF. 727654-727655-713057

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 9
de Janeiro de 1940: publi-
cava:

«Em suplemento ao «Diá-
rio das Sessões» da Assem-
bleia Nacional, foi publica-
da a proposta de Lei sobre
navegação para as colónias,
bem como o respectivo pa-
recer da Câmara Corporati-
va.

A proposta de Lei, assi-
nada pelo ministro da Mari-
nha, preconiza a instituição
do exclusivo e, assim, a ba-
se 1 da proposta estipula:
«É instituído o exclusivo
da exploração das carreiras
de navegação, pelo Atlânti-
co, entre a metrópole e as
colónias de África e da ca-
botagem em Angola e Mo-
çambique que se apresenta
como prolongamento daque-
las carreiras. A exploração
será feita em regime de con-
cessão».

NOVOS CORPOS
GERENTESDa Associação
de Socorros Mútuos
do Pessoal de «O Século»

Em assembleia geral, da
Associação de Socorros Mu-
tuos Previdência Mutuária
do Pessoal da Sociedade Na-
cional de Tipografia, «O Sé-
culo», foram eleitos os res-
pectivos corpos gerentes para
o próximo ano.

A assembleia geral ficou
constituída do seguinte mo-
do: Efectivos — Presidente,
Eduardo Figueiredo Junior;
1.º secretário, Alfredo Augus-
to Dias, e 2.º secretário, Luís
Filipe Duarte Ventura. Su-
plentes — Presidente, Fer-
nando Ladeiras; 1.º secretá-
rio, Júlio Sousa Marecos, e
2.º secretário Alvaro Silva
Simões.

Para a direcção foram elei-
tos: Efectivos — Presidente,
Eduardo Francisco José; se-
cretário, Amândio Madruga;
tesoureiro, João Manuel Silva
Gomes Alves, e vogais, Jia-
quim Martins Severino e Ju-
lio Leonardo. Suplentes —
Presidente, Luís Alves; secre-
tário, Mário de Almeida; te-
soureiro, Arnaldo Gomes Oris-
to, e vogais, Rui Gamilho e
Humberto Parvão.

Do conselho fiscal fazem
parte: Efectivos — Presiden-
te, Fernando Luís Pereira
Alves; secretário, Agostinho
dos Santos Simões, e relator,
João Manuel Pereira. Suplen-
tes — Presidente, João Luís
Ventura; secretário, António
da Costa Pedro, e relator, An-
tónio Fernando Silva.

No final da sessão a assem-
bleia prestou homenagem à
memória do dr. Ruben de
Carvalho, recentemente fale-
cido, e que foi o presidente
da assembleia geral cessante.

Oferta da C. P.

à Câmara do Barreiro

BARREIRO, 9 — Foi recebido
na Câmara Municipal deste con-
celho um ofício da C. P., a co-
municar que aquela empresa re-
solvera dispensar ao Município
barrense todo o terreno pre-
sentemente ocupado pela linha
n.º 1 da estação do Barreiro,
para alargamento da avenida de
acesso à mesma estação.

Esta resolução, que vem per-
mitir o descongestionamento na-
quela artéria, causou a maior
satisfação nesta vila.



Carros e furgonetas
amplas facilidades
de pagamento.
peças legítimas
estação de serviço
e oficinas

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

SPORTING, 3-BENFICA, 0 (RESERVAS)

REMATE FOI A DIFERENÇA

Pode naturalmente, constatar-se a expressão de um resultado de 3-0, quer por por amplitude exagerada quer por eventual escassez. Mas, poucas vezes, ante margem tão concludente estará em causa a justiça de uma vitória. Assim aconteceu ontem no que se refere ao triunfo sportinguista sobre o Benfica. Os «leões» ganharam bem, talvez com um golito a mais. Contudo, a adjudicação do êxito não poderia ser conferida a outra equipa se não a visitada.

É que, sobre um pântano, o grupo «verde» adaptou-se melhor, jogou um futebol mais positivo e, nas alturas apropriadas, não hesitou em rematar. O que não sucedeu no quadro antagonista.

Realmente, o Benfica foi cerimonioso nas concessões

de várias descidas delineadas a preceito e o tempo não ia para isso. Ocasões não faltaram aos «encarnados»; faltou-lhes, isso sim, decisão e sorte.

O primeiro lance de perigo ocorreu aos 13 m., quando um «canto» marcado por Matine enviou a bola ao poste. O Sporting respondeu, de seguida, e com autêntica convicção. Tanto que foi bem sucedido.

Celestino cruzou, Chico cabeceou, o esférico embateu na base do poste, daí ressaltou para os pés de Oliveira Duarte que demorou um pouco mas rematou pela certa.

Replicou o Benfica, então a jogar «benzinho», mas com o senão de trocar a bola pelo chão, ao passo que o Sporting utilizava a meia altura. Com o terreno num estado

lastimável, os esquemas benfiquistas e os dribles de Praia, o mais insistente nessa faceta, perdiam-se ingloriamente.

Não surpreendeu que coubesse ao Sporting novo gol. Bola atirada para a grande área, ressaltou num defesa «rubro» e pontapé, potente e pronto, de Dani.

A diferença entre os contendores vinca-se, principalmente, em pormenores como estes: os «leões» chutavam, os benfiquistas tocavam a bola; os sportinguistas faziam correr o couro, enquanto os visitantes se esgotavam em corridas com o mesmo.

E enquanto o Benfica criava oportunidades sem o remate apropriado, o Sporting adregara dar aos seus movimentos a conclusão que se impunha.

No segundo tempo, o desfalco baixou de qualidade. Nem o Sporting conseguiu ser tão «explicito» como anteriormente, nem o Benfica atingiu a qualidade antes alcançada, mesmo com os defeitos referidos.

Deste modo, não surpreendeu que, após uma segunda parte sem história, coubesse ao Sporting o alargamento da vantagem e não ao Benfica a diminuição da mesma.

No último minuto, Chico centrou, Porfírio desviou o couro e Juvenal enviou-o, de cabeça, para o fundo das redes. Era o 3-0.

Entretanto, Águas fora expulso, sem motivo aparente. Deve ter proferido qualquer frase desagradável. Daí para diante, mais fraquejou o poder benfiquista.

No Sporting, Carvalho, to-

da a defesa, Dani e Chico jogaram bem. No Benfica, Abel e Zeca justificam menção honrosa.

Carlos Bica não arbitrou perfeitamente. Todavia, ouviu mais assobios do que erros cometidos.

As equipas:
SPORTING — Carvalho; Bastos, Armando, A. Baptista e Celestino; Barão e Dani; Chico, M. Duarte, Ernesto (Juvenal) e O. Duarte (Oriundo).

BENFICA — Porfírio; Fernandes, Zeca, Marques e Cruz; V. Martins e Matine; Praia (Toninho), Abel, Águas e Nenê.

FRANCISCO CAMILO



Uma fase do encontro de reservas que o Sporting e Benfica disputaram ontem à noite, no Estádio José Alvalade

BASQUETEBOL

A Itália conquistou a «Taça Latina»

- Vitória sobre a ESPANHA por 74-64 no encontro final do torneio
- PORTUGAL perdeu com a França (69-58) e classificou-se em último lugar.

MADRID, 9 — A equipa italiana de juniores de basquetebol conquistou a Taça Latina da modalidade ao vencer a Espanha, ontem à noite, em Madrid, por 74-64.

Entretanto a selecção portuguesa que está a disputar aquela competição averbou nova derrota, desta vez contra a França. O resultado foi de 69-58.

Poder-se-á, contudo, acrescentar que a vitória esteve perfeitamente ao alcance do «cinco» português que até meio da segunda parte pôde manter um equilíbrio de jogo e de marcação.

A maior capacidade física dos galeses e as substituições a que se viu obrigada a equipa portuguesa, ditaram o resultado já que os basquetebolistas portu-

gueses não puderam manter durante todo o desafio o mesmo ritmo e velocidade.

Os franceses, mais eficazes sob as tabelas, acabaram por impor-se e ganhar justamente.

A classificação final ficou assim ordenada:

Itália, 6 pontos; Espanha, 5; França, 4 e Portugal, 3.

O ENG.º CHAVES ROSA INDIGITADO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DO BELENENSES

O Belenenses vai ter um novo presidente, regressando assim à normalidade directiva. Com efeito a Junta Directiva do clube dirigiu convite, ao engenheiro José Alvaro Ubach Chaves Rosa, para presidir à nova direcção de «Os Belenenses».

Porque o indigitado presidente deu já a sua aquiescência ao convite,

vai reunir-se a assembleia geral do clube, no próximo dia 22, para se proceder ao respectivo sufrágio.

Entretanto cabe ao novo presidente escolher o respectivo elenco directivo e podermos adiantar que foram feitas já algumas consultas a individualidades de prestígio entre a massa associativa do clube.

PILOTOS DA BARRA DE LISBOA

ALTERAÇÃO DE NÚMEROS TELEFÓNICOS

INFORMA-SE QUE A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 10, INCLUSIVE, OS TELEFONES DESTA CORPORAÇÃO PASSARÃO A FUNCIONAR COM BUSCA AUTOMÁTICA COM OS NÚMEROS 61 33 11/2/3/4.

JANEIRO DE 1970.

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL

Campeonato de Lisboa da 2.ª divisão

Foram os seguintes os resultados apurados na jornada de ontem à noite que se disputou no Pavilhão da Ajuda, a contar para o campeonato de Lisboa de andebol da 2.ª divisão: Madre de Deus-Oif, 18-14; Oriental-Vendedores de Jornais, 4-18 e Casa Pia-Cova da Piedade, 16-15.

BILHAR

Campeonato de Lisboa da 1.ª categoria

Resultados apurados nas partidas disputadas ontem na Associação Lisbonense dos Amadores de Bilihar, a contar para o campeonato de Lisboa da 1.ª categoria, a uma tabela:

Mário Ribeiro (Bf.)-Raul Vidal (Sp.), 200-154; Mário Machado (Bf.)-Américo Torres (Bf.), 200-143; e Mádio Gomes (Indiv.)-Vitor Hugo Leal (Bf.), 200-172.

FUTEBOL

O Oeiras venceu o Armadorense (3-0)

A contar para o Campeonato de Lisboa da 3.ª Divisão disputou-se ontem no campo Francisco Lázaro o encontro

em anexo, entre o Armadorense e o Oeiras. A vitória pertenceu aos segundos por 3-0.

RÁGUEBI

O Benfica venceu (9-3) Agronomia (reservas)

A contar para o campeonato nacional de rúgubi, de reservas, o Benfica derrotou a equipa de Agronomia por 9-3, no encontro disputado no Estádio Universitário.

As equipas alinharam:
ECONÓMICAS — Lizardo; J. Martins, Vasconcelos e Proença; Trigo e Candéas; Laje, Alho e Martins; Pimpão (3) e Calço; Horta, Matos Lima e Andrade.

BENFICA — Barbosa; Gonçalves, Melreles, L. Caldas e Domingos (3); Soares (3) e Mata; D. Caldas, A. Sampaio e Evaristo (3); Miguel e Albano; João, Carvalho e Cruz.

GINÁSTICA

NO C. D. ARROIOS

No Clube Desportivo de Arroios, estão abertas as inscrições para as crianças dos 4 aos 10 anos que queiram frequentar as classes de ginástica daquele clube.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO

SÁBADO DESPORTIVO

AUTOMOBILISMO

EXTRAS — PORQUE NÃO?

Por BÂNDEIRA DE LIMA

Por mais de uma vez temos abordado, nas nossas colunas, o hoje completamente divulgado assunto dos extras que, quanto a nós, na grande maioria dos casos reveste apenas uma forma: dotar o carro de preço médio de certas condições de utilização ou de conforto especialmente do agrado do seu possuidor mas que a produção de série apenas faz incorporar em modelos de maior preço e em conjunto com mais equipamento de menor interesse imediato para o possuidor.

Uns ligam maior importância a um painel bem guarnecido de instrumentos capazes de revelar um máximo de elementos indicativos do funcionamento da máquina; outros dão preferência à criação de melhores condições de condução montando «baquetes» especiais, volantes de pequeno diâmetro, pedais especialmente posicionados ou acrescentados de pequenos dispositivos, como o acelerador tipo «Paddy Hopkirk», permitindo a execução fácil de certas manobras de conhecimento menos comum, como a conhecida por «heel and toe» em que o pé direito actua simultaneamente o travão e o acelerador o que permite efectuar rápidos e seguras «reduções» com a caixa de velocidades, no sistema de dupla embraiagem, durante uma travagem, outros preocupam-se com um melhoramento das condições de segurança de condução, nomeadamente a da visibilidade equipando o óculo traseiro com dispositivos antiembaciamento, montando retrovisores suplementares exteriores de curta distância e fazendo substituir os de série por outros panorâmicos e de dupla posição, e equipando o carro com uma bateria de faróis cuidadosamente escolhidos entre projectores, faróis de berna e «meveiros» de maneira a assegurar um máximo de condições de iluminação em todas as circunstâncias. Isto para não falarmos (por já o termos feito há tempos) nos que visando uma melhor performance fazem transformar motores, suspensões, travões, etc., e no outro grupo (por não avaliar a pena) dos exibicionistas que «penduram» no automóvel cada coisa que encontram e seia susceptível de ser ali denotado bem à vista...

Para quem não for «completamente» exigente, a adaptação de um carro a cada um dos pontos de vista referidos custa alguns poucos contos de réis. Mas a inclusão de todos os «itens» num mesmo carro atinge facilmente várias dezenas de milhares de escudos. Alguns - poucos - fabricantes têm o tal carro «quase» completo para vender; claro que os modelos de grande difusão não podem estar incluídos nesse tipo de produção.

Claro que muitas pessoas são da opinião, aliás defensável em certos aspectos, de que o carro de-

ve «conter» apenas o que o fabricante nele inclui. Bem: um automóvel não se compra nem se troca dia sim, dia não e, no fim de contas, já que custa o tal «bocado de dinheiro» o melhor é procurar estar-se satisfeito dentro dele em vez de se aceitar resignadamente o espartano «menor-múltiplo-comum» dos cerca de 40.000 carros que diariamente saem das fábricas de todo o mundo.

Graham Hill voltou a guiar

LONDRES, 9 — (ANI) — O antigo campeão mundial de automobilismo Graham Hill, voltou ontem a guiar um carro. Há três meses fracturou as duas pernas, num desastre, durante o «Grande Prémio dos Estados Unidos». Desde então tem estado numa cadeira de rodas mas os médicos autorizaram-no, agora, a usar muletas — e a guiar automóvel.

VOLEIBOL

TRIUNFO FÁCIL DO BENFICA SOBRE A FACULDADE DE CIÊNCIAS

Proseguiu ontem, á noite, no Estádio da Luz, o Campeonato Regional de Voleibol, com a vitória do Benfica sobre a Faculdade de Ciências por 3-0 (15-1, 15-2 e 15-1).

Para o encontro que foi dirigido por Carlos Almeida e Reinaldo Rodrigues, as equipas apresentaram:

Benfica — Vítor Carvalho, Artur Monteiro, Moisés Nobre, Carlos Figueiredo, João Nogueira, João Carlos, Isidoro Francisco, Orlando Gomes, Rui Lopes, António Neves, Daniel Silva e António Matos.

F. Ciências — Carlos Amaral, Alfredo Santos, Miguel Pinto, Fernando Martins, José Cardoso, Fernando Teixeira e Francisco Godinho.

Triunfo fácil e bastante expressivo do Benfica que, como o próprio resultado indica, não teve competidor à altura.

A equipa feminina do Benfica

seguiu para a Austria

A fim de disputar a primeira «mão» da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus Femininos, de voleibol, seguiu ontem de manhã para Viena a equipa de voleibol do Benfica, que nesta cidade defrontará a turma do

HOJE À NOITE

ATLETISMO — Assembleia da Associação de Lisboa, para eleição dos novos corpos gerentes, na sua sede, às 20 e 30.

BASQUETEBOL — Sorteio do Campeonato Nacional Feminino da II Divisão, na Federação, às 21 e 30.

VOLEIBOL — No Liceu de Oeiras — Campeonato de Lisboa de Seniores: Nacional de Ginástica-Técnica, às 21 e 30.

No Porto

ANDEBOL DE SETE — Campeonato Regional da I.ª Divisão: Padroense-Académica, Villanovense-Leça e Vigorosa-Senhora da Hora, a partir das 20 e 30, no Pavilhão do Académico; C. D. U. P-F. C. do Porto (22 e 30) no pavilhão do C. D. U. P.

TRAVE COM



Calções para travões
Discos para Embraiagem

COSTA PEREIRA EM NEGOCIAÇÕES COM O SP. BRAGA

O treinador Costa Pereira, antigo guarda-redes «internacional» do Benfica encontra-se em negociações com o Sporting de Braga para dirigir a equipa de futebol daquele clube.

Costa Pereira que esteve ontem com os dirigentes bragenses numa reunião que se efectuou em Braga, aguarda agora uma resposta às condições que apresentou.

Entretanto tudo leva a crer que as negociações chegarão a bom termo e que Costa Pereira poderá já orientar a equipa minhota no próximo jogo do campeonato.

CANASTA

Encerram-se a 10 de Janeiro as inscrições para o I Campeonato de Lisboa de Canasta, a realizar pelo Centro de Bridge de Lisboa, Av. António Augusto de Aguiar, 163-4.º Esq.º Telef. 57852.

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da 3.ª Divisão: Santa Catarina-Desp Castelo (20 e 30 horas); Amadora-Mirandense (21 e 45); Aguiar-Paimense (23) no Pavilhão de Campo de Ourique.

— Campeonato de Lisboa de Juniores 1.ª Divisão: Lourique-Passos Manuel B; 2.ª Divisão: Unversitário-Costa do Sol e Encarnação-Sporting B — todos no Pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 16 e 30 horas.

— Campeonato de Lisboa de Juvenis: Parede-Unversitário (17 e 30 horas) Amadora-Passos Manuel (18 e 25) e Boa Hora-Passos Manuel B (19 e 20 no Pavilhão da Ajuda).

ATLETISMO — Torneio Regional de pista coberta, organizado pela Associação de Lisboa no pavilhão do Estádio Universitário às 21 horas.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Corta-mato, Torneio «Ano Novo» no Estádio Universitário.

TORNEIO DE IMPRENSA — Organizado pela A.F.L., 1.ª jornada: Século-Capital, em Marvila Mundo Desportivo-Jornal do Comércio em Benfica Diário de Notícias-Rádio Clube, no Pote de Água; Novidades-Diário Popular, no Chão do Loureiro; Rádio Universidade-R. T. P.,

Assembleia geral

do C. F. Sta. Catarina

Está convocada para o dia 15 do corrente a reunião extraordinária da assembleia geral do Clube de Futebol de Santa Catarina, para apreciar, discutir e votar os novos estatutos.

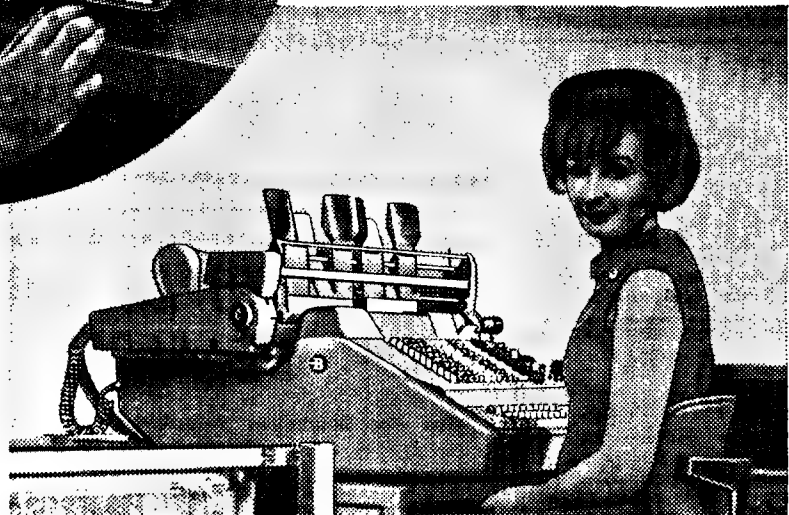
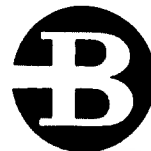
DE CALCULADORAS A COMPUTADORAS...

BURROUGHS EQUIPAMENTO ELECTRÓNICO

INDISPENSÁVEL PARA O PROGRESSO DO SEU NEGÓCIO



BURROUGHS C3000
CALCULADORA ELECTRÓNICA
Executa todos os cálculos mais complexos num milésimo de segundo. Completamente silenciosa, leve e portátil.



BURROUGHS E3000
COMPUTADORA ELECTRÓNICA
30 a 100 memórias electrónicas
• Fichas de fitas magnéticas
• Alinhamento automático de documentos • Circuitos transistizados • Controle simplificado de programação • Leitor selectivo automático de fichas • Perfuração em bande

Consulte o representante da Burroughs

ROBINSON, BARDSLEY S.A.R.L.

LISBOA - R. S. Sebastião da Pedreira, 122 - Tel. 56 02 60 — PORTO - R. do Rosário, 104 - Tel. 2 97 87
COVILHÃ - Rua Marquês d'Ávila e Bolama, 119 - Tel. 2 56 04

Propriedades

— VENDAS — Dinheiro CASAS

PRÉDIO

De grande volume acabado de construir todo revestido em Evitel, com pátio de 22 m², 3 amplas casas sociais, hall, coz. desp. e casa de banho, todo alugado, a render 338.400\$ R. 5.650.000\$ Facilite-se 1.600.000\$00 a Caixa Geral de Depósitos. Trate e mostre: F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104-2.º, Tls. 536111/2/3, Lisboa.

PRÉDIOS, ANDARES, MORADIAS, FERRELOS, não compre sem consultar a PREDIAL

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

H. NUNES



PUBLICIDADE Telef. 847268

ANDARES

Na Av. E.U. América, os 2 andares que restam em prédio excepcional const. luxuoso acabamento, hab. c/5 e assealhadas, bonita cozinha, marquise, 2 c. banho, roup. arrec., etc. Ver na mesma Av. no n.º 25.

S/ prédios

EMPRESA-SE rapidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2 hipotecas de prédios, parte de construção. Também se aceita a venda de propriedades para venda (casas, Laureis, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt. - Telef. 325487, 470618 (Junto a P da Figueira)

para alugar

Procure V. Ex. nos a es- citorios onde temos sempre variados andares e lotas para alugar. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos. Trate: SOL. CONS. IN- VICTA, Rua do Ouro 292, L.º Telef. 30259-34755

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES



AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

CONTABILISTA

— PRECISA-SE —
PARA CHEFIAR OS SERVIÇOS DE CONTABILIDADE DE IMPORTANTE EMPRESA LOCALIZADA NA REGIÃO DE SANTA IRIA DE AZÓIA:

EXIGE-SE:

- Curso do Instituto comercial;
- Idade até 35 anos;
- Serviço militar cumprido;
- Currículo escolar e profissional.

OFERECE-SE:

- Lugar de futuro;
- Bom ambiente de trabalho;
- Ordenado compatível e outras regalias.

GUARDA-SE SIGILO ESTANDO EMPREGADO. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 402.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 214910

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
ABERTURA DE NOVOS CURSOS

QUINTINHA NO FREIXIAL

Muito bem situada, composta de magnífica moradia de r/chão e 1.º andar, com grande salão, sala de jantar, cozinha, casa de banho, 3 quartos etc.
Área de 1600 m², poço com motor eléctrico, casas de arrecadação, pinhal, eucaliptal, árvores de fruto, vinha, etc.
Preço — 490 000\$00.

MOSTRA E IRATA
«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3.º — TELEF. 369384/5 378 61756

Automóveis

VENDAS: ALUGUER:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar. Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 448446.

Taxi 17-M Super, de 4 portas, 1967; Volkswagen, 1500, 1968; Opel Kadett de 4 portas, 1967; Opel Rekord 1700 de 2 portas, 1965; M. G. Midget, 1964; Austin Sprite, 1964; Saab de Luxe, 1965; Austin Cooper, 1963.

Fac. troca e pag.

Vende: MARCELO
Av. João Crisóstomo, 47-C

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consultar: L. St. Bárbara, 5-B. Telef. 53 46 57.

Contacto

H. NUNES



Telef. 847268 PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1.º Tel. 769848-761987.

SINTRA ESPERA-NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

EM VENDAS NOVAS «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se a venda a PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da República, 72

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou seguro, Sem fiador. Prazos hipotecados, sem alteração de 40 meses. Tel. 66 36 97. Rua Arco a S. Mamede, 18. 2.º-F (ao Rato)

Compañia Trasatlantica Española, S. A. MADRID

Viagem inaugural da moderna motonave

«CAMINO»

para SAN JUAN DE PUERTO RICO e SANTO DOMINGO

Recebe carga geral, frigorífico e cortiça

Esperado em 27 do corrente

Os agentes gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21, 1.º
Telef. 32 46 71/32 72 58 — LISBOA

SE TEM ALGUM DESTES PROBLEMAS...

- Contabilidade complicada e atrasada
- Dificuldade de espaço para ampliar escritório
- Dificuldade em obter pessoal especializado
- Falta de tempo para desenvolver seu negócio
- Dificuldade em preencher lugares no Conselho Fiscal, conforme disposições legais em vigor desde 1/1/70.

ENTÃO, contacte com BELCONTA
Apartado n.º 4008 — Telef. 785840

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria. Ferros — Rua de S. Julião, 64-66

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de mobil, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 9

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da vanguarda.

Está de parabéns, querendo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na
Av. Almirante Reis, 172-A
Telef. 53359

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço de Abastecimentos
GRUPO XIV — CONCURSO PARA FORNECIMENTO DE PRATOS DE PORCELANA

Até às 17,30 horas do dia 15 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13,30, as condições para o concurso em referência.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO

CAMINHOS DE FERRO LEILÃO

Em 12 de Janeiro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirar-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 8 de Janeiro, das 10 às 17 horas, excepto sábados. Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, as quais podem ser consultadas pelas pessoas interessadas.

Capitais

TEM PRÉDIO? TEM CARRO? ENTÃO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma do seu propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

8 FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44/32 31 72

DINHEIRO SOBRE AUTOMÓVEIS E PROPRIEDADES

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telef. 44602 - 536569

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rapidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letas, s/ fiador até 40 meses. SIMPLES, EFICIENTE, ECONÓMICO
T. 560713

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje

MUITO PARA VIVER... POUCO PARA MORRER — A V I S
A FLOR DO CACTO — SÃO LUIZ e ALVALADE

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
As 21.45 — ESTRELA
Um policial de grande nível
MUITO PARA VIVER...
POUCO PARA MORRER
com Cláudio Brook — Daniela
Blanchi
Technicolor — Techniscope

VOX

(Adultos) Tel. 720803
As 15.15, 18.30 e 21.45
QUE IMPORTA
MORRER
com Kirk Douglas, Sylva Kos-
cina e EM Walthach
num filme de amor, violência
e imprevisto!
R. Bulhão Pato (à Av. Roma)

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
KATHARINE HEPBURN e
A LOUCA
DE CHAILLOT
com Danny Kaye, Giulietta
Massina, Paul Henreid, Yul
Brynner, Charles Boyer e Ri-
chard Chamberlain

ESTÚDIO

(M. 17 anos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL
CARNÉ
TRÊS QUARTOS
EM NOVA IORQUE
com Annie Girardot

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Um sensacional filme de acção
explosiva
DEUS PERDOA...
EU NÃO!
com o famoso Terence Hill
A história de uma bárbara
vingança entre pistoleiros
Technicolor Techniscope

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30 h.
Alan Bates — Dirk Bogarde
em
O HOMEM DE KIEV

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
O LEÃO NO INVERNO
COMPLEMENTOS
ESCOLHIDOS

CHIADO TERRAS

(M. 17 anos) As 21 horas
UM LUGAR PARA AMAR
HOMICÍDIO
EM S. FRANCISCO

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
HOJE, AS 21.30 — ESTRELA
(Veja anúncio especial)
INGRID BERGMAN
e WALTHER MATTHAN em
A FLOR DO CACTO
As 18.15 — Últimas (M. 6 anos)
SE O MEU CARRO FALASSE

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080
HOJE, AS 21.15 — ESTRELA
(Veja anúncio especial)
INGRID BERGMAN
e WALTHER MATTHAN
A FLOR DO CACTO

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
As 8 e 6.15 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
EM 4.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL
em TODD-AO cor de Lux
com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

SÃO JORGE

(17 anos) Telef. 5 41 53/4
HOJE: As 15.00, 18.15 e 21.30
Em 2.ª SEMANA
de um êxito fora de série
007 AO SERVIÇO
DE SUA MAJESTADE
com George Lazenby e Diana
Rigg — Telly Savalas

EUROPA

(M. 17 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
Para o público que só aprecia
o melhor!
A QUADRILHA
SELVAGEM
Technicolor — 5.ª semana
com William Holden e Ernest
Borgnine

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
002 CONTRA AL CAPONE
AS DUAS ORFAS

LIDO

Praça D. João I — AMADORA
(M. 12 anos) Tel. 937593
A versão integral russa do gran-
dioso e espectacular filme
GUERRA E PAZ
1.º episódio AUSTERLITZ
Magnífica projecção em 70 m/m
e som estereofónico

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
Nada fascina tanto como um
crime misterioso e uma mulher
provocante...
QUE IMPORTA
MORRER
TECHNICOLOR
Kirk Douglas e Sylva Koscina
Metro: Estação Picoas

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.30
O ÚLTIMO FILME DE
JAMES BOND
2.ª SEMANA
007 AO SERVIÇO
DE SUA MAJESTADE
com George Lazenby
e Diana Rigg
Panavision — Technicolor

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Com todo o seu humor incon-
fundível. CANTINFLAS em
D. QUIXOTE
SEM MANCHA

CONDES

Tel. 522523-328710
(Adultos)
6.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
NATHALIE DELON
Renaud Verley
O amor e o sexo... Uma
mulher e um jovem

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
8.ª SEMANA
A espantosa comédia de
PIETRO GERMI
DIVÓRCIO
A ITALIANA
com Marcello Mastroianni

POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305
As 15.15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA
do filme de grande classe
espectacular
A PELE DE UM
MALANDRO
com o famoso idolo
CLINT EASTWOOD

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e às 21 h.
O PROFETA
com VITTORIO GASSMAN
Amanhã, às 17 h. (M. 6 anos)
A GATA BORRALHEIRA

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.00 e 21.30
EM 4.ª SEMANA
GOODBYE, MR. CHIPS
com Peter O'Toole, Petula Clark
e «Sir» Michael Redgrave
DIA 9:
QUINZENA DE FICÇÃO
CIENTÍFICA
HOJE — Adultos — 18.30 h.
O MUNDO DAS TREVAS,
de Roy War Baker
com James Donald
e Barbara Shelley
DIA 12: Uma Segunda Vida
(Adultos)

CONFERÊNCIA DE TOMAZ DE MELO NO I. A. D. E.

Proseguindo na sua activi-
dade cultural, o I. A. D. E.,
— Instituto de Arte e De-
coração, promove hoje, às 21
e 30, na Escola Internacional
de Decoradores, no palácio
Quintela, Rua do Alcaçim,
70, uma conferência-colóquio
de Tomaz de Melo, pintor,
artista gráfico e um dos pio-
neiros da decoração em Por-
tugal, subordinada ao tema
«Arte e artistas gráficos».
Entretanto, continua abert-
a, até ao dia 15, na secreta-
ria da escola, telef. 367430, a
inscrição para os cursos de
fotografia, a cargo do arq.
Costa Martins, e de cerâmica,
a cargo de mestre Rafael Ca-
lado.

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno F

AJUDA — Lúcia Almeida, Calçada
da Ajuda, 170 (637318).
ALCANTARA — Proibida, R. Al-
cantara, 15-A-B (638589).
ALFAMA — Anunciada, R. do Vi-
gário, 74 (866360).
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-
36 (845518).
AREIRO — Central do Areiro,
Av. Paris, 2 e 2-A (770820). *
Belo, Avenida de Roma, 53-A
(776314).
ALTO DO PINA — Eusil, R. Ba-
rão de Sabrosa, 104 (841912).
ALVALADE — Alentejo, Av. Igre-
ja, 28-B (712682). * Rainha
Santa, R. Afonso Lopes Vieira,
57-B (765262). * Estados Uni-
dos, Av. Estados Unidos da Amé-
rica, 16-B (725859).
ARROIOS — Aliança, Av. Almirante
Reis, 145-B-C (50487).
AVENIDA DA LIBERDADE — Ga-
lénica, Rua das Pretas, 12-14
(322588).
AVENIDAS NOVAS — Cardote,
Lda., Av. Visconde Vamora, 28-
A-B-C (772291). * Saldanha,
Av. Praia da Vitória, 53 e 55
(43938). * Latina, Av. António
Augusto de Aguiar, 17-A
(42312).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — As-
cense, R. 27, n.º 41 (731216).
BAIXA — Internacional, Rua do
Ouro, 228 (322017-322039).
BELÉM — Restelo, R. Duarte Pa-
checo Pereira, 11-C (Drouças)
(610741).
BENFICA — Marques, Estrada de
Benfica, 648 (700096). * Vitex,
Est. Benfica, 373-B (780548). *
São João — Estrada da Luz,
124-A (Tel. 783179).
CAMPO DE OURIQUE — Almeida,
R. Silva Canvalho, 186 (681726).
* Condestável, R. Coelho da
Rocha, 119 (686206).
CAMPOLIDE — Imparcial, R. Ge-
neral Taborda, 28 (680931). *
Rualto, Lda., R. do Alto do Car-
valho, 5-A, 5-B (651721).
CAMPO GRANDE — Santa Maria,
Avenida 5 de Outubro, 2388-A
(763016).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila
Paula Jorge, 1 — Galinheiros
(790969).
CONDE DE REDONDO — Contem-
porânea, R. Conde de Redondo,
26-30 (45048).
ESTRELA — Aurélio Rego, Colg-
da Estrela, 189 (661758).
GRACA — Progressiva, R. de St.
Marinha, 18 (863619). * Alves
de Carvalho, R. do Vale de San-
to António, 7-9 (840125).
JANELAS VERDES — Infante San-
to, R. Olival, 290 (661009).
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R.
Lumiar, 122-124 (790832).
MARQUES DE POMBAL — Vieira
Borges, R. Alexandre Herculano,
28 (40536).

OLIVAS — Fernandes Borges, R.

C, 3, lote 300 (311091). * Cen-
tral dos Olivais, Rua Alferes
Barrilero Ruas, 7-C — Olivais
Norte (315539).
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R.
Conde de Monsanto, 17-B
(842533).
PICHELEIRA — Marlux, Cais da
Picheleira, 140-B-C (720703 e
728395).
PRINCEPE REAL — Oliveira, Rua
D. Pedro V, 123-125 (327880).
REGO — Prates & Mota, R. da
Beneficência, 91 (733728).
SANTO AMARO — Santo Amaro,
Rua Filinto Elísio, 29-A-B
(637070).
S. BENTO — Valentim, R. do Poço
dos Negros, 88-90 (679453).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Grilo, R. do Grilo, 25.
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua
Francisco Marques Beato, 45-A
(2511234).

Linha de Cascais

ALGES — Combatentes, Av. Com-
G Guerra, 66 (213953).
CAXIAS — Nova — Rua Bernar-
din Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da
Silva — Av. Patrão Lopes, 4
(Tel. 2432039).
OIRAS — Central, R. João Fei-
xeira Simões, 8 (Tel. 2430058).
PAREDE — Grincho, Av. do Re-
publicano, 87-C (2471204).
ESTORIL — S. João — Estrada
Nacional, 8 (Tel. 26186).
MONTE ESTORIL — Sulga — Cru-
zeiro (Tel. 260087).
CASCAIS — Misericórdia, R. Regi-
mento 9, 4 (280141). * Cas-
cais, R. Conde de Monte Real —
Bairro Carxas (282407).

Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P. D. João I,
Lote 146, Bairro Janeiro (Tel.
932756). * Central, Av. Car-
doso Lopes, 25 (932210). *
Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel.
937740). * Jardim, Av. Conde
de Oeiras, lote X-1, Reboleiro
(Tel. 938424).
DAMAIA — Damala — P. Ale-
xandre Gusmão, 9-A (Tel.
970523).
QUELUZ — André — Av. Elias
Garcia, 151 (Tel. 950043). Que-
lux — Av. Miguel Bombarda,
23-A (Tel. 951841).
CACÉM — Central — R. Elias Gar-
cia, 55 (Tel. 2940034).
MÉM MARTINS — Quilme — Est.
Mém Martins, 285 (Tel.
2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valen-
tim (Tel. 980456).
VENDA NOVA — Nova, R. Elias
Garcia, 10 (Tel. 933920).

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — As 21 e 30: «Nova
Companhia de Circo» (6 anos).

TEATROS

MARIA MATOS — As 21 e 45:
«Tombo no Inferno» (17 anos).
VILLIARRET — As 21 e 45: «O
vison voador» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«As mãos de Abraão Zazut»
(17 anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «O pe-
cado de João Agonia» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45
e 45: «Esperteza saloia» (17
anos).
LAURA ALVES — As 21 e 45:
«Faria» (17 anos).
VARIEDADES — As 20 e 45 e 45
e 45: «Peço a palavra» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45: «Os
elefantes não sentem as pulgas»
(12 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — As 21: «Tarzan e o
companheiro» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Ringo herói
do Texas» (12 anos).
CINEARTE — As 21: «Diamantes
do pequeno almoço» (17 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Por um
punhado de dólares» (12 anos).
IDEAL — As 21: «O diabo atrás
da porta» (17 anos).
PARIS — As 21: «O Leão de In-
verno» (17 anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «O sar-
gento Ricker» (12 anos).

Antigos marinheiros confraternizam

No dia 11, na Quinta de S.
Vicente, ao Campo Grande,
decorre o tradicional almoço
de confraternização do Re-
crutamento da Armada em
1937.
Os pedidos de inscrição fa-
zem-se para Deolinda Bem-
posta, Rua Rui Barbosa, 32,
1.ª, Lisboa, tel. 843897.

A VOZ DO OPERÁRIO — As 21:
«Pistoleiros do Arizona» (12
anos).
CAMPOLIDE — As 21: «Arquivo K»
(12 anos).
ENCARNACÃO — As 21: «Laços
eternos» (17 anos).
CINE-ARTE — As 21: «A margem
da lei» (12 anos).
ARCO IRIS — As 21 e 15: «Os
cânions de Navarone» (12 anos).
PROMOTORA — As 21 e 15: «A
fechadura misteriosa» (12 anos).
LUMIAR — As 21: «Os indiferen-
tes» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGES — STADIUM — As 21 e
30: «A Perversa» (17 anos).
OIRAS — OIRAS-CINE — As
21: «Barbarella» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e
45 e 21 e 30: «O Profeta» (17
anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «Repulsa» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As
21 e 30: «Comissário X e os 3
panteras azuis» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «Adri-
des de bicicletas» e «Dossier se-
creto 1418» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21
e 15: «Charly» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIAO
ARTISTICA — As 21 e 15: «O
longo dia do ódio» (17 anos).

COLISEU

HOJE, às 21.30
(Maiores 12 anos)
GRANDE
COMPANHIA
DE CIRCO
NÚMEROS DE SENSACÃO
SQ. ATÉ IDOMINGO
ÚLTIMOS DIAS
A MANHÃ
A TARDE, entrada gratuita
e crianças até 10 anos
A NOITE podem assistir
crianças a partir dos 6 anos

COLARES — Colares — Abrejo

(Tel. 299088)

Outra Banda

ALCANTARA — Gama — Antó-
nio dos Santos Jorge — Tel.
234 00
ALHOS VEDROS — Portugal Av.
do Belo Rosa, 8 (242450)
ALMADA — Magalhães — R. Ja-
cobina Leão, 8-A (Tel. 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova
Fátima — Est. Nacional — B
(224 41)
BARREIRO — Central — Av. Al-
fredo do Silva, 48 (1 273207).
COVA DA PIEDADE — Cerveira
Alfonso, P. 5 de Outubro, 8
(Tel. 270254).
MOITA — União Martens —
Dr. Leão Braga (239025).
MONTJO — Dias, R. Almirante
Cândido dos Reis, 42 (Telefone
230032).
SESIMBRA — Leão — Av. Nazar
(Tel. 22941).
SETUBAL — Soromenho — P. Ma-
chado Santos (Tel. 2269 1). Alice
— P. do Quebedo (Tel. 23743).
SEIXAL — Soromenho — R. Pa-
velho 38 (Tel. 2218560).

SERVÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE —
Companhia das Águas, 861353
* Companhias Reunidas, 537011
* Gascid, 538524 * Gascid,
idem e feridos, 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222
Voluntários, 538524.
POLICIA e G. N. R. — Serviços de
emergência, 115 * Segurança
Pública, 866141 * Judiciária,
535380 * Marinha, 326456 *
Internacional, 362721 * Via-
ção e Trânsito, 42205 * G.N.R.
(área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342
* Entermagem permanente,
766161 * Enfermagem de ur-
gência, 43738 * Hospital de
Santa Maria, 775171 * Hospi-
tal de S. José, 860131 * San-
gue, oxigénio e soros, 771168
e 771169 * Transfusões, soros
e oxigénio, 538524 * Centro
de Intoxicações (Informativo),
767777, 761176 e 763450.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111
* Caminhos-de-ferro, (C. P.),
869029 * Caminhos de ferro
(Estoril) 861121 * Estação flu-
vial (T. Paço), 325345 * Esta-
ção marítima de Alcântara,
663195 * Estação Marítima da
Rocha, 672445 * Estação flu-
vial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE

QUINTA DE
S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES
DANÇANTES
AOS SÁBADOS
E DOMINGOS
e/ conjunto privativo
AMBIENTE
FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA

RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para
Banquetes
Lanches de Casamento

RESTAURANTE

antónio
COZINHA
PORTUGUESA
Diariamente acorde de lagosta
AR CONDICIONADO
ABERTO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

TONI DOS BIFES

AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
FEIJOADA À PORTUGUESA
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

PROGRESSO

Restaurante • Snack-Bar
* Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2
Telef. 40115
Aos domingos especialidade
da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS
e COELHO À CAÇADOR
e LANCHES DE CASAMENTO
À RIBATEJANA

Diário de Lisboa Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.

Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-8 e 32 11 54-8

End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado ou encoberto e caíam aguaceiros em algumas regiões; o vento era fraco ou moderado do quadrante Sul.

TEMPERATURAS E SENSACIONAIS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 18°; mínima: Penhas da Saúde, -1°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 10°; Penhas Douradas, 2°; Coimbra, 10°; Portalegre, 9°; Lisboa, 12°; Faro, 15°; Funchal, 16°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 13,7°; na água do mar: 14°.

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado dos quadrantes de Sul, por vezes com rajadas; aguaceiros e condições favoráveis a ocorrência de trovoadas.

Amor
Nascer às 08 e 55
Ocaso às 18 e 33

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 9 — 5 e 19 (4,3 m); 17 e 50 (4,0 m); Dia 10 — 6 e 03 (4,3 m); 18 e 34 (3,9 m); Dia 11 — 6 e 50 (4,2 m); 19 e 17 (3,8 m). BAIXA-MAR: Dia 9 — 11 e 09 (0,7 m); 23 e 21 (0,8 m); Dia 10 — 11 e 52 (0,7 m); Dia 11 — 0 e 01 (0,9 m); 12 e 40 (0,8 m).

LEI DE IMPRENSA

A direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas convocou para o próximo dia 23 do corrente, pelas 17 horas, uma assembleia geral extraordinária para discutir a «posição dos jornalistas portugueses face à apresentação à Assembleia Nacional da anunciada Lei de Imprensa».

Nessa assembleia será apreciado um parecer proposto apresentado pela comissão nomeada pelo Sindicato para estudar a Lei de Imprensa e que é constituída pelos jornalistas Leopoldo Nunes, João Arnaldo Maia e dr. José Carlos de Vasconcelos — além de, em representação da direcção, o seu presidente, Pereira da Costa.

Antigos alunos do Liceu Passos Manuel

Decorre, amanhã, às 13 horas, no restaurante da F. I. L. um almoço comemorativo do aniversário do Liceu Passos Manuel durante o qual será entregue o «Prémio Passos Manuel» ao melhor aluno no ano lectivo de 1968-1969, oferta do Nucleo dos Antigos Alunos.

EM ITÁLIA

Um documento sindical denuncia a «repressão»

ROMA, 9 — (R.) — As três principais federações sindicais de Itália revelaram a noite passada que estavam a preparar um documento conjunto fornecendo detalhes da «repressão» de milhares de elementos da classe trabalhadora italiana para partici-

MOSCOVO, 9 — (R.) — Num dos mais directos ataques da propaganda contra Pequim, e no mais violento dos últimos meses, a agência «Tass» acusou os dirigentes chineses de estar a provocar artificialmente a «psicose militar» na China.

Num artigo de considerável extensão, transmitido pouco depois do meio-dia, a «Tass» acusou também os maoístas de insistirem nas calúnias contra a União Soviética, cada vez «mais importunas».

Este artigo significa o recomeço da guerra de pala-

bras entre a União Soviética e a China após uma pausa de mais de três meses perante a qual a imprensa soviética se absteve quase totalmente de criticar a política chinesa.

Durante esta semana, já tinham aparecido algumas referências hostis a Pequim em artigos dos jornais e em programas de televisão mas o artigo hoje divulgado pela «Tass» é o primeiro inteiramente dedicado a atacar a China desde Setembro.

A «Tass» não faz qualquer referência às conversações fronteiriças sino-soviéticas que segundo um jornal comunista chinês de Hong-Kong, não alcançaram ainda qualquer progresso devido à atitude dos representantes soviéticos.

Até agora, não foi anunciado oficialmente o recomeço dessas negociações, apesar de ter regressado a Pequim há seis dias o chefe da delegação soviética Vasily Kuznetsov, depois de uma permanência de três semanas em Moscovo.

No seu artigo de hoje a «Tass» afirma que, a aviação

pela «Tass» e pelos seus Imprensa estrangeira, os dirigentes chineses estão a tomar medidas claramente destinadas a fomentar artificialmente uma psicose de guerra.

«As autoridades militares obrigam a população a abrir trincheiras em abrigos antiaéreos. As rações alimentares são reduzidas a pretexto da necessidade de manter reservas necessárias em caso de guerra».

A «Tass» prossegue: «Além de fomentar o espírito chauvinista e a psicose militar os maoístas continuam com a sua campanha de calúnias anti-soviéticas, dizendo ao povo chinês que a União Soviética, aliada ao imperialismo americano está a seguir uma política de cerco à China e prepara-se mesmo para atacar a China e restabelecer ali o capitalismo».

«A propaganda de Pequim tem repetido estas invenções disparatadas há diversos anos mas ultimamente isso tem sido feito de uma forma ainda mais incómoda».

A imprensa chinesa está

chamando a atenção para as anti-soviéticas particularmente mal intencionadas da «Tass» salientando que segundo foi oficialmente revelado pela China propagandistas das unidades militares estão a percorrer as áreas habitadas ao longo da fronteira sino-soviética para explicar a população as «últimas directrizes de Mao».

Citando observadores estrangeiros que percorreram a China, a «Tass» diz que os dirigentes de Pequim estão deliberadamente a criar no país uma atmosfera de fortaleza cercada para atenuarem os efeitos dos graves problemas económicos e políticos que enfrentam, bem como a crescente insatisfação das massas populares.

Os maoístas procuram também superar as divisões e conflitos existentes nas suas próprias fileiras e impedir que regressem ao partido «aqueles comunistas que eram favoráveis à cooperação e às relações amigáveis com a União Soviética e que por esse motivo foram sujeitos a repressões».

parem na vaga de greves do último Outono.

EXPLOSAO

FLORENÇA, 8 — (R.) — Pedras do pavimento entraram através do telhado de uma padaria desta cidade, após uma bomba explodir a noite passada de frente da entrada principal.

A Polícia informou que ninguém se encontrava no estabelecimento na altura da explosão.

O padreiro e os seus empregados tinham trabalhado às primeiras horas do dia, a despeito de uma greve nacional em apoio do novo Contrato do Trabalho do Pessoal da Indústria de panificação e do fabrico de «spagueti».

DUELO DE «BRIDGE» «SHARIFF CIRCUS» CONTRA A INGLATERRA

LONDRES, 9 — (R.) — Um duelo de «bridge» que está a ser travado entre a equipa de Omar Sharif e os campeões ingleses Jeremy Flint e Jonathan Cansino entra esta noite na sua fase decisiva que será filmada pela televisão.

A partida está a ser disputada à razão de uma libra por ponto e a última contagem indicava que o Omar Sharif Bridge Circus se encontrava à frente com uma vantagem de 7 mil libras.

Os organizadores da prova, que tem sido acompanhada por 500 espectadores reunidos num hotel desta cidade, pensam que a equipa de Sharif poderá triplicar a sua vantagem esta noite, pois Jeremy Flint, que

tem dado indícios de fadiga, pediu para ser substituído.

Os jogadores apresentam-se vestidos exoticamente. Sharif veste um fato de veludo negro, Flint apresenta-se com um «smoking» verde-escuro e Cansino tem uma camisa cor de laranja. Raparigas elegantes, especialmente contratadas, circulam pela sala cujo ambiente parece uma cena de um filme de James Bond.

Para os três milhões de jogadores de «bridge» da Grã-Bretanha o interesse especial do duelo reside no confronto entre o sistema anglo-americano utilizado pela equipa local e o sistema de jogo adoptado por Sharif e pelos seus companheiros.

neara também «medidas eficazes de combate contra a catástrofe nacional».

A emissora não forneceu o epicentro exacto do terramoto, mas a agência noticiosa norte-vietnamita informou antes que estava situado a 300 km da fronteira noroeste do país,

A Inglaterra vendeu 200 tanques a Israel

LONDRES, 9 — (A. N. I.) — A Inglaterra vendeu duzentos tanques «Centurion», modificados, a Israel, ape-

sar da proibição governamental de enviar para o Médio Oriente carros de combate «Chieftain», do último modelo — revela hoje o «Daily Mail».

Algumas firmas inglesas concordaram, além disso, em fornecer aos israelitas máquinas para fabricar munições para as armas soviéticas capturadas durante a guerra dos seis dias, acrescenta o diário londrino.

Os tanques «Centurion», de 52 toneladas, receberam novos motores e foram fornecidos a Israel à medida que as forças britânicas do Reio foram recebendo carros de combate «Chieftain».

LIMON DEIXOU PARIS

PARIS, 9 — (A. N. I.) — O almirante israelita Mordechai Limon, cujo regresso a Israel foi exigido pelo

Governo francês depois do incidente com as lanchas israelitas, deixou hoje Paris no avião de carreira para Tel-Aviv.

Estiveram no aeroporto a despedir-se do almirante e de sua mulher o embaixador de Israel em Paris, Walter Eytan, funcionários da embaixada, membros da colónia israelita e muitos franceses.

Falando aos jornalistas antes da partida, Limon declarou que a decisão da França contra ele é «injusta», e acrescentou que nunca teve qualquer contacto oficial com os generais franceses do serviço de venda de armas que foram suspensos das suas funções por negligência que teria possibilitado a saída das cinco vedetas do porto de Cherburgo no dia de Natal.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º Sector — Concelho de Lisboa: Rua do Arco do Carvalho (parte), Rua dos Sete Moínhos (parte), Escadinhas dos Terramotos, Rua Maria Pia (parte) e imediações. (Das 8 às 12 horas).

3.º Sector — Concelho de Lisboa — Rua Joaquim Casimiro 2 a 62 e de 1 a 41, Rua Maestro António Taborda 49-A a 49-C, Rua do Olival 24 a 30 e Trav. da Amoreira 24 a 28 e de 27 a 33 e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.º Sector — Estrada dos Marcos, Bairro Alto da Ajuda (parte) e Restaurante de Montes Claros. (Das 8 às 12 horas).

4.º Sector — Av.º do Uruguai e imediações. (Das 8 às 12 horas).

9.º Sector — Av.º da Salgada, Av.º do Planeta, Quinta do Ou-

rives, Alto das Conchas e imediações. (Das 8 às 12 horas).

9.º Sector — Av.º das Terezinhas, Quinta da Flamenga, Av.º da Bela Vista e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.º Zona — Concelho de Sintra: ALGUEIRAO: Rua Luís de Camões, Rua Vasco da Gama, Rua Eng.º Gomes da Silva, Av.º D. Afonso Henriques, Rua Capitão Américo dos Santos. (Das 8 às 15 horas).

2.º Zona — RIBEIRA DE SINTRA / VARZEA DE SINTRA / CABRIZ / CARRASCAL / MORELINO. (Das 8 às 15 horas).

3.º Zona — Concelho de Cascais: ABUXARIDA. (Das 8 às 15 horas).

4.º Zona — Concelho de Oeiras: QUEJAS. (Das 8 às 15 horas).

5.º Zona — CRUZ QUEBRADA: Cd.º de Santa Catarina, Rua Sacadura Cabral, Ruas A e B e adjacentes do Bairro Novo da Cruz Quebrada, Cd.º Conde de Tomar (Trav.ºs Falcão), Trav.º Pinto Correia e imediações. (Das 8 às 15 horas).

Violento terramoto no Sul da China

(Continuação da 1.ª página)

(17 e 3 T.M.G. de segunda-feira).

Na província de Yunnan, com as suas montanhas elevadas de pedra calcária, florestas, pequenas planícies e vales, registaram-se com frequência violentos abalos telúricos.

«CATÁSTROFE NACIONAL»

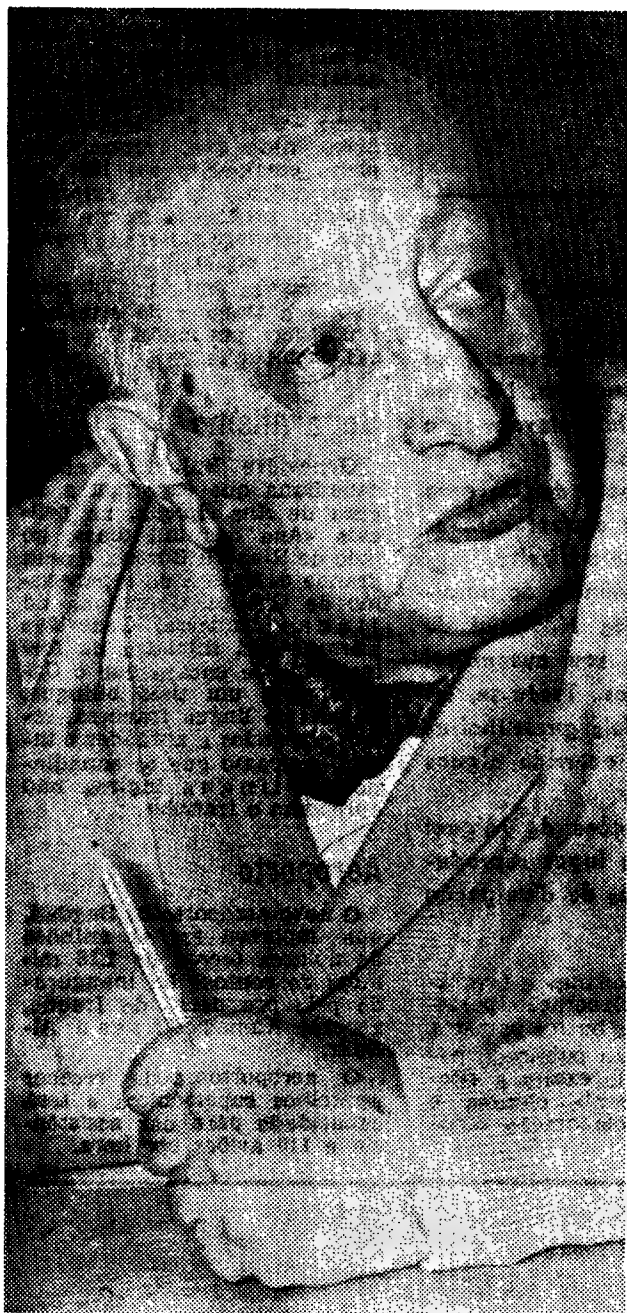
Rádio Pequim não fez referência a vítimas ou a extensão dos estragos.

Limitou-se a dizer que habitantes locais, comissões revolucionárias e tropas estavam empenhadas em trabalhos de socorro.

Após o sismo, a comissão central do Partido Comunista enviou uma mensagem aos habitantes da área afectada comunicando a preocupação e o interesse do presidente Mao Tsé Tung e do vice-presidente Lin Biao.

A Rádio acrescentou que a comissão central deli-

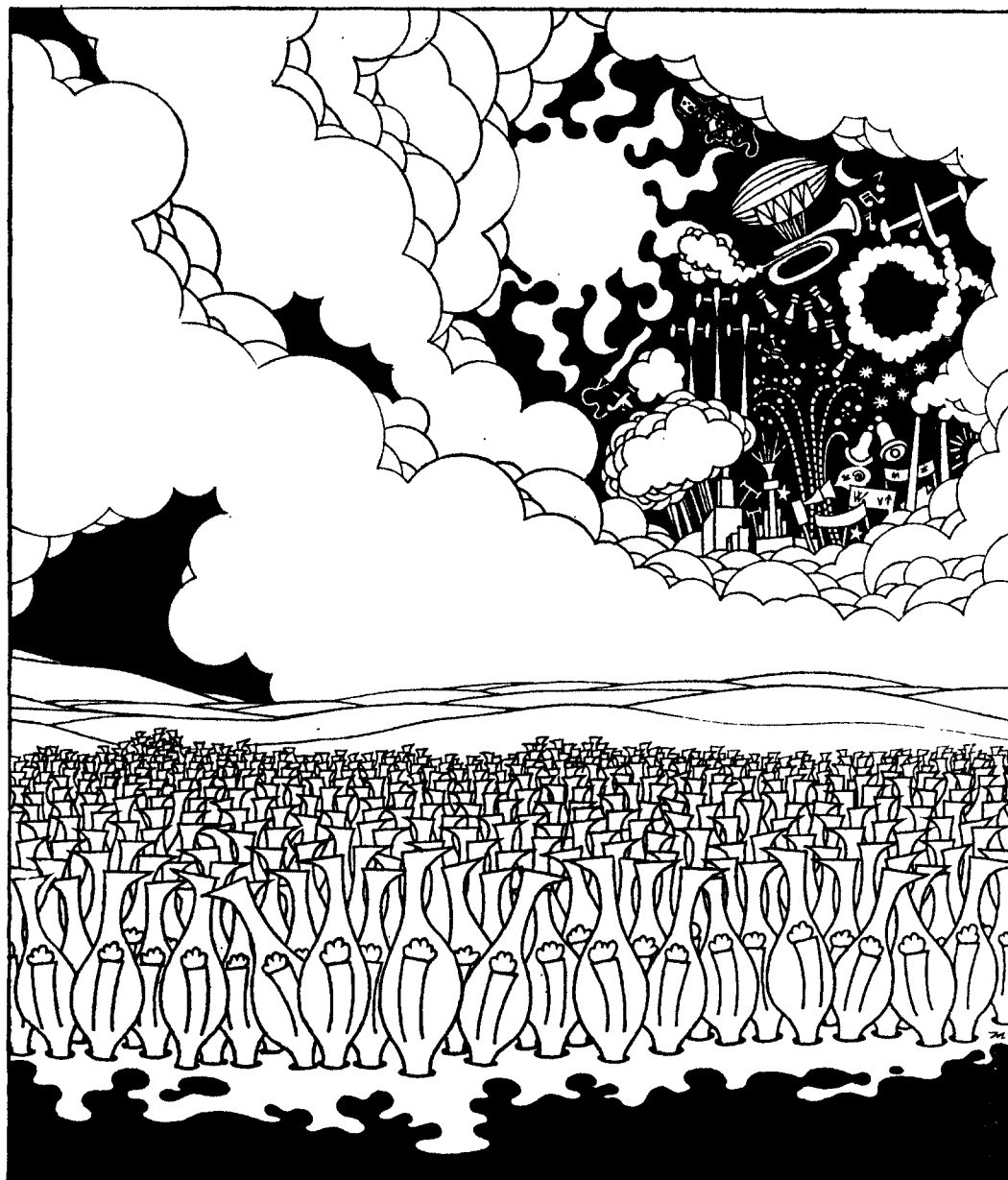
Temas em discussão:



● **A Guatemala no verbo de Asturias**, conversa a três com o Prémio Nobel de Literatura de 1967, em que entrevistaram, pelo «Diário de Lisboa», José Fernandes Fafe e Manuel de Azevedo ● **Que pensa do individualismo dos portugueses**, inquirido a que responde o eng.º Sidónio Paes ● **O Marketing na sociedade contemporânea**, comentários, documentos e depoimentos de especialistas ● **Opiniões ao acaso da rua sobre publicidade** ● **Ainda o ensino técnico profissional**, etc.

MESA REDONDA

A praia dos pássaros esquisitos



Desenho de João Abel

Economia portuguesa: balanço de 1969

SÉRGIO RIBEIRO

Acompanhámos a evolução das «coisas económicas» com particular atenção durante o ano que se apaga e consigo arrasta uma década. E não o fizemos por simples obrigação ou deformação profissional. É que as tais «coisas económicas» vão ganhando um privilegiado direito de cidadania, e já não se consegue dissociar qualquer facto de uma motivação, causalidade ou consequência, de feição económica. Claro que isto não acontece assim por ter passado a ser assim; acontece assim porque a nossa capacidade de interpretar vai conquistando a força e lucidez que desmistifica e leva às raízes. Que não acontece assim por tudo ter passado a ser diferente, afirmamo-lo em razão de há muito se dispor de um instrumental de interpretação que a tal leva, na interpre-

tação dos factos, mas só nos parece que é recente a inequívoca, e cada vez menos discutível, penetração do «económico» em todos os domínios do homem. Por muito forte que se aceite a personalidade de de Gaulle é difícil encontrar quem justifique a política francesa da década como estremamente motivada por essa personalidade. A política francesa foi de Gaulle enquanto. Foi enquanto de Gaulle representou e serviu interesses dominantes na socioeconomia francesa.

Este é um exemplo, e bastante significativo por essa mesma personalidade tão marcada. Mas o exemplo já se encontra como elemento do balanço de 1969 que justificou que nos sentássemos à máquina. Logo depois de de Gaulle veio a desvalorização do franco. Pela calada, ao

escalar das férias. E apareceu com novas forças uma construção da Europa, com a E.F.T.A. a talvez sumir-se numa C.E.E. (Mercado Comum). O que não será tão fácil como isso, porque a C.E.E. tem os seus graves problemas, na agricultura, p.e., e os anglo-saxões não virão facilitar nada, antes tornarão tudo mais complicado. De Gaulle diria que não virá a ser a construção da Europa mas a diluição da Europa num Ocidente (económico), sob direcção anglo-saxónica. Diria de Gaulle, e achavam muito certo os interesses que recetam a porta aberta da Inglaterra, pelos ventos de concorrência que soprarão das Américas. Mas o pior foi Maio de 68, e as reivindicações de força operário-sindical, e as exportações de capital, e a não desvalorização do

franco (ou a não revalorização do marco).

E o franco desvalorizou, via banqueiro-Pompidou e financeiro em mangas de camisa-d'Estaing, e o marco revalorizou, via dialogante-W. Brandt. Mas as economias inglesas não correm sobre esferas, os E.U. queixam-se cada vez mais amargamente de terem de estar a policiar o mundo, uma vez que, segundo a perspectiva deles, há um certo desequilíbrio entre a pequena distribuição desse encargo e a repartição da exploração do chamado «terceiro mundo», o que é muito discutível porque o modo como o dólar se aguentou em 1968 (e se vai aguentando) é uma faceta de um certo endosso de problemas para outras moedas (e a constante perturbação monetária interna

Cont., na pág 8

ASSIM VAI O MUNDO



«Rebeldes» maoístas

Um artigo publicado no jornal teórico da China, «Bandeira Vermelha», põe fim à esperança dos extremistas maoístas de conseguirem altos postos na reorganização do Partido Comunista. O artigo, escrito por uma unidade do Exército, previne os extremistas de que não podem esperar a entrada automática no Partido devido ao seu cadastro durante a «Revolução Cultural».

O artigo diz que a entrada para o Partido, que está presentemente em processo de reorganização e reabilitação, deve ser estritamente à base de mérito e de harmonia com as regras do Partido. A importância do artigo, que aparece no último número do jornal, foi frisada pela rádio de Pequim, que repetidamente o transmitiu em todos os seus boletins noticiosos.

O artigo revela que os dirigentes chineses têm sido alvo de pressão por parte dos «rebeldes» maoístas que julgam que, pelo facto de terem prestado «serviços úteis» na «Revolução Cultural», deveriam gozar do direito de filiação automática no Partido. Acrescenta que os militantes da «Revolução Cultural» estavam a pedir participação na reorganização do Partido.

«Eles afirmam que deveriam exercer a orientação para a consolidação e edificação do Partido, que deveriam constituir a base das organizações rectificadas e de construção do Partido. Essa ideia é extremamente errada».

O artigo previa que nem «as tendências erróneas» dos direitistas, nem as dos esquerdistas, poderão ser autorizadas a influenciar a remodelação do Partido.

Os dois jornais principais de Pequim, o «Diário do Povo» e o diário «Exército de Libertação», publicaram também o artigo.

Vaga de atentados na Guatemala

O «Le Monde» de 23 de Dezembro passado inseria a seguinte notícia:

«Houve no sábado uma série de atentados à bomba, na capital guatemalteca, contra empresas e armazéns. Não há vítimas a lamentar, mas os prejuízos materiais elevam-se a 60 mil contos.

Estes atentados deram-se dois dias depois do Governo ter decretado o estado de sítio, para tentar acabar com os choques entre a extrema esquerda e a extrema direita.

Na semana passada, o candidato à presidência do município da capital, pertencente ao Movimento Nacional de Libertação (extrema direita), foi morto no seu automóvel e três agentes de polícia foram assassinados. Trata-se, ao que parece, de represálias pela morte de dois guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), ocorrida alguns dias antes.»

Vale a pena esclarecer que as declarações de Miguel Angel Astúrias sobre o assunto, que noutra lugar reproduzimos, nos foram feitas um ou dois dias antes da divulgação destes acontecimentos.

Japão

A agência «Nova China» anunciou a criação de um novo partido comunista maoísta no Japão, destinado a reagir contra o partido comunista japonês «Miyamoto», que é consi-

derado «revisionista» e favorável a uma colaboração parlamentar com os outros partidos.

Um manifesto publicado pelo novo partido exalta a «Revolução Cultural» chinesa e denuncia a colaboração nipo-americana.

ASSIM VAMOS NÓS

O vazio de alma

No seu editorial de 4 do corrente, subordinado ao título «Que é a paz?», conclui o «Diário da Manhã» o seguinte modo:

«Perpassam no decorrer da mensagem do Presidente Américo Thomaz todas as certezas e todas as dificuldades, todas as horas luminosas de exaltação e todos os momentos tristes do ano que passou; desfilam as apreensões da hora presente, as razões que sustentam a nossa razão perante os que se nos opõem e a força determinada da nossa vontade; ressaltam os imperativos morais sob que há-de agir uma civilização ameaçada. A mensagem do Chefe do Estado português é uma lição de serena sabedoria e de paternal afecto aos portugueses de todas as raças, de todas as religiões, de todas as latitudes, ainda mesmo os que vivem e labutam em terras estrangeiras. De todas as suas palavras, todavia, ficaram-nos a ressoar aquelas, magníficas, em que defende a Paz verdadeira, pela qual nos batemos, contra a paz inautêntica, dos que a confundem com o vazio de alma que é a simples ausência de guerra.»

Defesa do diálogo

O dr. Francisco Balsemão, deputado pela Guarda e administrador do nosso prezado colega «Diário Popular», reuniu num volume, intitulado «Mentalização para a Eficiência», os quatro discursos que proferiu durante a última campanha eleitoral.

Na «Explicação Prévia» afirma, a certa altura o dr. Francisco Balsemão: «Defensor acérrimo do diálogo franco e do debate aberto, desejaria não ter tido de os proferir em tom magistral. Partidário sem disfarce da liberdade de expressão do pensamento, gostaria que as descrições e soluções neles apresentadas tivessem surgido, despidas de formalidades e de preconceitos, no decurso de discussões com indivíduos válidos e animados da vontade de colaborar. Detestando os vedetismos e os individualismos estereis apreciaria que a doutrina que neles se contém tivesse resultado de um trabalho de conjunto e não da iniciativa de um só.»

E como conclusão: «Tendo sido eleito deputado, limito-me, portanto, a cumprir o dever, para mim sagrado, de divulgar as minhas opiniões. E

«Der Spiegel»

«Os colaboradores da revista semanal «Der Spiegel» estarão interessados nos lucros da empresa, a partir de 1970» — anunciou Rudolf Augstein, proprietário da editora e redactor-chefe do semanário. Acrescentou que, segundo um plano escalonado até 1980, os colaboradores da sua empresa subirão progressivamente até uma participação nos lucros de 50 por cento.

A empresa emprega 730 pessoas e a tiragem do semanário atinge um milhão e cem mil exemplares.

Separatismo

Geneviève Bujold, a actriz canadiana que encarnou a figura de Ana Bolena, na película «Ana dos mil dias», ao lado de Richard Burton, é uma grande defensora do separatismo de Quebec. Canadiana de língua francesa, Geneviève afirma: «Há injustiça na forma como se encara que o Canadá seja um país bilingue. Nós, os de língua francesa, somos obrigados a aprender o inglês, ao passo que os canadianos de língua inglesa não aprendem o francês».

Aeroporto

O novo aeroporto de Bagdad, que importou em 41 milhões de dólares (cerca de 1,18 milhões de contos) foi inaugurado pelo presidente do Iraque, general Ahmed Hassan Al-Bakr.

O aeroporto pode receber aparelhos supersónicos e terá capacidade para dar assistência a 110 aviões por hora.

Vodka

Segundo a «Reuters», um jornal soviético preconizava, há dias, medidas rápidas para restringir a venda da vodka como parte da batalha contra o alcoolismo no país. Um leitor do jornal escreveu da cidade de Krasnodar afirmando que a agitação do público contra o alcoolismo tem estado a registar-se desde há muitos anos, mas até agora não conseguiu reduzir a procura da vodka, que é a mais popular bebida na União Soviética.

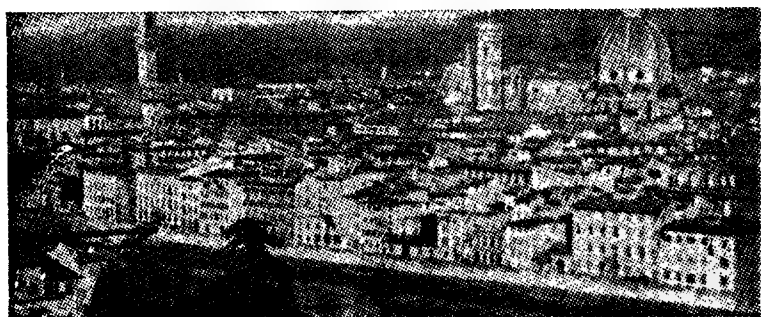
O leitor frisou que, ao passo que a venda de licenças estava restringida a estabelecimentos com licenças e em horas especiais, em muitos países ocidentais, a vodka pode ser adquirida diariamente em qualquer estabelecimento de géneros alimentícios na União Soviética, desde as 10 da manhã, por menos de 100 escudos por garrafa. O leitor sugeriu, como primeira

medida, que fosse suprimida a venda da vodka inteiramente nos fins-de-semana e não fosse vendida a menores. As garrafas de vodka deviam ser também retiradas dos escaparates.

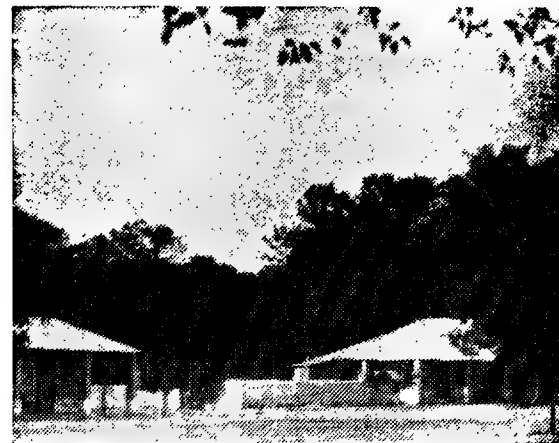
As colunas de correspondência de jornais soviéticos — ainda segundo aquela agência — têm estado cheias de receios, com um longo debate sobre a maneira de fazer face ao mal do alcoolismo e dos seus efeitos nocivos sobre muitos aspectos da sociedade soviética.

Museus

Segundo um inquérito feito recentemente, verificou-se estatisticamente que as classes jovens cada vez mais interessadas nos museus de Itália. Nos dez anos que decorreram de 1957 a 1967, o número de visitantes subiu de cerca de 8 milhões e 200 mil para mais de 14 milhões, o que representa um incremento de 71 por cento.



como, por muito prezar a minha profissão de jornalista, sou dos que continuam a acreditar na autoridade da palavra escrita — desejando, por isso mesmo, vê-la mais prestigiada, livre e possibilitada de actuação — nada mais natural do que, para tal divulgação, optar pela forma escrita.»



Guiné Portuguesa

«Sem embargo de o apoio moral de alguns Estados amigos e, ainda, da atitude ultimamente mais moderada de alguns países da O.T.A.N., temos de reconhecer que os Governos ocidentais ainda não tomaram perfeita consciência das mais elementares realidades do panorama internacional, onde se integra a política africana. Temos esperança de que, num futuro próximo, a situação evolua no sentido de melhor se compreender a verdadeira projecção do esforço português, e que então Portugal passe a receber, declaradamente das nações ocidentais, o apoio moral e material a que legitimamente tem direito.

Se os terroristas ganhassem a partida nesta parte da África, a Guiné Portuguesa acabaria, inevitavelmente, por ser absorvida pelos países limítrofes e transformar-se-ia em mais um satélite da órbita do comunismo internacional. Tal situação implicaria um irreparável retrocesso na esfera da valorização e dignificação das populações nativas e a perda para o Ocidente do inestimável valor estratégico que representa o arquipélago de Cabo Verde na defesa do Atlântico Sul».

(Da entrevista do general António de Spínola ao representante da United Press International em Lisboa).



Que pensa

do individualismo dos portugueses?

A força de tanto se falar do individualismo dos portugueses, tal ideia quase assume o valor de um axioma. Na versão generalizada, esse mal teria as suas inevitáveis consequências não só nas relações sociais, como no nível do desenvolvimento socioeconómico do País e na nossa capacidade de organização com vista a construir a prosperidade material e a divisão de riqueza susceptíveis de corresponder às aspirações da grande maioria da população. Será assim ou tratar-se-á apenas de conjecturas sem fundamento?

No espírito de diálogo e no propósito de debate amplo de princípios e situações que respeitam toda a comunidade que caracterizam este suplemento, decidimos lançar um inquerito, em que perguntamos: *Será o individualismo um mal que afecta particularmente os portugueses? Que fazer para evitá-lo?*

Iniciamos hoje a publicação de depoimentos com a resposta do eng.º Sidónio Paes.

1 — Será o individualismo um mal que afecta particularmente os portugueses?

Se individualismo significa excessiva preocupação consigo próprio e com os seus interesses, preferência da acção individual ao trabalho colectivo, falta de sentido social e de espírito associativo, parece-me que este mal está muito espalhado entre nós.

Não sei dizer se nos afecta particularmente, isto é, mais ou menos do que a outros povos, ou mais ou menos do que outros defeitos. Afecta-nos porém o suficiente para valer a pena determinar causas e aplicar remédios.

Quanto a causas, não creio que o individualismo seja uma espécie de característica atávica do nosso povo. São-nos reconhecidas qualidades de hospitalidade, ajuda desinteressada, espírito de sacrifício, bem contrárias ao individualismo. Por experiência própria, desde a Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, até à profissão, passando por diversos sectores da Acção Católica Portuguesa, posso testemunhar ter encontrado verdadeiro gosto pelo trabalho de conjunto e autêntico espírito associativo. No desporto,



Eng.º Sidónio Paes

não são o futebol e o hóquei em patins jogos essencialmente de equipa? E a nossa História poderia também trazer exemplos em apoio a este ponto de vista: as corporações medievais, os descobrimentos, o surto associativo no fim do século passado e início do presente.

Mas o individualismo é uma forma de egoísmo em que todos temos tendência a cair. Mesmo que haja

qualidades tradicionais que o contrariam, se não somos fortemente motivados dificilmente resistimos. Ora creio que são essas fortes motivações que faltam na nossa sociedade.

Essas dificuldades e limitações levam a que muitas pessoas sintam que não vale a pena trabalharem em conjunto, por falta de eficiência das respectivas instituições. Para resolver os problemas é muito mais rápido e seguro conseguir as boas graças de alguém influente, meter uma boa «cunha»!...

2 — Que fazer para evitá-lo?

Há defeitos, de mentalidade e de feitos de estrutura, cuja correcção simultânea ajudaria a ultrapassar o obstáculo de individualismo que hoje defrontamos. É trabalho de fôlego, porque o mal está solidamente instalado e largamente difundido.

Antes de mais, haveria que criar as tais motivações: só o incentivo, o fortalecimento, a liberdade, legalmente assegurados às instituições associativas conduziram à revisão de ideias e mudança de hábitos.

Vencida a descrença, aberto o apetite, haveria que adquirir uma boa forma, que manifestamente nos falta. Em alguns casos particulares actividades agrícolas e sindicais, por exemplo seria necessária alguma formação — mas agora esta faz-se acelerada para tudo! Em qualquer caso só o treino, isto é, a prática associativa (implicando alguns inevitáveis desaires) levaria a uma boa forma no trabalho de equipa.

A acção fundamental estará, aqui como em tudo, na preparação dos jovens. A tão falada reforma do ensino deveria prever, nos programas, como na vida académica, o ensino e a prática do ideal colectivo, do espírito associativo, do trabalho em equipa.



TEM A PALAVRA O LEITOR

Ainda o ensino técnico

Em resposta à carta de António Cabrita Marques, «Acuda-se ao Ensino Técnico Profissional», publicada no número anterior deste suplemento, recebemos a seguinte carta do nosso leitor Valdemar Quinta Ferreira.

«Há por aí muita gente ilustre que não vê com bons olhos esta coisa do diálogo. Entende que é árvore que já deu frutos.

Na medida em que sou francamente pelo diálogo, penso que a carta do sr. António Cabrita Marques justifica uma resposta, quanto mais não seja para não deixar adormecer o assunto.

O seu comentário «Acuda-se ao Ensino Técnico Profissional» é já um trabalho em profundidade sobre o assunto, o que não acontecia com a minha carta sobre o «Esquecido Ensino Noc-

turno», que não passava de um modesto reparo crítico acerca da apatia perante os tão graves problemas do indivíduo que trabalha e estuda.

Acho pertinente perguntar até ao amigo A. Cabrita Marques, como queria que eu falasse do Ensino Diurno se nunca o frequentei?!... A única coisa que lhe poderia dizer acerca de ensino diurno... é que minha filha entrou este ano para a escola, não tinha nenhuma acessível, pelo que tenho de pagar todos os meses para ela andar numa improvisada, ou seja numa pequena sala de estar onde se conseguem meter dezenas de crianças nas piores condições de comodidade e com processos de ensino também improvisados... Dizem-me, porém, ser ainda melhor que nas escolas oficiais...

Dai já o amigo A. Cabrita Marques vê o motivo porque focámos em primeiro plano o grau de ensino a que de mais perto estamos ligados, deixando para outros e muito que há a dizer sobre outros ensinos.

A. Cabrita Marques pode acusar de os termos quase abstractos que usei.

Temos de continuar com a nossa linguagem, até plena consciencialização das pessoas que os orientam; continuar até que essas pessoas considerem ser benéfico para todos o apontarem-se erros, honestamente.

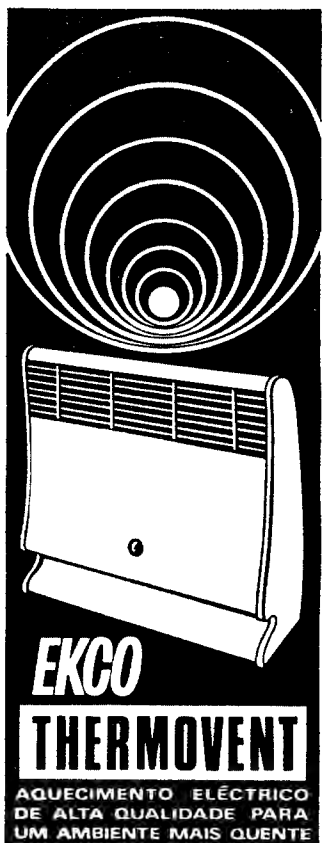
Impõe-se que as autoridades escolares, alertadas tomem as medidas rápidas e eficazes providências, promovendo e actualizando o Ensino Técnico, sabendo ser dele que está dependente o futuro da Indústria Nacional.

VALDEMAR QUINTA FERREIRA

As épocas de exame

Também o nosso leitor A. M. Soares, residente em Lisboa, nos remeteu uma carta sobre alguns dos problemas com que se debatem os adultos que trabalham e estudam, fazendo algumas

(Continua na página seguinte)



EKO THERMOVENT
AQUECIMENTO ELÉCTRICO DE ALTA QUALIDADE PARA UM AMBIENTE MAIS QUENTE
Distrib. Gerais: Monteiro & Reynolds, Lda.
Rua Alexandre Herculano, 1, 2.º - Esq. Lisboa
Distrib. no Norte do País:
J. J. Gonçalves - Sucr. Comércio e Indústria S. A. R. L. - R. do Freixo, 1273/81 Porto
Peça catálogos no seu fornecedor.
À venda nas boas casas da especialidade

espelho da imprensa

«A igreja dos emigrantes»

«...Cada ano atravessam os Pireneus muitos portugueses que, ou por não terem trabalho ou porque não ganham o suficiente para viverem dignamente, partem para os países ricos do Mercado Comum. Em França e na Alemanha esperam-nos postos de trabalho — alguns bem humildes e pesados — onde se recebem salários satisfatórios. O resto é aventura, risco de enfrentar o desconhecido.

Há outras emigrações não menos importantes, das quais pouco se escreve. Saem para o estrangeiro cientistas, investigadores, estudiosos, pondo ao serviço dos outros os talentos que tanta falta nos fazem. É a chamada «fuga de cérebros». E também a «fuga de capitais», os quais se deviam aplicar no desenvolvimento do próprio País, e não no proveito pessoal. Apenas nos referimos à emigração propriamente dita, à fuga da mão-de-obra.

Pecaríamos de excessivo optimismo se vissemos neste êxodo apenas aspectos positivos. Também é certo que não se pode projectar uma luz excessiva sobre o negativo da emigração. Nem optimistas nem pessimistas poderão dar-nos uma imagem clara do fenómeno tão português da emigração. Só aqueles que vivem na sua carne este drama poderiam talvez fazer uma necessária síntese. Escutemos a sinceridade do nosso povo humilde e paciente.

Saltam à vista, porém, alguns aspectos gerais do fenómeno emigratório. Um fenómeno de consequências positivas, já que muitos trabalhadores, ao entrarem em contacto com um mundo industrializado, se capacitam para exercerem actividades secundárias, industriais. Esta promoção capacita os que antes eram pobres camponeses ou operários não qualificados para ocuparem dignamente postos de trabalho no sector industrial.

Também o Estado sai a ganhar com a emigração. Não temos estatísticas. Mas os capitais e as divisas que entram, decerto que ajudam a equilibrar a balança de pagamentos. Além disso, o êxodo emigratório vem resolver o problema do desemprego ou a falta de postos de trabalho, onde de facto existem.

A Igreja dos Emigrantes é a que está atenta a esta realidade social. É aquela que nestes dias se preocupa pela promoção social e assistência espiritual do povo português emigrado.

(Do artigo «A Igreja dos Emigrantes», de Pedrosa Ferreira, em «Novidades», 6-1-70)

«Horizonte 70»

Encerrada a década de 60, um novo horizonte desenhase no tempo: que significarão os dez próximos anos no decurso da história?; que perspectivas se abrirão no caminho das sociedades à realização das transformações necessárias a uma total emancipação do homem de todas as formas mais ou menos evidentes, mais ou menos subtis, que dele fazem um instrumento ao serviço das engrenagens da alienação? Tornou-se já um facto de todos conhecido que as espantosas conquistas alcançadas no domínio tecnológico e científico ao longo dos últimos anos contrastam clamorosamente com as situações de atraso e miséria em que vivem dois terços da população mundial.

A quem aproveitam, então, essas conquistas? Ao serviço de quem são postos esses instrumentos de progresso, nas mãos de grupos privilegiados, em meios de dominação e de bloqueio do verdadeiro desenvolvimento?

(«Comércio do Funchal», de 4-1-70).

tem a
palavra
o leitor

A situação da nossa balança comercial

Um nosso leitor de Pevidém, Miguel Ângelo da Cunha Teixeira e Melo, enviou ao nosso director a seguinte carta:

«Na secção «Assim Vamos Nós», do jornal que V. dirige, publicou-se, em 12-12-1969, um comentário sobre a situação da nossa Balança Comercial, apontando-se o aumento do respectivo deficit nos últimos meses.

Como a análise realizada é pouco objectiva, venho pedir a V. a publicação desta minha carta, com a finalidade de mostrar claramente a evolução do nosso Comércio Externo. Conforme se lê nos n.ºs 162 e 164 do «Jornal Português de Economia e Finanças», respectivamente de 15-1-67 e 15-3-67, temos que:

1966 — Janeiro-Outubro — Exportações: 13 537 000 contos; Importações: 22 067 000 contos; Deficit: 8 530 000; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 61,3%. Janeiro-Dezembro — Exportações: 18 023 000 contos; Importações: 29 095 000 contos; Deficit: 11 072 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 61,9%.

Para 1967, e segundo os números 165, 170 e 177 do Jornal Português de Economia e Finanças, respectivamente de 15-4-67, 15-9-67 e 15-4-68, a situação da Balança Comercial foi a seguinte:

1967 — Janeiro-Março — Exportações: 3 469 000 contos; Importações: 5 243 000 contos; Deficit: 1 774 000; percentagem das Importações co-

bertas pelas Exportações: 66,1%. Janeiro-Junho — Exportações: 8 209 000 contos; Importações: 13 350 000 contos; Deficit: 5 145 000; percentagem das Importações cobertas pelas exportações: 61,4%. Janeiro-Dezembro — Exportações: 19 684 000 contos; Importações: 29 135 000 contos; Deficit: 10 249 000; percentagem das Importações cobertas pelas exportações: 67,5%.

Em 1968, e de acordo com os n.ºs 197, 182, 185 do Jornal Português de Economia e Finanças, respectivamente de 15 ou 30-6-68, 15-9-68, 15-12-68, os dados relativos ao Comércio Externo foram:

1968 — Janeiro-Março — Exportações: 3 943 000 contos; Importações: 5 724 000; Deficit: 1 781 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 68,8%.

1968 — Janeiro-Junho — Exportações: 8 815 000 contos; Importações: 13 607 000 contos; Deficit: 4 792 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas exportações: 64%.

1968 — Janeiro-Setembro — Exportações: 14 062 000 contos; Importações: 20 712 000 contos; Deficit: 6 650 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 67,8%.

1968 — Janeiro-Dezembro — Exportações: 21 050 000 contos; Importações: 29 880 000 contos; Deficit: 8 830 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas exportações: 70%.

Finalmente, em 1969, como se pode ler nos números 197, 202 e 208 do Jornal Português de Economia e Finanças, respectivamente

de 15 a 30-6-69, 1 a 15-9-69 e 1 a 15-12-69, temos:

1969 — Janeiro-Março — Exportações: 4 165 000 contos; Importações: 4 981 000 contos; Deficit: 816 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas exportações: 83,6%. Janeiro-Junho — Exportações: 10 244 000 contos; Importações: 13 006 000 contos; Deficit: 2 762 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 78,7%.

1969 — Janeiro-Setembro — Exportações: 15 782 000 contos; Importações: 20 402 000 contos; Deficit: 4 620 000 contos; percentagem das Importações cobertas pelas Exportações: 77,3%.

Como se vê pelos dados apresentados, em 1967 as exportações aumentaram 0,2%, as importações 0,13%, tendo o deficit diminuído 7,4%; em 1968, aquelas duas primeiras grandezas cresceram, respectivamente, 6,9% e 2,5%, tendo o saldo negativo baixado (-13,8%).

Em 1969, assiste-se a uma melhoria da cobertura das importações pelas exportações, tendo estas sofrido um acréscimo de 12,2% no período Janeiro-Setembro, ao passo que as importações e o deficit flectiram (-1,4% e -30,5%, respectivamente).

O aumento do saldo negativo ao longo de 1969 não é de estranhar, pois é comum aos outros anos.

Pevidém, 14 de Dezembro de 1969.

a) Miguel Ângelo da Cunha Teixeira e Melo.

É com o maior agrado que se publica a carta deste nosso leitor. É uma carta que traduz uma leitura atenta do nosso jornal e um interesse por problemas que não é muito comum encontrar expresso.

Parece-nos, no entanto, ser necessário acompanhar a publicação da carta do nosso leitor com um esclarecimento. Não se pretendia, no apontamento para o «Assim vamos nós», de 12-12-69, fazer uma análise objectiva do comércio externo de Portugal, ao longo dos anos. Aproveitava-se o aparecimento do último número dos «Indicadores estatísticos de curto prazo» do I. N. E., para um apontamento sobre a evolução próxima do comércio externo. E pareceram-nos de salientar dois aspectos: que o saldo negativo se agravava a consideravelmente entre o primeiro semestre e os valores até Outubro, e que, dentro desse saldo, a parcela relativa às províncias ultramarinas observava evolução inversa.

Consideramos de interesse público anotar que o saldo do nosso comércio

externo passou de 2781 mil contos negativos no 1.º semestre, para 6178 mil contos negativos até Outubro, e que, na parcela referente às províncias ultramarinas, a evolução foi de 431 para 1051 mil contos positivos, pelo que o saldo com países estrangeiros passou de 3212 mil contos negativos para 7229 mil contos negativos (7 242 766 contos, segundo o Boletim Mensal do I. N. E. de Outubro, entretanto saído).

Seria tudo quanto julgamos de esclarecer, se não fosse uma pequena correcção a fazer à carta que publicamos. Diz o nosso leitor que «o aumento do saldo negativo ao longo de 1969 não é de estranhar, pois é comum aos outros anos». Como a sua análise é feita em termos de cobertura das importações pelas exportações, chamamos a atenção para o facto de, nos próprios números que inclui a sua carta, se verificar evolução inversa, melhorando-se a cobertura no decorrer dos anos em referência, excção para o ano de 1969 em que a cobertura aparece em evolução regressiva.

As épocas de exame

Cont. da pág. anterior
sugestões que se nos afirmam merecedoras de particular atenção. Diz aquele nosso leitor:

«Num dos últimos números, o suplemento «Mesa Redonda» publicou a carta em que um leitor se lamenta da pouca atenção dispensada aos estudantes-trabalhadores. Isto é, aqueles que, á custa de muito esforço, ainda se entregam aos livros depois de um dia de labor. Ainda bem que, na nota que entenderam por bem acrescentar à carta, revelaram a intenção de se debruçar sobre o assunto, que tem sido manifestamente relegado para segundo plano.

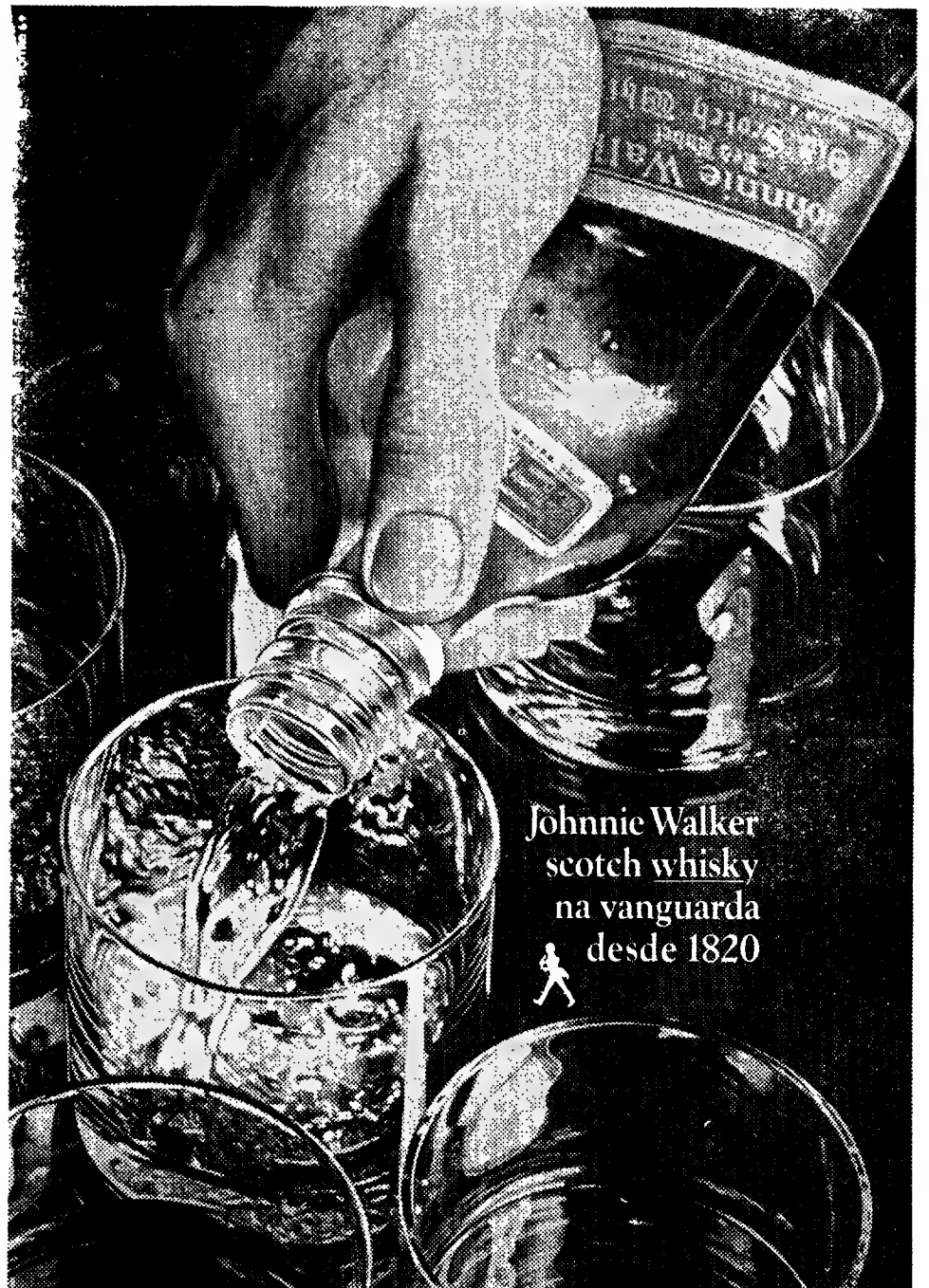
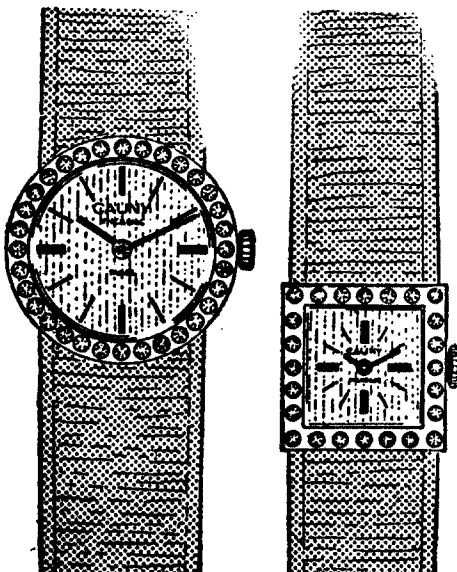
Com efeito, em Portugal, quando se fala em ensino, os extremos tocam-se: fala-se da Instrução Primária e da Universidade em todos os tons, defendem-se os direitos dos seus fre-

quentadores e quase sistematicamente se ignoram os múltiplos problemas do Ensino Secundário, quer dizer, do Liceu. E dentro deste sector do Ensino ainda menos vezes se refere a situação daqueles que como eu, trabalham de dia e estudam à noite seja sózinhos nas suas próprias casas, seja em estabelecimentos com professores. Já repararam, por exemplo, que os estudantes de maior idade não dispõem de facilidades, relativamente áquelles que estudam com toda a calma durante o dia? Estes últimos, na generalidade adolescentes, têm os estudos pagos pelos pais e, além disso, dada a sua juventude, têm todo o tempo á sua frente.

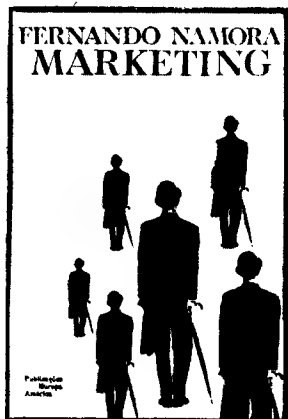
Quanto aos trabalhadores, muitos deles são chefes de família—operários, funcionários públicos empregados do comércio—que procuram

elevarem-se socialmente e profissionalmente, adregando deste modo a obtenção de melhores salários. Não seria possível — e aqui está um bom tema para mesa-redonda — proporcionar-lhes mais de uma época de exames por ano, a fim de ganharem o tempo perdido? Normalmente um adulto assimila com mais facilidade — até porque estuda por gosto ou por necessidade — e, de um modo geral, está em condições de fazer mais do que um ano liceal na mesma época. Não todos, evidentemente, mas muitos deles podem fazê-lo, tal como sucedeu comigo próprio. E não se poderão manter cativas as notas, quando um adulto, fazendo dois ciclos num só ano, passa no ciclo mais adiantado e «chumba» em cadeiras do mais atrasado?

A. M. SOARES»



Marketing: que muralha poderá travá-lo?



Parte final do poema «Marketing» de Fernando Namora

Vi uns homens a inaugurarem estátuas
e vi fardas e paradas e conferências
e crianças a sorrir
para os homens sorridentes que inauguravam estátuas
e vi homens que falavam e pensavam por mim
a escolherem por mim o bom e o mau
de modo a que eu não possa ser tentado
a confundir o mau com o bom ou vice-versa ou vice-versa.

Deitado no conforto de um Lusospuma
vi os porcalhões dos hippies nas ruas de Estocolmo
bem longe nas ruas de Estocolmo
mesmo a pedirem uns safanões
dos homens que acariciam crianças
e têm todas as variedades na mão
só para que eu seja um bom cidadão.
É isto: marco o rumo. As minhas cuecas marcam o rumo.
Preciso e gosto de uma data de coisas
e só agora o sei.
Menos de Sagres. Mas acabarei por gostar.
Ninguém contraria o marketing por muito tempo.
Ninguém contraria os fabricantes de bem fazer
o bom cidadão.

E tudo graças ao marketing.

O poema faz-nos sinal (1): «atenção ao marketing». Para quê, se o desastre é inevitável? Eu não gosto de cerveja / mas tenho de gostar que os outros gostem de cerveja (...) para não contrariar os fabricantes de cerveja. / atenção ao marketing / Ninguém contraria os fabricantes de cerveja.

Mais do que um aviso trata-se das últimas palavras de um condenado... ao marketing. Condenado — não o poeta, o eu do poema, em particular, mas a humanidade (grosso modo) inteira. O eu destes versos pode ser preenchido por qualquer dos milhões de eus marketizados.

O tom de fatalidade compreende-se. Ninguém contraria os fabricantes da Opel e da Super Silver / nem os fabricantes de alcatifas para panaceias / nem as panaceias nem os códigos nem os edredons macios / / nem as mensagens de natal dos estadistas / nem os negociantes de armas da Suíça / nem o homem da capa preta que virou as costas ao Palmolive. É-se obrigado e empregar o marketing para prevenir do marketing: a atraente apresentação de «Marketing» (livro), a sua publicidade, manifestam uma iniciação no marketing. Publicamos este comentário num jornal que, evidentemente, não ignora o marketing. A U.R.S.S., se o Express (outro) não mente, começa a interessar-se pelo marketing...

O marketing faz bola de neve. E a sua inerente força expansiva destina-o a ser a bola do mundo. Que muralha da china poderá travá-lo?

Mas afinal o que é o marketing? «Nome masculino, do inglês to market, comprar ou vender no mercado: designa em francês a estratégia comercial: conjunto dos estudos, investigações, actividades destinadas a assegurar a distribuição e a promoção de um produto nas melhores condições. O marketing compreende em particular: o estudo do mercado, a apresentação do produto, o armazenamento, a distribuição, a promoção de vendas e a publicidade» (do Petit dictionnaire de l'économie, de Gonthier).

Como surgiu o marketing?

O marketing é a resposta «à saturação progressiva dos mercados, quando o crescimento dos lucros já não pode ser assegurado nem pelo aumento do volume da produção nem pela melhoria da produtividade» (Francis Girault e Richard Fenwick, proselitistas do marketing).

Detenhamo-nos naquela «saturação dos mercados». Refere-se — claro — às necessidades solventes. E «os lucros» — a mira deles, o dedo no gatilho, cada um avidamente egocentrado no desejo da vitória, da derrota dos outros...

1969 anos!

Quando é que se instaura a fraternidade?

Natal de 1969

JOSÉ FERNANDES FAPE

(1) Marketing, de Fernando Namora.

O «MARKETING», NOVA FUNÇÃO ECONÓMICA

As técnicas de direcção estão animadas de uma ideologia nova

A concepção americana acentua o predomínio do cliente

A indústria de além-Atlântico lança anualmente no seu mercado interno cerca de 600 mil milhões de dólares em bens e serviços.

Tradicionalmente, a maioria desses bens e serviços são concebidos e oferecidos à clientela antes de se ter manifestado uma procura, específica destes produtos. Por conseguinte, o papel essencial que cabe à função marketing consiste em assegurar, com o auxílio de diversos meios, um escoamento satisfatório de um produto predeterminado. Os meios utilizados para facilitar este escoamento são numerosos: prospecção do mercado, venda personalizada, rede de distribuição, créditos ao consumo, e, sobretudo, publicidade, cujo objectivo consiste em fazer coincidir os gostos do cliente com o produto oferecido.

Nesta óptica tradicional, a função marketing situa-se abaixo das actividades complementares — finança, produção, controlo — que constituem a empresa, onde o seu papel, por essencial que seja, não é, contudo, considerado predominante.

Nestes últimos dez anos entraram em jogo vários factores, que ocasionaram, nas empresas mais importantes, uma evolução deste conceito. Em primeiro lugar, em face de uma progressiva saturação dos mercados existentes, o crescimento dos lucros já não pode ser assegurado por um aumento do volume da produção ou por uma melhoria da produtividade. Em segundo lugar, a eficácia marginal das técnicas usuais de marketing — publicidade, diferenciação do produto por programa de promoção excepcional, desenvolvimento dos serviços após-venda — tende a decrescer. Finalmente, a utilização maciça dos inquéritos de mercado e a sua exploração mais subtil permitiu que se reunisse um importante número de informações sobre a clientela.

Estes três factores levaram, a pensar, entre outras coisas, que a tarefa essencial da função marketing

Produzir mais depressa, produzir melhor ao melhor preço, tem sido, desde há muito, o objectivo número um das empresas. Daí resulta que a própria vida das empre-

sas, toda ela, e a ideologia das técnicas de direcção (que foram concebidas neste período) tenham sido marcadas pela função económica quantitativa.

No dia em que os clientes se tornam mais raros que os produtos, em que a concorrência já não permite que se vença sómente a nível dos ateliers de produção, nesse dia a empresa defronta novos problemas. É então que aparecem as direcções marketing e que se verifica uma reviravolta na ordem de prioridade dos problemas e das funções.

Passa-se então do reinado do quantitativo para o reinado do qualitativo, começa o interesse pelo homem e pela sua psicologia, tanto no interior da empresa como no exterior. É isso que permite falar de «revolução copérnica», quando se opõe o «estado de espírito marketing» ao estado de espírito puramente industrial.

PRODUÇÃO É «MARKETING»

A primeira vista e superficialmente o problema não tem saída, com efeito, as tensões económicas da produção exigem previsões, a longo prazo, grandes séries, isto é, menos modelos, o menor número possível de modificações, em resumo, a uniformidade maciça. Ao invés, o desejo de satisfazer o consumidor pode levar a uma permanência de diligências de sedução junto do consumidor, isto é, de renovação dos modelos, de pequenas séries, grandes diversificações, grandes excessivas, etc.

Este conflito é apenas aparente. Existiria, se as direcções comerciais da velha fórmula tomassem conta das empresas. ■

Cont. na pág. 10

próprio das diligências e das técnicas do marketing associar permanentemente o lucro da empresa e a satisfação do consumidor, considerando esta última como condição daquela.

Dai resulta que o homem de marketing na empresa é um homem que fez muitas contas, e pode perfeitamente esquematisar-se a sua actividade, dizendo que ele concilia, incessantemente, os resultados da análise da procura e os resultados da análise dos custos.

UM NOVO CONCEITO: O MERCADO TOTAL E ORGÂNICO

O marketing põe em causa a relação tradicional e jurídica entre a empresa, a mercadoria que ela fabrica e vende e o mercado a que se dirige. No sentido jurídico da palavra, quando uma mercadoria sai da empresa que a vendeu a um grossista ou a um retalhista, essa empresa já não é proprietária da mercadoria. Portanto, não tem nada que ver com ela.

A sistematização da política de marca, e, portanto, de compromisso, de garantia e de responsabilidade da empresa face aos seus mercados, conduz a uma concepção diferente: a empresa não tem que ver com um cliente, tem que ver com um mercado total acima do qual há, evidentemente, o cliente final, mas muitos outros pontos intermédios que são: os sis-

Cont. na pág. 8

A Guatemala no verbo de Asturias



Naturalmente, em face de Miguel Angel Asturias, as primeiras perguntas a fazer-lhe são de índole literária. Mais que tudo ele é um escritor. Esse aspecto foi tratado no nosso jornal, no «Suplemento Literário», num artigo de Pedro da Silveira (que Asturias considera um dos seus melhores tradutores) sobre a obra do autor de «O Senhor Presidente».

No entanto, Miguel Angel Asturias é também um homem de vasta cultura, um homem político que interveio com grande relevo em vários acontecimentos da história guatemalteca e ocupa presentemente o lugar de embaixador do seu país em França. Por tudo isto resolvemos interrogar Miguel Angel Asturias, para a «Mesa Redonda», a respeito dos problemas político-sociais da América Latina em geral e da Guatemala em particular.

JOSÉ FERNANDES FAFE — Fiquei com a impressão de que na Guatemala não haveria uma síntese entre a cultura espanhola e a cultura índia, mas de haver, isso sim, uma justaposição, digamos, viveriam isolados de um lado os descendentes de espanhóis, e do outro lado os índios. Esta impressão de visitante parece-lhe verdadeira ou falsa?

MIGUEL ANGEL ASTURIAS — Parece-me que através dos séculos se realizou a fusão do sangue europeu, espanhol, com o dos índios. Veja os mestiços: são um produto do cruzamento do índio e do espanhol. O visitante que chega ao nosso país para observar especialmente as povoações onde o folclore é mais acentuado — Atitlán, Chichicastenango, Quetzaltenango, etc. — tem a impressão de que os aglomerados indígenas estão muito isolados, muito afastados dos aglomerados mestiços, quer espanhóis, quer europeus. Mas os indígenas vão-se incorporando paulatinamente ao movimento nacional e vão sendo também absorvidos pela mestiçagem. No entanto, creio que uma das vantagens — se assim se pode chamar — da existência dos indígenas no nosso país é a que se refere ao facto de manterem o seu sistema de vida, com os seus costumes, com a sua tradição, a expressão mais pura da nossa terra, a que está mais arreigada às nossas realidades, já que o índio economicamente não é um ser muito útil, visto que quase só consome o que ele próprio cria. O índio tece a sua roupa, semeia o

seu milho e alimenta-se com o grão, sagrado para eles, alimenta-se a si próprio e alimenta a família. O índio faz os seus cântaros, cria os seus porcos, as suas galinhas, poucos são os que têm outra espécie de animais, por exemplo, cavalos, mulas ou vacas. Em geral tem apenas pequenos animais de curral. Isto faz com que seja um produtor e, ao mesmo tempo, um consumidor. Isto é desvantajoso economicamente, porque o índio, assim, diminui as possibilidades de desenvolvimento económico no país. E não foi senão através de múltiplas lutas e esforços de toda a espécie que os governos progressistas que temos tido tentaram arrancar o índio desta situação. Em épocas passadas procedia-se de forma a convencer os intérpretes e os caciques a explicarem aos índios as vantagens em semear as batatas, o milho ou o trigo, que são os seus alimentos principais, com determinadas sementes melhoradas, ou determinadas novas formas de cultivo, não a antiga forma dos Maias, pois que os índios continuavam semeando como há milénios semeavam os seus antepassados, quer dizer, abrindo um buraco, pondo os grãos de milho e apertando com o pé. Tudo foi tentado sempre pelos governos progressistas desde 1871. Desde o primeiro governo liberal se tentou desenvolver o índio sem qualquer resultado, pois que tendo sido explorado durante quatro séculos o indígena desconfia sempre do que se lhe aconselha e mantém os seus costumes.

Todavia em 1966, quando estive entre eles, fui surpreendido pelo adiantamento, pelo progresso que demonstram agora a respeito desta espécie de actividades. Perguntavam-me e perguntava eu a mim próprio a que se devia o facto de os índios terem avançado tanto na sua mentalidade. E a resposta é: deve-se ao transistor. Os transistores que se vendem aos camponeses por cinco, oito ou dez dólares, fazem

E que ao mesmo tempo se formem cooperativas. Os governos da revolução (durante o Governo do dr. Arévalo e o Governo do coronel Arbenz) ensaiaram em primeiro lugar as formas directas para que o índio fosse eleito principalmente nas municipalidades. Todas as municipalidades de população indígena têm agora alcaides indígenas. Isto deve-se à Reforma levada a efeito pela Revolução. Em segundo lugar deu-se a terra ao índio, mas não de forma a deixá-lo abandonado, pois que se criou ao mesmo tempo um Banco Agrícola e criaram-se cooperativas. E creio que é o que está ainda a fazer o Governo de Mendez Montenegro. Necessitamos, portanto de reformar as estruturas básicas indígenas. E para reformá-las devolvê-las a terra que ele cultivava e criar cooperativas para que não se sinta abando-

nação, e cooperativas que lhe facilitem empréstimos para que produza mais do que consome. Há um facto muito importante que deve considerar-se: É fácil fazer uma cooperativa indígena dado que os índios através dos séculos possuíram sempre as suas propriedades em comunidade. As comunidades indígenas ainda existem e algumas são donas de grandes extensões de terreno que cultivam a terra comunitariamente e repartem os lucros do que produzem. Quer dizer, nós temos o problema de populações habituadas a terem as suas próprias terras e que se habituaram à vida comunitária. Creio que a Guatemala e os outros países que têm indígenas podem transformar o indígena num elemento mais positivo para as nossas economias, e que teremos um apoio

levavam a cultura grega. Tem, pois, razão de ser a pergunta sobre se as fronteiras são arbitrárias, porque a cultura mais abarca de um lado a fronteira mexicana numa extensão maior do que a nossa fronteira política actual e, na parte correspondente às Honduras, muito mais do que a fronteira actual do nosso País. Geralmente, quando se fala dos maias, entendemos imediatamente todo esse aglomerado e as fronteiras políticas. E os que estudam a cultura maia, a civilização maia, fazem-no da seguinte forma, por exemplo, começam em Sacoleio descendo a todas as cidades até Santos, a Todos-os-Santos. A principal é a cidade de Tikal. Tikal é uma grande cidade que, indubitavelmente, nos apresenta problemas que não têm solução. Quando estamos em Tikal, frente às imensas pirâmides de 80 a 90 metros de altura que são verdadeiros arranha-céus, perguntamos de onde teriam vindo os construtores que as fizeram. É indubitável que na cidade Tikal devem ter vivido pelo menos 500 mil pessoas. E não ficaram rastros dos seus habitantes, não restam cadáveres, não restam elementos que nos informem para onde foi essa população. Deve dizer-se que as grandes cidades que encontramos como Tikal, Quirigua, Sacoleio ou Yucatán se chamavam cidades cerimoniais. Nestas cidades cerimoniais só se faziam as cerimónias. Os indígenas viviam dispersos pelos montes ou pelos barrancos, mas sempre perto das suas sementeiras. Só nas grandes festividades, festividades realizadas com grandes sacrifícios humanos, se deslocavam às cidades cerimoniais. E o desenvolvimento da cultura maia é tal que em Coban podemos encontrar na actualidade lugares que se mostram aos visitantes onde quase todas as casas dispõem de água potável e têm esgotos por onde saem as águas sujas. Quer dizer, dois mil anos antes de Crie-

Conversa a três com Miguel Angel Asturias, em que intervieram, pelo «Diário de Lisboa», José Fernandes Fafe e Manuel de Azevedo

com que todos os indígenas tenham comprado esse aparelho e o escutem. A Rádio Nacional dá muitas vezes instruções, sobre a forma de cultivar a terra e o índio ouvindo essas instruções, acredita que vêm do ar, que vêm do céu, e segue-as, o que está permitindo uma reforma muito interessante, embora talvez não profunda, mas uma reforma que tornará possível uma maior produção agrícola e melhores condições de vida para o próprio índio. O problema indígena é um problema muito singular em todos os países onde existe este tipo de população: no México, na Guatemala, no Peru, na Bolívia e no Equador. Creio que os problemas indígenas se podem resolver facilmente no dia em que se dê ao índio a terra para cultivá-la como produtor.

nado, e cooperativas que lhe facilitem empréstimos para que produza mais do que consome. Há um facto muito importante que deve considerar-se: É fácil fazer uma cooperativa indígena dado que os índios através dos séculos possuíram sempre as suas propriedades em comunidade. As comunidades indígenas ainda existem e algumas são donas de grandes extensões de terreno que cultivam a terra comunitariamente e repartem os lucros do que produzem. Quer dizer, nós temos o problema de populações habituadas a terem as suas próprias terras e que se habituaram à vida comunitária. Creio que a Guatemala e os outros países que têm indígenas podem transformar o indígena num elemento mais positivo para as nossas economias, e que teremos um apoio



to já a cultura maia dispunha desta espécie de comodidades. Aparte isto, no museu de Coban e também no museu de Tikol podemos observar cranios indígenas, que por certo pertencem a chefes, com incrustações dentais de jade ou de outras pedras preciosas, o que significa que conheciam perfeitamente a prótese dentária.

J. F. FAFE — Também os há no museu da Cidade de Guatemala

M. A. ASTÚRIAS — Na Cidade de Guatemala também existem algumas dessas coisas. Voltando à pergunta, direi que a área maia é muito mais ampla do que as fronteiras actuais, e deve dizer-se que na Guatemala e em todos os países latino-americanos todas as fronteiras são fronteiras artificiais. Os cinco países da área maia, que formaram um só até 1830 quando principiou a desmembrar-se o reino da Guatemala, tornaram-se cinco pequenas repúblicas que agora estão tentando refazer-se economicamente.

J. F. FAFE — É o mesmo problema de África...

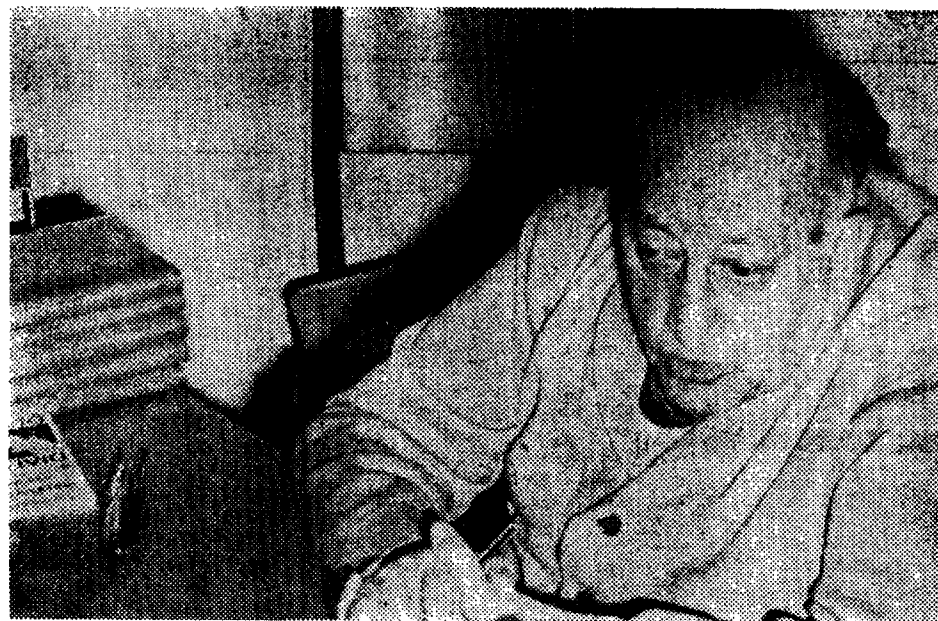
M. A. ASTÚRIAS — Sim, Sim.

MANUEL DE AZEVEDO — Pensa que seria favorável a longo prazo uma redistribuição das fronteiras de um modo mais lógico ou parece-lhe utópico?

M. A. ASTÚRIAS — Parece-me absolutamente utópico no que se refere à fronteira que existe com o México. Nas outras fronteiras não, porque o mercado comum centro-americano, com todas as facilidades e todos os aspectos negativos, digamos assim, está nos permitindo uma reintegração na vida nacional, e nessas condições, a fronteira pela parte Norte será a fronteira da Guatemala com o México, mas pela parte Sul não haverá fronteiras, chegaremos até ao Panamá, que será a fronteira das cinco repúblicas.

J. F. FAFE — Na zona onde estive, na Cidade de Guatemala, Chichicastenango, a presença norte-americana não era muito visível, para um turista não era muito visível. Mas, como sabemos, depois de Estrada Cabrera, o «Senhor Presidente», os capitais norte-americanos penetraram profundamente na Guatemala. Em que estado se encontram hoje as relações económicas e políticas da Guatemala com os Estados Unidos?

M. A. ASTÚRIAS — Para falar da penetração de capitais norte-americanos na Guatemala, não podemos referir-nos apenas à Guatemala, teremos que falar, sim, de toda a América Latina. Deve dizer-se que o imperialismo nasce por volta de 1898. Ele nasce no momento em que Estrada Cabrera entra para o Governo da Guatemala. E Estrada Cabrera procura prolongar os seus períodos presidenciais. Quer dizer, ele entra em 1898, início do primeiro período. Quando termina esse primeiro período, antes dos contratos dos Caminhos de Ferro,



com a companhia norte-americana o nosso caminho de ferro estava construído até ao porto de S. José. Cabrera cede os nossos caminhos de ferro numa extensão de mais de mil e duzentos quilómetros em troca do apoio à sua candidatura para continuar o Governo. Cede terrenos paralelos às vias férreas, cede ao mesmo tempo uma grande praça que existe em Guatemala para instalação da Estação Central, cede grandes porções de terreno para armazenagem de madeira, porque nessa altura alimentavam-se os caminhos de ferro com lenha ou com carvão. Este foi o primeiro desastre nacional cometido por Estrada Cabrera ao ceder os nossos caminhos de ferro. E de pasmar que para esta concessão exista um contrato assinado por Estrada Cabrera em 1904, contrato pelo qual entregamos os nossos caminhos de ferro e a companhia norte-americana se compromete a construir uns cento e vinte quilómetros que faltavam desde o Atlântico à capital. Não obstante, segundo o contrato ao fim de 99 anos, temos de comprar os caminhos de ferro de acordo com o inventário que essa companhia nos apresenta. Quer dizer: oferecemos os caminhos de ferro a uma companhia à qual, 99 anos depois, éramos obrigados a comprar os mesmos caminhos de ferro. Devemos esclarecer que não foram só os norte-americanos os culpados desta penetração, mas também e sobretudo os maus governos como os de Estrada Cabrera que o facilitaram, pois ofereceram numa bandeja de prata as nossas riquezas para que as explorassem. Não o povo norte-americano, naturalmente, mas os grandes trusts norte-americanos que nessa época absorveram como a maior das voracidades as maiores riquezas de toda a América Latina. No momento actual, as relações económicas entre a América do Norte e os países da América Central, e no caso da Guatemala estas relações foram perturbadas quase sempre pelos trusts norte-americanos, como a Electric Company, a Companhia de Electricidade, a Companhia dos Caminhos de Ferro, etc.

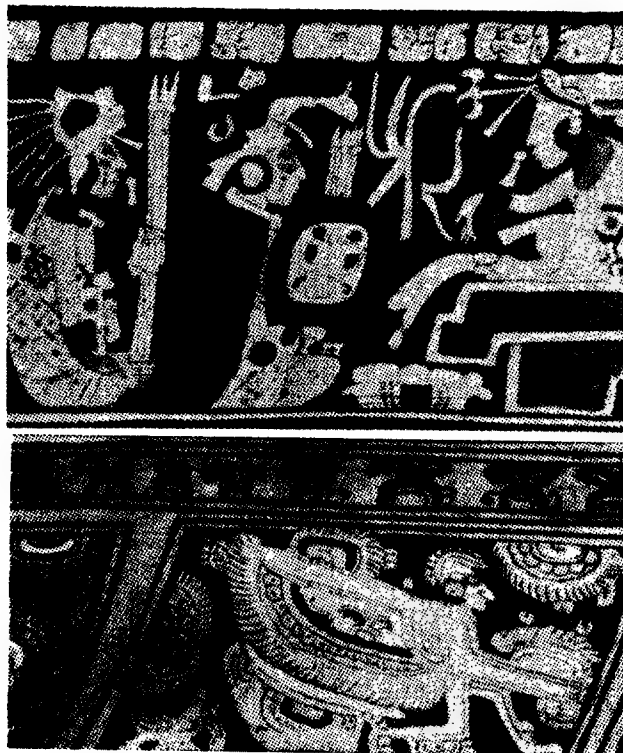
Os Governos da Revolução (Arevalo, Arbenz) enfrentam a companhia (United Fruit) para que cumpram as leis da República porque era uma companhia que em seus territórios não permitia que circulasse a moeda guatemalteca que equivale exactamente ao dólar, mas sim tinha de circular o dólar; não permitia que se arvorasse a nossa bandeira mas só a dos Estados Unidos; não

permitia que se falasse o espanhol mas o inglês, os nossos livros que circulavam na área da companhia eram em inglês e editados em Boston. Quer dizer, todas estas arbitrariedades se exerciam quando chegou o governo da Revolução. Este disse à companhia: pois bem vós sois uma companhia que actua num país livre e independente e por isso terão que cumprir as leis desse país. Aqui começam os choques com os norte-americanos dos Governos de Arevalo e Arbenz. A seguir vem a Lei Agrária, divisão de terras. Nesse momento o Governo da Guatemala teve de tomar algumas das terras de United Fruit e para tomar estas terras pagou efectivamente 18 milhões de dólares, porque a Companhia tinha declarado o valor dessas terras em 18 milhões de dólares. Mas o que pede a companhia? A companhia diz que não valem 18 milhões de dólares e que o valor das terras se calcula em 42 ou 50 milhões de dólares. O Governo opõe-se, reúne um tribunal na jurisdição da Guatemala e o tribunal declara que se estava a pagar um imposto correspondente a 18 milhões de dólares é isso que terão a receber. Sem embargo, o Governo dos Estados Unidos no qual estava nesse momento Foster Dulles que tinha interesses na Companhia Fruteira, o Governo dos Estados Unidos declara que não aceita a decisão do tribunal da Guatemala e quer que se lhe pague os 50 milhões, argumentando que não se trata de um assunto jurisdicional que corresponde à justiça mas a um plano puramente diplomático.

A companhia fruteira obtém uma grande quantidade de vantagens com o novo Governo (Carrillo Armes) e tudo isto terá forma num diferendo no qual voltam a ser tratados os nossos interesses nacionais em proveito do grande trust. Mas ocorre o facto de por razões de qualidade a companhia fruteira transferir a sua produção para a parte Norte das Honduras e algumas Repúblicas do sul. A companhia fruteira dedica-se agora à produção de banana, algodão e de gado. Quer dizer que a situação se tornou mais favorável para nós. Deve notar-se também que quando se fala do problema dos frutos através dos jornais se avoluma muito e se faz muito de sensacional, porque na realidade, 7% da nossa produção corresponde à produção de bananas da companhia fruteira. O nosso produto principal é o café (de que produzimos cerca de 2 milhões de

quintais anuais), depois temos algodão, temos fruta, flores, etc., e a companhia fruteira só alcançava 7% da produção total. Ora bem, como acontece muitas vezes é o mesmo que se passa com *El Papa Verde* da novela, a companhia fruteira instalada na Guatemala começa a exercer um domínio político, bancário, económico e naturalmente já pesa muito sobre os interesses de uma República como se dizia outrora se intitulava de interesses limitados.

M. DE AZEVEDO — Não sei se considera que já respondeu à quarta questão: qual é a significação histórica dos Governos de Arevalo e Arbenz?



As artes «maya» e «azteca» dão-nos a medida do grau das civilizações índias pré-colombianas

M. A. ASTÚRIAS — Sim quero dizer algo mais. Através de muitos anos de governos guatemaltecos estes tinham sido quase todos terrivelmente ditatoriais, tal como o Governo de Estrada Cabrera que durou 22 anos e o Governo de Jorge Ubico que durou 11 anos que começou no ano 33 e foi derrotado no ano 44. Após a queda de Ubico instalou-se o primeiro Governo da Revolução que corresponde ao dr. José Arevalo que era um humanista que leccionava classes na Universidade de La Plata na Argentina. Aí se encontrava quando da candidatura para presidente. Arevalo trouxe com ele um ar fresco, por assim dizer, renovado, o ar dum professor, de um transformador da República, criando novas leis.

Na Guatemala não existiam as leis de segurança social. Criam-se, então. Não havia Código de Trabalho.

Não existiam tribunais de trabalho onde se discutissem os assuntos entre patrões e empregados e também se criam esses tribunais. Quer dizer, o Governo de Arevalo dá as bases totais para uma República de tipo moderno, capitalista de tipo moderno, e muitas das reformas que na Guatemala foram grandes novidades eram reformas que já existiam em muitos países do mundo, desde 1815, sobretudo em Inglaterra ou em França. E o dr. Arevalo realiza tudo isso ao mesmo tempo e volta a dar a autonomia à Universidade, devolve todos os bens à Universidade, que é uma Universidade muito rica, e cria dentro da Universidade as Faculdades de Letras ou Humanidades, a Faculdade de Agronomia que não tínhamos, a Faculdade de Química pois só havia Farmácia. Reforma totalmente a Universidade. E no campo das relações humanas suprime totalmente todo o aparato militar existente, mantém as forças armadas abertas a todos os cidadãos, e dá a impressão exacta do que deve ser um Governo democrático, em que toda a gente colabora. E depois Arevalo faz eleições livres, o coronel Ar-

dena a Guatemala como um pião do comunismo internacional, faz-se todo um conclave à volta do assunto até preparar a invasão para salvar o nosso país que ameaçava o Canal de Panamá de um lado e do outro o petróleo do Texas com os nossos imensos canhões. Vemos como se monta um aparato dos mais tremendos, assistimos sem meios para nos defendermos, assistimos a esta situação, e por fim cai o Governo do coronel Arbenz. Todos vamos para o exílio, passam-se muitos anos até que em 1966 houve eleições e nestas eleições foi eleito como candidato da oposição o dr. Mendez Montenegro.

M. DE AZEVEDO — Agora talvez nos interessasse falar um pouco de coisas mais recentes. E portanto pedíamos-lhe que nos dissesse se, por exemplo, nos pode fazer um balanço, embora provisório, do governo de Mendez Montenegro, quer dizer, das suas realizações.

M. A. ASTÚRIAS — Creio que o Governo de Mendez Montenegro é um Governo que terá um balanço positivo. Não o digo porque seja embaixador de Mendez Montenegro, mas porque se se considerar o futuro, quando se encara a perspectiva histórica, e apesar de tantas dificuldades, será positivo. Mendez Montenegro entrou para o Governo, como dissemos, porque o povo disse não ao Governo militar que existia de facto e aos candidatos militares que se apresentaram às eleições. Isto foi uma surpresa para eles. Não esperavam o triunfo de Mendez Montenegro e, naturalmente, começaram a fazer pressões. Uma camarilha pressionou constantemente toda a primeira fase do Governo de Mendez Montenegro, até ao momento em que ele resolveu libertar-se do ministro da Defesa e de outros chefes militares. Ao fim de quatro anos tomou o Governo na realidade. Creio que a parte que Montenegro deixará de positivo é claramente a da construção de habitações populares e de escolas. Ultimamente construímos quase uma escola diária ou terminávamos uma escola diária, pois é do que mais necessitamos. E quanto a habitações populares, tem-se procurado acabar com os bairros de miséria, as favelas, os bairros de grandes aglomerações, para substituí-los por casas um pouco mais cómodas, embora não tenhamos podido fazer grandes edifícios em altura. Mas já se está a tentar resolver o que nestes países é de suma dificuldade. Sobre tudo temos tido o problema da luta interna, essa guerra intestina, armada entre o que se chama uma mão e a outra mão. São resíduos de um barbarismo que não existia na Guatemala. Creio que é uma espécie de Mafia, uma espécie de luta de «gangsters», pois não me parece que tenha carácter político uma luta de assassínios e crimes. A violência de certos países não vai resolver os nossos problemas. Cada país tem as suas formas de resolver

Cont. na pág. 11

O «Marketing»

As técnicas de direcção

Cont. da pág. 5

temas de distribuição, a administração, o mundo financeiro, o mundo da prescrição. Entre estes diferentes mundos existem relações cuja aproximação objectiva é agora possível, o que permite falar de um mercado total e orgânico e a empresa enfrenta e dentro do qual deve articular as suas decisões, pensando essencialmente na sua unidade.

Não se pode pretender ter uma política de preços elevados e uma distribuição não selectiva. Não se pode impunemente afirmar uma promessa que o produto a vender seja incapaz de cumprir. Não se pode, a pretexto de política de marca criadora de procura, ter um comportamento de desprezo para com o aparelho de distribuição.

Malbarata-se o dinheiro da empresa, pretendendo dar pela publicidade uma imagem jovem e moderna, quando os produtos são envelhecidos e não renovados.

As técnicas do marketing dão uma aproximação objectivável, racional e previsível do meio-ambiente da empresa.

UM NOVO TIPO DE HOMENS

Analisar a procura, prevê-la, tomar infinitas precauções e, depois, agir com conhecimento de causa e com vigor, é tudo quanto um homem do marketing deve poder fazer. Ora, as qualidades de estudo e de reflexão são tradicionalmente opostas às qualidades do homem de acção na tradição francesa. O marketing exige a reconciliação da prudência com a acção e

a audácia e da imaginação na acção. Esta reconciliação implica uma certa atitude perante a vida, a qual pode ser caracterizada pela mentalidade de acção do futuro e, portanto, pela tranquila aceitação do facto de que o meio-ambiente que cerca a empresa está, por definição, em contínua evolução, em mudança, em mutações bruscas.

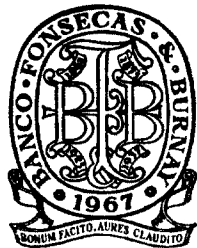
Um estado de espírito conquistado frente ao futuro, o manejo de técnicas de previsão e de tomadas de decisão, uma permanente capacidade de organizar a delegação e o consequente «controle», uma aptidão para pensar os problemas do presente à luz do futuro, é isso que define as qualidades do «empresário» moderno que vive os problemas internos da sua empresa, à luz da verdade dos mercados sobre os quais a sua empresa se lança.

O ponto de encontro do marketing e da gestão das empresas está precisamente na construção de que as empresas só vivem e progredem, se estiverem voltadas para os seus mercados. Feita esta constatação, resta adaptar-se mentalmente aos imperativos de uma maneira nova de dirigir as empresas em expansão, daquilo a que se chama a gestão das empresas. Isso supõe um esforço contínuo sobre si mesmo, uma abertura inafatável para o que se passa no mundo e na profissão que se exerce, uma vontade de pôr em causa o saber adquirido e de não confundir rotina e prudência a pretexto de experiência.

ALFRED DENNER
Presidente do Instituto Superior de Marketing

descanso no EXTRACTO DIÁRIO

JOMA 88-3



Não faça contas:
Tem ao seu alcance a mais actualizada técnica de contabilidade. Siga, diariamente, a evolução da sua conta: qualquer movimento lhe será comunicado.

HOJE AMANHÃ SEMPRE
Receberá em sua casa - gratuitamente - o seu extracto diário.

BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente

Economia: balanço de 1969

Cont. da pág. 1

cional que o diga). (1) Nesta viagem não se pode deixar de parar em Itália. O que por lá vai não é susceptível de se resumir ao que corre pelos jornais. Somos muito «franceses» e, por vezes, não damos o devido relevo a outras coordenadas geográficas. Mas se somos «franceses», somos também «europeus» e «ocidentais» e, nestes balanços, corre-se o risco de esquecer o «resto». Que dizer da «década do desenvolvimento», em que houve UNCTADs, e comissões, e bancos (com experimentados e conhecedores McNamara a dirigir importante parcela canalizável para desenvolvimento de subdesenvolvidos)? Poderá negar-se que terminou pior o ano, e a década, do que começou? Poderá recusar-se que o abismo se mantém entre países e populações? Não é de bom agouro que já se tivesse proposto que a próxima década se chamasse do... desenvolvimento. O que vale é que não deve iludir muita gente, e parece que vai crescendo uma certa lucidez sobre as formas em que cabe um verdadeiro desenvolvimento. Por isso um optimista dirá que foi uma boa década, com «Alianças para o Progresso» e quejandos «slogans». Desenganou quem não se queria desenganar por si.

Neste contexto (pelo menos foi este o que resultou do interesse com que viemos acompanhando a vida sociopolítico-económica), neste contexto correu o 1969 «português». Então sobre «ele» muito havia a dizer. Foi evolução, continuidade, renovação, liberalização, tecnocracia a afirmar-se, neocapitalismo nascente, descompressão, estagnação, reforço de fundamentos reaccionários com pinceladas em fachada progressiva? Que cada um escolha ou junte a sua achega. O que não há dúvida é que foi um ano «medido» e, neste balanço, vamos procurar ficar tão-só pelo inventário de algumas das características mais marcantes.

Desde logo, o contexto não se pode dizer que tenha facilitado o 1969 «português», no aspecto económico. As medidas monetárias funcionaram ao contrário: desvalorizou a «moeda e das remessas dos emigrantes» e revalorizou a «moeda das importações». Por outro lado, parece que a Europa se prepara para andar um bocadinho mais depressa no que nos diz respeito; entricheirados no anexo G do Tratado de Estocolmo, não foi ele aproveitado, e vai-se partir para eventuais negociações de concerto europeu na mesma (pior) situação de ter de conseguir tratamento de excepção.

Depois, há, durante este ano, a afirmação consciente e responsável que se teria chegado à exaustão de um «modelo» de política económica, baseado em baixos custos, baixa produtividade, baixos salários, necessidades mantidas em

níveis não promovidos, procura de margens para investimento em lenta criação de potencial produtivo sem sobressaltos sociais. O III Plano não recuperou, ao que se estima de indicadores acessíveis, do difícil arranque de 1968, e poder-se-ia perguntar se terá mesmo chegado a arrancar. A agricultura voltou ao «mau tempo» com o regresso ao assento colocado nas condições meteorológicas como responsáveis pelos resultados do sector. Na indústria, a quebra no investimento atingiu aspectos de clara gravidade. Nos serviços, o turismo ofereceu números que tiveram de ser considerados como preocupantes, com «tendências recessivas» e «síntomas de crise».

Ainda há o problema dos preços, mantendo-se a pressão da procura que decerto se virá a intensificar com os aumentos ao funcionalismo, com geral propensão elevada para o consumo como resposta a mais uns escudos no orçamento familiar. Parece-nos, mesmo, que a situação, que não se compôs durante o ano, tenderá a não abrandar.

Este balanço, que começámos por afirmar que resulta da particular atenção com que olhámos para as «crises económicas», também serve para nós próprios verificarmos o que é que ficou agarrado a nós como significativo do ano que termina. Nesse sentido, parece-nos de não deixar de referir o anúncio da criação

de uma empresa pública e a legislação sobre a fiscalização das sociedades anónimas. Ficam duas dúvidas numa pergunta que parece que o passado da política económica portuguesa bem justifica: Serão as empresas públicas tentativas a prosseguir para a reanimação da economia portuguesa, e será que a fiscalização legislativa nasceu mesmo para cumprir um papel na moralização de um tipo de sociedade que, em Portugal, tem sido instrumento de enorme elasticidade e manejabilidade?

Teremos feito um inventário não muito esperançoso? Talvez. Se passássemos ao «balanço» e ao «relatório e discriminação de contas» decerto poderíamos melhor fundamentar o que o inventário já revela.

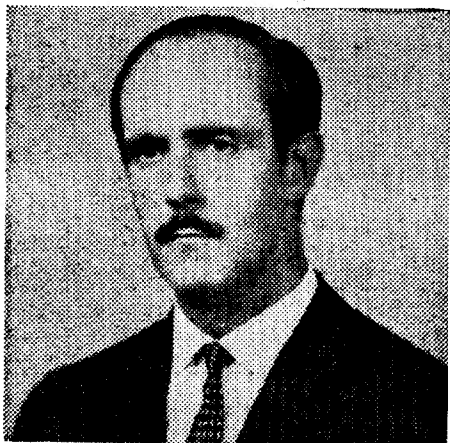
24 de Dezembro de 1969.

SÉRGIO RIBEIRO

(1) Depois de escrito este inventário temos este título «delicioso» na revista francesa «L'Expansion», de Dezembro de 1969 (Director-geral: Jean-Louis Servan-Schreiber):

COMO O TIO SAM COMPRA A EUROPA — Em 1969, 91 % dos investimentos americanos no mundo foram financiados por dinheiro não americano — por Robert Serravalle.

e a sociedade moderna



O que pensa do «marketing»?

Resposta de Fortes Ferreira

(Chefe de publicidade da S. C. de Cervejas)

«Marketing» será a racionalização consciente e programada de todos os conceitos convencionais da comercialização.

Essa acção englobará, portanto, todos os estádios do caminho do produto, desde a sondagem de opinião que determinará o seu fabrico até aos próprios serviços de após-venda, passando, naturalmente, pela qualidade, apresentação, custos, canais de distribuição, publicidade, técnica de vendas, etc.;

Em resumo: determinará racionalmente aquilo que se pode e o que se não deve fazer.

Resposta do dr. João Lopes

(Técnico da Agência de Publicidade «Latina»)

Sou avesso a definições. Penso que definir é reduzir, limitar. Por outro lado compreendo a necessidade de sistematizar: criar conceitos, já que eles podem contribuir para o entendimento entre os seres humanos. Não vou, portanto, dar uma definição do que me parece ser o «Marketing» mas, tão só, emitir algumas considerações sem pensar em gregos e troianos.

Tomemos a América do Norte, já que foi neste país que o «Marketing» nasceu, como ponto de partida para tentar explicar o que me parece ser o «Marketing». Vamos considerá-la como se fosse uma grande empresa que em determinado estágio da sua evolução se viu a braços com problemas de excesso de produção e, portanto de colocação de produtos. Vamos supor, ainda, que aqueles problemas foram a consequência dum deficiente esclarecimento dos objectivos da empresa e da sua política comercial. Ora, este estado de coisas, originou a criação de «stocks» desmedidos que não tiveram o esperado escoamento por carência de mercados para alguns dos produtos, isto é: a oferta tornou-se superior à procura. Poderíamos concluir que houve erros no planeamento económico de empresa. Estes erros vieram agravar e dificultar a acção da direcção comercial que não conseguiu descobrir processo de escoar o seu excedente de produção.

Posto o problema à administração da empresa, a esta dois caminhos se lhe depararam. O primeiro era a conversão de alguns sectores da empresa a outras formas de actividade comercial. O segundo caminho o da criação de um novo mercado ou a conquista de algum já existente que pudesse ser suficientemente rentável. Como a empresa era forte e podia aguardar uma oportunidade interessante, decidiu-se pela segunda alternativa.

A oportunidade surgiu quando outra empresa (muito menos poderosa) se viu obrigada a abandonar um mercado prometedor. E nesta altura que ela resolve tomar a posição da empresa anterior e se instala naquele mercado. Verifica-se, assim, que conseguiu, finalmente, realizar os seus objectivos estabelecendo o equilíbrio entre a procura e a oferta. Quando isto se consegue e se estabiliza num lucro óptimo durável pode dizer-se que se realizou «Marketing». É claro, um «Marketing» muito

especial. Para este caso não interessa demonstrar se as técnicas de «Marketing», isto é, tudo o que elaboradamente pode contribuir para uma informação completa sobre o mercado da procura e das possibilidades que a empresa tem de lhe poder corresponder com a equivalente oferta, foram devidamente aplicadas de modo a possibilitar a decisão final mais racional. A empresa podia suportar qualquer desgaste ou confronto até que o meio lhe fosse favorável.

Porém, isto acontece poucas vezes. E se, na verdade, alguns dos aspectos focados podem conter elementos de identificação com o que se passa ao nível de uma empresa real que subordine a sua acção a uma orientação «Marketing» o exemplo apenas serve para ilustrar que afinal o «Marketing» deve ser outra coisa. Falemos, agora de qualquer empresa anónima e visto que «alguns» com peso entendem que o «Marketing» é uma filosofia da prosperidade, vamos filosofar com vista a enquadrar o «Marketing» neste conceito.

O «Marketing» é resultante da necessidade da empresa se apetrechar melhor de modo a fazer face à concorrência que se faz sentir cada vez mais intensamente. Corresponde a um conceito



moderno, dinâmico de direcção. Parece-me que as técnicas de «Marketing» surgiram como consequência da passagem da economia tipo paternalista à economia moderna, dinâmica orientada no sentido do mercado. O mercado sendo o local da verdade para o produto é, também, o local da verdade para a empresa, daí a atenção que esta lhe concede.

A empresa moderna produz o que o mercado necessita e tenta despertar no consumidor o interesse para o seu produto utilizando todas as técnicas possíveis das quais se destaca, pelo significado de que se reveste a publicidade. Descobrir o que o mercado necessita está na base do desenvolvimento de certas técnicas de investigação (a informática é a mais recente) que no seu conjunto constituem aquilo a que chamamos técnicas de «Marketing» nas quais podemos incluir generosamente a Matemática, a Psicologia, a Estatística, a Sociologia, etc. etc.. No Marketing engloba-se tudo o que possa ser elaborado de modo a fornecer elementos úteis à empresa que permitam fazer a melhor programação das relações entre esta e o Mercado, tendo o lucro como objectivo.

Concluindo, creio que o «Marketing» é uma síntese de técnicas postas ao serviço dos objectivos de lucro das empresas e não uma filosofia. Se no «Marketing» há filosofia, estou em crer que esta se situa na sua ponta final, quero dizer quando o empresário tem que decidir e, por consequência chegou a hora da sua verdade.

mais



medalhas
de ouro
e prata

ESTES SÃO OS NOSSOS CAMPEÕES

XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA VINHA E DO VINHO BUCARESTE (ROMÉNIA)

Medalhas de Ouro: Sanguinhal Velho - tinto / Dão «Viriatius» - tinto / Dourem - branco / Licoroso de Portugal. Medalhas de Prata: Sanguinhal Fonseca - clarete / Menagem - tinto / Quinta do Convento - branco / Dourem - rosé / Brigadeiro - rosé / Saber - rosé / Brandy Bela. Medalhas de Bronze: Sanguinhal Fonseca - branco.

IV CONCURSO NACIONAL DE VINHOS ENGARRAFADOS

Medalhas de Ouro: Vinhos Doces de Mesa Brancos - Dourem - Fragal - Valdorio / Vinhos Rosé - Dourem - Fragal - Saber - Valdorio / Vinhos de Mesa Brancos - Dourem - Fragal - Menagem - Sanguinhal Velho - Sanguinhal Fonseca - Valdorio / Vinhos de Mesa Tintos - Dão Viriatius - Menagem - Quinta do Convento - Sanguinhal Fonseca. Medalhas de Prata: Licorosos - Vinho Licoroso de Portugal / Vinhos Doces de Mesa Brancos - Bela - Dourem / Vinhos Rosé - Dourem - Bela - Fragal / Vinhos de Mesa Tintos - Fragal - Fragal Ruby - Pérola da Índia - Sanguinhal Velho - Valdorio / Aguardentes - Brandy Bela - Severa. Menções Honrosas: Vinhos Rosé - Dourem Seco / Vinhos de Mesa Brancos - Quinta do Convento.

Soc. Com.
Abel Pereira da Fonseca,
s.a.r.l.



O «Marketing» — uma filosofia de acção?

O «marketing» ha «market», portanto, mercado. Concluir daí que o «marketing» é o estudo do mercado seria dar um sentido restritivo, e hoje ultrapassado, a um termo que abrange, simultaneamente, conceitos e métodos, mas também uma certa «filosofia de acção». As definições são múltiplas, mas todas elas traduzem as mesmas preocupações essenciais.

«O marketing é primeiro e fundamentalmente o facto, para uma empresa, de tomar todas as suas decisões à luz do mercado, em função da preocupação daquele que vai comprar, destruir e usufruir do produto que lhe destinam» (A. Denner).

«O marketing é uma concepção da empresa que não é somente construída para ser funcional do ponto de vista da produção, para que as suas engrenagens internas funcionem bem, sejam bem coordenadas, o que é a atitude convencional, mas que deve ser igualmente funcional em relação ao mercado presente e futuro» (O. Gelinier).

O mercado surge, pois, precisamente, como objectivo permanente da empresa; mas às noções de estudo e de satisfação das necessidades do consumidor, portanto, de criação e de produção em função dessas necessidades, o marketing, na sua moderna concepção, acrescenta outras noções, nomeadamente a de conquista, isto é, a vontade de expansão, a própria agressividade comercial e a noção de rentabilidade, portanto, de lucro.

«O marketing é um método científico de detecção e de conquista rentável do mercado da empresa» (H. Joannis).

Esta noção, ensinada na Escola Francesa de Altos Estudos Comerciais traduz essas diversas noções e põe em relevo, ao mesmo tempo, o aspecto científico que deve presidir ao estudo dos mercados, o espírito de conquista que engendra o dinamismo e a preocupação de rentabilidade, que conduz à procura do método óptimo, finalidade suprema da empresa.

Assim, o marketing aparece como uma «filosofia de acção» que, a todo o momento, deve impregnar todas as células da empresa, a todos os níveis da hierarquia. O varredor que se esforça por tornar acolhedor o hall de entrada e vela pela existência de prospectos, o embalador, que sugere um reforço das caixas para maior segurança do produto, têm o espírito marketing, ao mesmo título que o engenheiro, que procura tornar um produto mais funcional e o P. D. G., que se pre-

para para lançar um produto novo para satisfazer uma necessidade da sua clientela e melhorar a sua curva de lucros.

Interessa, pois, ao máximo que o chefe da empresa esteja, ele mesmo, muito imbuído desta «filosofia de acção», que é o marketing, que ele seja capaz mais de a transmitir que de a impor, de a fazer irradiar, para que se exprima em todos os actos de todos os seus colaboradores.

«Sem marketing não há management eficaz», disse ainda Octave Gelinier, de tal modo é verdadeiro que «o marketing é a locomotiva do desenvolvimento».

Para além dessas fórmulas, ao serviço desta «filosofia de acção», nasceram métodos e técnicas que foram fazendo aparecer progressivamente a necessidade de uma formação.

«Teremos de ir aos E. U. A. para aprendermos o marketing? Era esse um dos temas tratados nas décadas primeiras jornadas francesas do marketing, em Novembro passado, por uma mesa-redonda de seis especialistas, três dos quais formados em «business schools» americanas. Tratando-se dos conceitos e dos métodos, a resposta foi unanimemente negativa. Existem agora na Europa, e, nomeadamente, em França, escolas ou institutos capazes de garantir um ensino de valor sensivelmente igual ao das universidades americanas. No entanto, a mesma unanimidade surgiu nos especialistas, de formação diferente, para dizerem que, ao nível da aplicação era muito útil, indispensável mesmo, ir aos E. U. A. para travar conhecimento com o dinamismo americano, com a agressividade das empresas americanas ao nível do mercado, com a constante preocupação do lucro.

Assim, logo que se fala de marketing, quer de formação, quer de acção, vêm sempre à carga as mesmas palavras-mestras: estudo científico do mercado, detecção e análise das necessidades — convenientes ou não — do consumidor, procura e criação permanente de novos produtos, tendência a uma melhor satisfação do utente, dinamismo na aproximação do mercado, espírito de conquista, mas humildade perante o mercado, preocupação de rentabilidade, e, portanto, de eficácia, constante reexame das estruturas, tendo sempre por objectivo o lucro óptimo, o único que pode permitir novos estudos para benefício do consumidor e para criação de novas receitas.

M. R. CASTILLE,
director da International Marketing



José Maria Dinis Alves

Compre, escolha, prefira, decida-se! A publicidade persegue-nos. Na rua, através dos cartazes, nos jornais, através dos anúncios, em casa, através da Rádio e da Televisão. A publicidade é a maravilha ou o mal do século. Sobre esta obsessiva realidade do nosso tempo se pronunciam hoje quatro pessoas, escolhidas ao acaso da rua, no meio dos pregões, dos cartazes, dos gritos da publicidade...

UMA COISA ÚTIL

José Maria Dinis Alves, caldeireiro de cobre, estabelecido com uma pequena oficina na Rua do Loreto, considera a publicidade uma coisa útil:

— Sim, a publicidade é uma coisa útil, do ponto de vista comercial. Creio que sem publicidade não é possível desenvolvimento comercial.

— O senhor já utilizou a publicidade para o seu trabalho?

— Sim, já fiz alguma publicidade. Apenas em pequenos anúncios no «Diário de Notícias» ou

na lista dos telefones. Esses é que andam sempre por aí, atrás da gente... Não nos largam...

— Noutros locais nunca anunciou?

— Não, a publicidade custa muito dinheiro... Além disso, eu cá nunca ligo aos anúncios, não acredito muito... Compro sempre aquilo que entendo depois de experimentar. Bem vê: há muita publicidade que não condiz com o produto... Apreçoam muita coisa e depois, vai-se ver, é tudo uma desilusão.

— Acha que devia haver um organismo fiscalizador que impedisse isso?

— Acho que não. Se o produto não presta, mesmo que a publicidade diga muito bem dele, o comprador pega-lhe uma vez, mas nunca mais o torna a comprar.

UMA FORMA DE ALIENAÇÃO

O segundo entrevistado é um cidadão americano: William Fish. Há 18 meses em Lisboa (viveu em Boston e Nova York), é uma pessoa interessada em meios áudio-visuais, dos quais tem feito algumas demonstrações em Lisboa, nomeadamente no Clube de Teatro 1.º Acto, em Algués.

— Penso que a publicidade é o factor de maior importância no «controle» e domínio de uma sociedade. A publicidade é uma das razões pelas quais a América exerce o seu poderio no mundo contemporâneo. Não quer dizer

ao acaso da rua

O que pensa da publicidade?

com isto que eu concorde com essa situação. Em geral, a publicidade é uma verdadeira forma de alienação, tal o seu poder atractivo e a sua capacidade de penetração. Na América a publicidade é quase uma actividade recreativa e os melhores anúncios, os mais produtivos, são os que recreiam o leitor ou o espectador, os que vão de encontro às suas necessidades de evasão.

Existe nos Estados Unidos um organismo fiscalizador dos anúncios, mas não tem força nenhuma.



William Fish

A sua acção limita-se quase exclusivamente aos géneros alimentícios.

William Fish acredita, entretanto, numa publicidade séria. E o que é mais: dentro de algum tempo, ele irá trabalhar no sector da publicidade em Portugal.

RARAMENTE ACREDITO...

D. Carmina Duarte, doméstica, afirma:

— Em parte, tenho boa opinião da publicidade. Mas nem de toda. Há alguma que acho um bocado maçadora.

— Qual?

— Agora não tenho presente... Mas olhe, às vezes aborreço-me ver tantos anúncios na Televisão. Ainda outro dia contei 18 seguidos.

— Costuma recorrer à publicidade, nas suas compras?

— Não... Uma ou outra vez, é claro, um detergente, uma pasta dentes... Mas raramente acredito no que dizem os anúncios. Se a gente fosse a acreditar em tudo o que se diz...



Francisco Correia Relvas

PRESSÃO SOBRE O CONSUMIDOR

Finalmente, o sr. Francisco Correia Relvas, geólogo, disse:

— A publicidade é o grande meio para vender tudo, embora muitas vezes não represente qualidade. Gostaria que a publicidade fosse um meio de ajudar as pessoas a fazerem a sua vida e não uma forma de protecção à sociedade capitalista e de pressão sobre o consumidor. A publicidade será uma grande arma de educação colectiva num mundo planificado e estruturado, mas não enquanto se mantiver a concorrência desenfreada em que hoje vivemos. Dentro de vinte anos — estou convencido — a publicidade, como hoje a conhecemos, terá morrido, porque as estruturas actuais soçobrarão.



Carmina Duarte

A concepção americana

Cont. da pág 5

dotadas de memória e aos magnetofones de secretária.

O novo conteúdo dado ao conceito de marketing teve já importantes repercussões sobre a estrutura das grandes empresas americanas. Com efeito, nesta óptica, a função marketing tende a suplantir todas as outras actividades da empresa, utilizando-as como meios e conferindo-lhes os seus objectivos. Por mais poderoso que possa ter sido até agora este conceito como factor de mudança, a sua futura eficácia repousa, contudo, na possibilidade que as empresas tiverem de desvendar as novas necessidades e gostos do mercado.

Na medida em que estes gostos e necessidades não surgirem de modo consciente ao nível dos futuros clientes, os inquéritos de mercado devem recorrer a técnicas cada vez mais evoluídas, nas quais se combinem elementos de ciências humanas e instrumentos estatísticos. Parece que é neste domínio, actualmente explorado por vários universitários (o dr. Green da Wharton School é um dos mais conhecidos) que reside o futuro da função marketing.

FRANCIS GIRAULT RICHARD FENWICK

A Guatemala no verbo de Asturias

Cont. da pág. central

os próprios problemas cada vez mais graves, na América do Norte, na América do Sul, no mundo inteiro. Mas na Guatemala posso afirmar que por meios violentos, com mortes e assassinios, não será possível reformar o país. A Guatemala tem sido um país fundamentalmente pacífico. A independência fez-se em paz com a Espanha, sem uma gota de sangue. Na nossa revolução principal, a Revolução Liberal que se fez em 1871, tão-pouco se derramou uma gota de sangue. Com a queda de Estrada Cabrera houve algumas mortes durante os oito dias de luta, mas não foi uma luta sangrenta. Não tivemos, pois, grandes hecatombes. Não temos sido um país de lutas intensas e tudo o que se fez pela violência é seguramente artificial.

J. F. FAFE — Tem algumas esperanças no desenvolvimento do Mercado Comum Centro-Americano, no sentido do progresso dos países da América Central?

M. A. ASTURIAS — Creio que o Mercado Comum Centro-Americano se organizou para dar mais actividade e movimento aos capitais estrangeiros. Mas paulatinamente esse mercado tem servido para o desenvolvimento das nossas pequenas indústrias, do nosso comércio e da nossa agricultura. Não é o mesmo produzir para 5 milhões de habitantes que tem a Guatemala dos quais seriam só 3 milhões de consumidores do que para 15 milhões que formam um mercado interno da América Central. Com o Mercado Comum apareceram as novas indústrias e todas estas indústrias abarcam já todo o território centro-americano. Verdadeiramente estas indústrias até agora são apenas de transformação, como por exemplo de fabricação de jantes para automóveis, e ainda que venham de fora todos os elementos já se faz a jante. É certo que toda esta actividade económica vai progredindo e esperamos que a recente luta entre Salvador e Honduras não prejudique a ex-

pansão do Mercado Comum Centro-Americano. Este facilita-nos as relações entre as cinco fronteiras que antes não existiam. A Guatemala neste caso especial é produtora de abundantes

gado Comum Centro-Americano, se continuar a desenvolver-se, irá permitir um melhoramento, um amplo melhoramento, na vida dos nossos povos. Devemos dizer que nos países como a

templação, de uma atitude perante a temporalidade e pouco activa. Portanto, de algum modo, tem que haver problemas entre este aspecto, digamos, de tipo operacional, do tipo do desen-

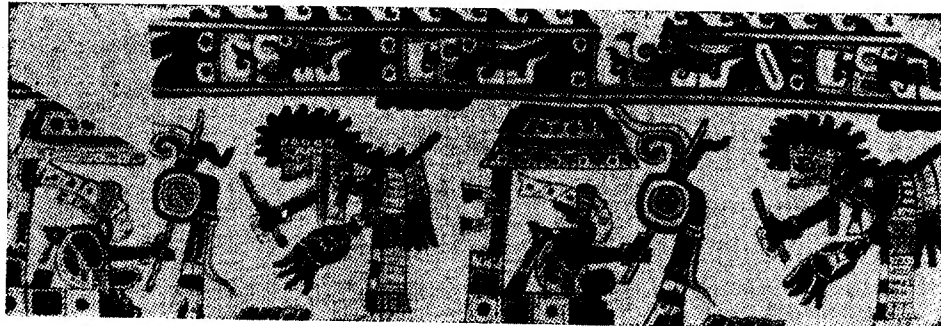
faziam a decoração e iam realizando a parte que lhes correspondia. Pode-se, pois, falar, em relação ao futuro, de uma possibilidade do Índio poder incorporar-se e harmonizar este aspecto da cultura maia.

M. DE AZEVEDO — Está a fazer-se alguma coisa pela evolução cultural e técnica do Índio?

M. A. ASTURIAS — Faz-se muito pouco, ainda. Mas geralmente, para os que trabalham em coisas de automóveis, por exemplo, não há escolas, nem há planos, não se planifica com vistas ao futuro. Criar a mão-de-obra nos países hispânicos, sobretudo para essas novas técnicas, é uma das tarefas principais que é necessário levar a efeito.

M. DE AZEVEDO — Tem esperanças no futuro da Guatemala? O que pensa de um desenvolvimento próximo futuro da Guatemala e dos países vizinhos?

M. A. ASTURIAS — Creio que o problema do futuro da América Latina está intimamente ligado ao futuro de quase todo o Mundo. Não podemos isolá-los. O Mundo pode contemplar a América Latina como o sítio onde pode ressurgir a cultura europeia. Penso que em nenhum outro lugar do Mundo está tão latente a cultura europeia e onde pode ter um novo alento como na América do Sul. Quando se vai à Europa vê-se que todos estes povos já são veneráveis e magníficos, mas dão-nos a impressão de uma cultura estática, de uma cultura que não se desenvolve, pelo



Decoração de uma peça: personagens com máscaras

legumes e abundantes frutas, que não se produzem por exemplo em Salvador ou que não há nas Honduras, pelo que será fácil que o nosso Índio, o nosso agricultor, passe a vender os seus produtos nesses mercados. E isto produz um intercâmbio económico importante. Creio que o Mer-

Guatemala se vive economicamente em quintaleiros, em casas isoladas, que aí vivia uma sociedade que não se movia, estática, mas agora com o Mercado Comum e com as novas indústrias que chegam, os elementos jovens, esta sociedade foi sacudida, já não são os senhores anteriores que vão dominando esta economia porque há novas formas de economia. Ao mesmo tempo isto permitirá a criação no futuro, indubitavelmente, do Mercado Comum Latino-Americano e então abarcar-se-á muito mais. Muita gente não confia no Mercado Comum Centro-Americano porque vê nele um processo de penetração do capital estrangeiro. Mas eu creio que apesar disso teremos maiores vantagens de qualquer maneira. Parece-me, pois, que economicamente, nos vai ajudar e que devemos tentar o seu desenvolvimento.

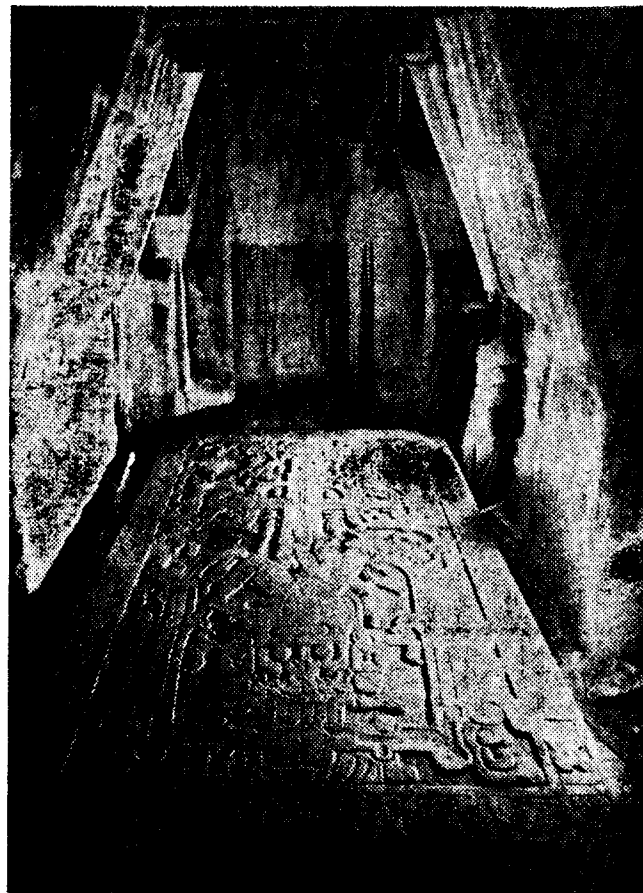
J. F. FAFE — Pensa que o Mercado Comum Centro-Americano facilitará a aglomeração dos pequenos Estados?

M. A. ASTURIAS — Para já, relativamente ao Mercado Comum não existem fronteiras; para já, também, existe teoricamente um peso centro-americano, o qual, embora não exista propriamente a moeda, nos traz certas compensações de carácter bancário. A Banca francesa e os industriais franceses mostram-se interessados porque já não se trata de um pequeno país, mas de mercados que podem interessar as suas inversões e atrair as suas indústrias.

J. F. FAFE — A pergunta final parece-me que devia versar sobre a cultura maia, os grandes conhecimentos de Asturias neste domínio torna a questão interessante. Nós sabemos que não há arranque sem uma mentalidade técnica. Mas isso põe um problema muito interessante que é o referido por Fanon, isto é, o problema de saber como se pode fazer uma mescla entre a tradição cultural que é uma espécie de memória dos povos e que não convém perder, e a mentalidade técnica de tipo ocidental, de tipo operacional e pragmático. Este é um problema que sempre se põe em relação às culturas tradicionais que não se podem perder, mas por outro lado há que fazer uma síntese de forma a haver uma articulação entre a mentalidade técnica e uma mentalidade, digamos, mágica. Por exemplo, a cultura maia está impregnada de con-

volvimento económico, com as coisas tradicionais de outro tipo. Que lhe parece?

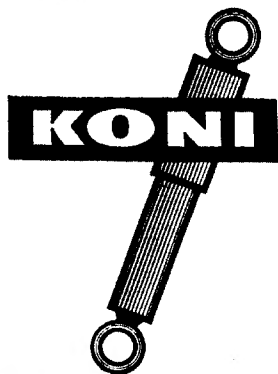
M. A. ASTURIAS — Eu penso que é um problema em que realmente devemos reflectir. Por experiência sabemos que os Índios são muito hábeis para o manejo de máquinas. Geralmente todos os empregados da companhia de electricidade e dos telefones da Guatemala são indígenas. Não sabem ler, mas são muito hábeis no que se refere a este aspecto técnico. São gente de mãos hábeis. E esta habilidade vem-lhes do facto de serem não só contemplativos mas também grandes construtores. Tenho a opinião de que os Espanhóis se não tivessem encontrado na América Latina a mão-de-obra já preparada, não teriam construído tantos palácios nem tantos templos porque teriam necessidade de trazer da Europa quem trabalhasse. En-



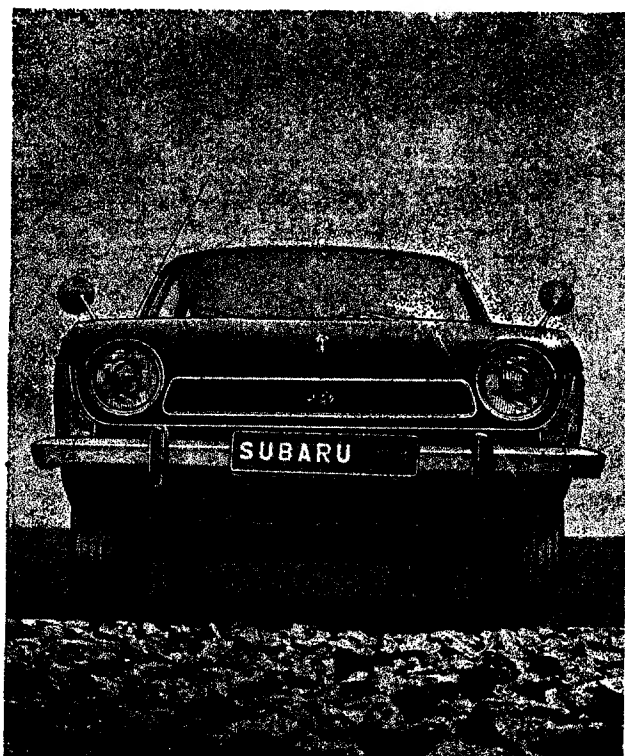
A cripta secreta de Palenque

contraram-na lá, pois encontraram o indígena que já era sábio das mãos para construir ou decorar os templos. Empregaram-nos no México, na Guatemala, etc. Nos vários templos é fácil encontrar ao lado do que é espanhol, religioso-católico, os animaizinhos e as plantas — as plantas e os animais são tabu para os indígenas. Quer dizer, eram eles directamente que

menos em face da violência dinâmica que se observava naqueles países. Por isso creio que a América Latina será, no futuro, como os países da Europa no seu desenvolvimento cultural, nas suas ideias, nas suas escolas e o que unicamente faltará será, indubitavelmente, provocar as mudanças estruturais que terão de realizar-se na América Latina.



ALCATIFA
AS
ESTRADAS



O
amortecedor
mais barato
por km.
percorrido

Distribuidores:

SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÔNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC · LISBOA
TEL. 56 0156

Negociar a longo prazo

Assiste-se a uma espécie de pré-negociação entre as duas Alemanhas. O chanceler Brandt parece firmemente decidido a conseguir uma verdadeira negociação. Em Paris, foi estabelecido o contacto entre o Partido Comunista e o Partido Socialista. Mantém-se, por enquanto, numa fase de «exploração», mas após uma primeira declaração comum, pouco a pouco, chegarão, sem dúvida, a uma discussão séria e concreta.

É evidente que as duas situações não são iguais, quer no que respeita às dificuldades a vencer, quer no que toca à própria política em causa. Entre os dois partidos franceses trata-se de retomar um diálogo assaz antigo que atingiu algumas vezes a meta da aliança. Na Alemanha trata-se de ultrapassar, pelo menos em parte, um antagonismo tanto mais fundamental na medida em que os dois Estados interlocutores foram criados e se desenvolveram um contra o outro. Em Paris, o êxito ou o fracasso influenciará de forma moderada, no imediato, os problemas franceses e terá alguma significação relativamente às eleições de 1973. Os resultados da partida em jogo entre Bonn e Berlim Oriental poderão ter teoricamente inúmeras repercussões no destino individual dos alemães, nas relações entre as duas partes da Europa e até no desenvolvimento do Mercado Comum.

Mas as similitudes não são menos fortes. Nos dois casos, o interlocutor não comunista actua sem ilusões face a uma potência ativa, intelectualmente «congelada», convicta de que a reaproximação é necessária quanto mais não seja para atenuar as dificuldades nascidas do isolamento e para contribuir para mudar a sorte de milhões de homens e de mulheres em nome dos quais falam os dirigentes comunistas, quer seja por mandato livremente concedido, como no caso do Partido Comunista Francês, quer por uma representação de facto, como no caso do sr. Ulbricht.

O P. C. F. é mais uma massa do que uma força. Mais do que criar e transformar ele controla e con-

serva. Mais do que des- pertar situações revolucionárias, prefere aumentar o número dos seus votos. Mas não revela como se poderá transformar a sociedade sem mudanças antecipadas. As velhas teorias baseiam tudo na possível existência de um programa. Não apreendeu a reflexão crítica acerca dos seus próprios fins, acerca da sua própria actuação. A sua intolerância destina-se menos a salvaguardar uma doutrina do que a defender uma posição intelectualmente confortável. Este conforto leva-o a uma atitude de silêncio, há mais de um ano, no que respeita à Checoslováquia, a fim de não encarar de frente o sucedido após a intervenção militar, que havia desaprovado: o esmagamento do socialismo na liberdade, que continua a reclamar para a França. Este silêncio representa, sem dúvida, um progresso relativamente à aprovação servil da época dos grandes processos em 1948-1952 ou da repressão de Budapeste, em 1956. Contudo tal facto não representa um elemento de atracção para os interlocutores sociais-democratas do Partido Comunista.

Ao mesmo tempo estes últimos sabem bem que o isolamento do Partido Comunista assegura, por tempo indefinido, a presença da direita no poder, com ou sem uma franja «avançada» sobre a esquerda. Devido à sua existência massiva, o Partido Comunista torna impossível o jogo de alternância no poder, praticado na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na Alemanha Ocidental. Reduzir a sua massa aumentando-lhe uma boa parte dos seus eleitores? Quem na esquerda pensa seriamente nessa hipótese, dado que só de Gaulle o conseguiu em parte, depois de 1945? Deixá-lo sistematicamente de parte equivale a submeter-se à dominação do centro-direita triunfante, e, acima de tudo, aceitar que sejam mantidas indefinidamente as bases sociais actuais do poder político. Com efeito, se nos interrogamos acerca do que significam ainda as palavras esquerda e direita, mais não temos do que atentar em benefício de

que minoria e em detrimento de que maioria jogam os mecanismos financeiros da construção, dos abonos de família ou do teatro.

Em larga medida, o Partido Comunista estertoriza os milhões de votos que recolhe, exclusivamente pelo facto de que é ele próprio que os recolhe. Mas será necessário por isso resignarmos-nos a que as aspirações desses eleitores não sejam satisfeitas, em particular a oposição a uma maior justiça e a uma igualdade real?

A República Democrática Alemã tornou-se uma força, mas uma força consciente das suas fraquezas.

O muro edificado em 1961 é mais sólido que nunca. De há quatro anos para cá não se abre mesmo no Natal para breves visitas familiares. As únicas viagens que se estimulam para a outra Alemanha são as dos reformados, os quais se desejaria que não regressassem. A R. D. A. não participou apenas na invasão da Checoslováquia: os seus dirigentes foram ainda os mais sensíveis ao perigo de contágio do que os soviéticos. Em comparação com a Hungria e mesmo com a Polónia, ela não sabe o que é o bosquejo de uma liberdade intelectual.

Ela é ao mesmo tempo um verdadeiro Estado, uma potência económica e um país cuja juventude recebe uma educação de facto marcada pela aprendizagem do ódio, mas também pela amplitude das possibilidades dadas a todos, pela qualidade da formação dispensada.

Para os sociais-democratas de Bonn não parece razoável deixar de lado esta outra Alemanha, se mais não for por que a solidariedade nacional cria responsabili-

dades para com os outros alemães, aqueles que se sentem oprimidos e que aspiram a reatar o contacto com o Ocidente, e com os seus jovens aos quais se poderia ajudar a descobrir um mundo que lhes permanece interdito.

Negociar com Walter Ulbricht e Willy Stoph é seguramente reconhecer um regime para cuja reprovção existem múltiplas razões. Mas é também o único meio possível de traduzir em factos a ideia de que existe ainda uma nação alemã. É também o meio de tornar razoável o debate interior à República Federal: a condenação global da Alemanha comunista favorecia tanto o «status quo» social como a política económica do «laissez faire».

Por outro lado, o sr. Brandt sabe bem que a negociação, supondo que chegue a encetá-la, não logrará imediatamente grandes resultados. Também o sr. Savary sabe que a negociação com o Partido Comunista, admitindo que ultrapasse o estágio da confrontação, terá como efeito magras acções de conjunto, para lá dos efeitos eleitorais.

Nos dois casos trata-se de um diálogo necessário, embora pouco fecundo e desagradável, de alguns pontos de vista. É o que o torna infecundo, que o torna também desagradável: a rigidez, a auto-satisfação, o antiliberalismo quase visceral dos dirigentes com os quais se é convidado a negociar.

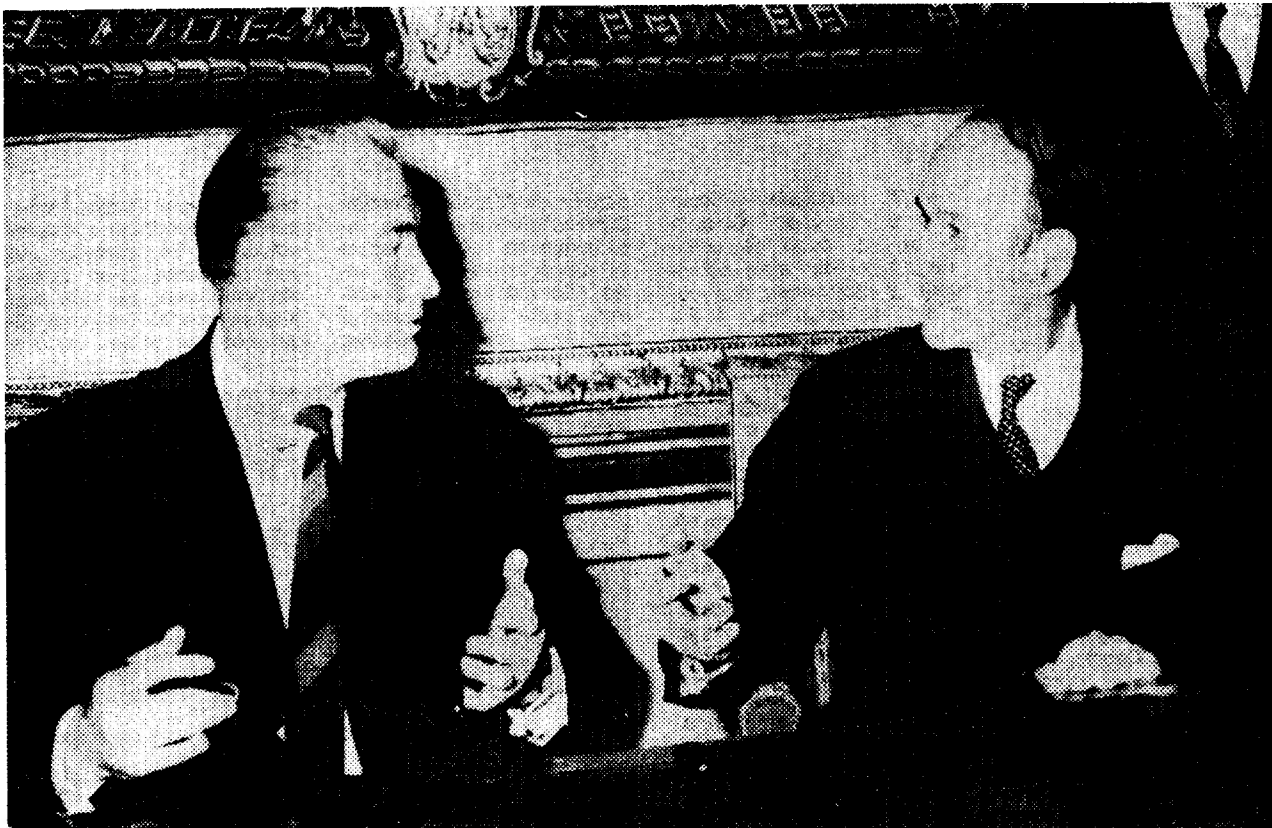
A aposta que se contrai então — e que é o único gerador de algum optimismo — consiste em que a longo prazo tornem-se como interlocutores dirigentes mais abertos. Mais abertos não só porque serão mais jovens e menos marcados por longos anos de autodu-

trinação, mas também porque terá havido o contacto da negociação prolongada.

Perspectivas mais animadoras? Mas quem pretende que a acção política deve necessariamente ser exaltante? A acção

de difícil e pouco entusiasmante não será preferível à ausência de acção que equivaleria, de todos os pontos de vista, a lançar o P. C. F. e a R. D. A. num isolamento infecundo?

ALFRED GROSSER



Valéry Giscard d'Estaing, ministro francês da Economia e Finanças, discute com um estadista húngaro os preparativos de um acordo comercial entre Paris e Budapeste. A abertura a Leste foi elemento característico da política gaulista. Mas até esse terreno foi já devassado pelo chanceler Willy Brandt, que detém instrumentos de decisão e de poder económico capazes de atrair atenções

A Tailândia ameaça retirar do Vietnam

Estes últimos dias constituíram uma experiência nova para o vice-presidente Spiro Agnew: não só por ser a primeira vez que foi à Ásia, como também porque as quatro primeiras etapas da sua viagem asiática representaram quatro espinhosos problemas diplomáticos.

Como se comportou ele em tal emergência? Parece que bem, tendo em conta a posição ambivalente da política asiática dos E. U. A. e agindo em função dela.

Na sua visita «imprevista» e previsível ao Vietnam, Agnew viu as tropas americanas em acção e pôde verificar os progressos da «vietnamização» do conflito. Além disso, avistou-se com Van Thieu.

Mas o principal objectivo da sua missão terá sido o de reforçar o ponto de vista da Administração Nixon: a guerra está a correr o melhor possível e a grande maioria do povo americano é favorável à sua continuação.

Nas Filipinas teve que explicar por que é que certos senadores consideravam necessárias as tropas filipinas estacionadas no Vietnam.

Ao que parece, na Formosa teve que explicar ao general Chang Kai Chek que as recentes aberturas americanas para com Pequim marcavam o começo de uma política calculada das «duas Chinãs». Segundo afirmou aos jornalistas, essa política deve-se ao desejo de apaziguar Pequim e de reduzir a tensão no Médio Oriente. Mas Agnew acrescentou que os E. U. A. cumpririam o seu tratado de protecção à Formosa e às Ilhas dos Pescadores.

Na Tailândia, o vice-presidente avistou-se com os generais que governam totalitariamente o país, apesar do Parlamento e do rei. Agnew chegou à Tailândia numa altura delicada para as relações entre os dois países, por causa das esperadas revelações da Comissão Symington sobre as vantagens financeiras concedidas pelos E. U. A. à Tailândia para que esta enviasse tropas para o Vietnam.

Tanto os dirigentes filipinos como os tailandeses rejeitam estas acusações. Thanat Khoman, ministro tailandês dos Negócios Estrangeiros, ameaçou retirar as tropas do Vietnam se os E. U. A. continuassem a «interpretar mal os sacrifícios do seu país».

A tendência de Spiro Agnew para os passos em falso revelou-se, de tempos a tempos, nesta «tourné». Mas o balanço geral foi satisfatório, o que se deve, decerto, ao aturado estudo a que o vice-presidente (como é tradicional nos dirigentes americanos que se deslocam ao estrangeiro) procedeu antes de iniciar a sua viagem.

J. F.



MESA REDONDA